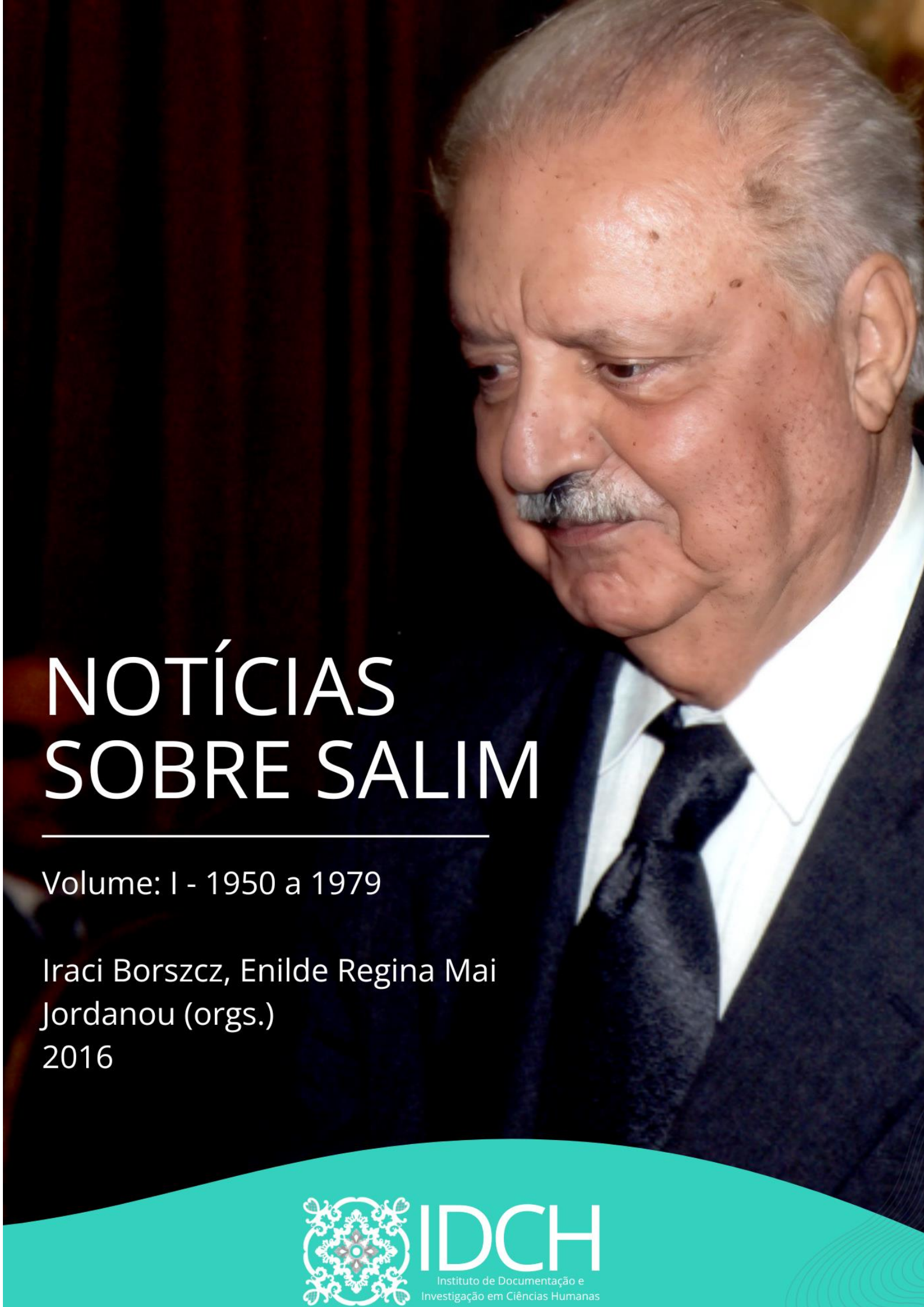


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, looking downwards. He is wearing a dark suit, a white shirt, and a dark tie. The background is dark and out of focus.

NOTÍCIAS SOBRE SALIM

Volume: I - 1950 a 1979

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Notícias Sobre Salim Miguel: Matérias, entrevistas, notas e comentários Volume 1: - 1950 a 1979

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação: Profª Drª: Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra.....	4
002: Depoimento de Salim Miguel ao suplemento "D"	5
003: A resposta do Salim	6
004 - Péricles Prade apresenta Salim Miguel.	7
005: A culpa dos Jovens	9
006: A culpa dos jovens	10
007: Fazem & dizem	11
008: Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar"	12
009: 6 Notícias catarinenses.	13
010: El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel.	14
011: Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel	15
012: Literatura.	16
013: Santa Catarina.....	17
014: A cultura em toda parte: dois romancistas novos.....	18
015: Escritor catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel.....	19
016: Revistas e jornais	21
017: Revistas e jornais	22
018: Sul	23
019: Literatura nos estados: Santa Catarina	24
020: Jornalista Salim Miguel	26
021: Salim Miguel. Correio Lageano	27
022: As propostas dos escritores para cultura democrática	28
023: Almoçando na Manchete.....	31
024: Salim, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada	32
025: Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes.....	33
026: O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida.....	34
027: Salim Miguel: Maktub – entrevista.	35
029: Salim Miguel - Entrevista.	37
030: Um ano de ficção: o escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto	38
031: Salim Miguel - Coluna Livro & Cultura.....	39
032: Jornalismo e literatura (principalmente) hoje na UFSC.....	40
033: Salim Miguel – Personagem.....	41
034: Informação geral.....	42
035: Salim e a nossa Biguaçú	43
036: Literaturas Estaduais	44

037: Miguel Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu"	45
038: Salim Miguel: "A morte do tenente e outras mortes"	46
039: O círculo da memória.....	47
040: Escritor catarinense empolgado pelo turismo	49
041: O que vamos ler	50
042: Catarinenses no festival	51
043: Zum-Zum: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento	52
044: Salim Miguel: natalício	53
045: Notas Sociais.....	54
046: Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense	55
047: Guidi fala a jornalistas sobre as obras de sua administração	56
Índice de Autores	57
Índice de Jornais	59
Índice por ano	61

001: Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra

GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7.



Salim Miguel é outro catarinense que o Rio absorveu gostosamente: o Rio ainda é, como sabeis, o ponto de encontro dos escritores brasileiros. Apesar de instalado entre cariocas, ele é, como Guido Wilmar Sassi, um catarinense pela obra, pois nela gravou a geografia e a gente de sua terra. Filho de libaneses, passou a infância em zonas de colonização alemã e açoriana (São Pedro de Alcântara, Rochadel e Biagüçu); autodidata tal qual seu companheiro de iniciação literária, como Guido Sassi também leu muito, intensa e tumultuadamente. Ficcionalista, procura trabalhar a palavra numa outra dimensão, descobrindo-lhe o sentido recôndito.

Até hoje Salim Miguel se lembra da primeira professora de português que teve, no Grupo Escolar de Biquarú, e do poeta cego J. M., que lhe deu as primeiras formas de livros. Tinha então dez anos, ou pouco mais, e já misturava Michel Zevaco e Kant, Schopenhauer e a Bíblia, Marx e Alan Kardec, O Anjo de Ouro, de Apuleio e o Satiricon, de Petronio, Swift e Sterne, Eça e Poe. Os estudos regulares, por causa de determinações com a matemática, ficaram inconclusos no segundo ano. Depois, vieram livros que marcaram o início — o Quilote, encase todo Stendhal, Tolstói, Dostoiévski, Thomas Mann, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Hermann Hesse, Thomas Hardy, Graciliano Ramos, e ainda mais tarde, a descoberta na moderna ficção norte-americana.

O autodidata prefere ler, mesmo sem orientação ou disciplina, até que, em Florianópolis, com o existencialismo e Sartre, procura, como tanta outra gente, um rumo. Chegam as longas noites, os esternos bate-papos, a procura de sonhos e a atividade literária. Ao mesmo tempo em que trabalha de caixa, junta-se a um grupo de jovens. Vira livreiro, jornalista e trabalha para uma pequena produtora cinematográfica.

Salim Miguel tem bem presente o clima daqueles tempos, de pesquisa, de tentativas frustradas, ou não, do aparecimento da chamada Geração 45, um rótulo, como todos os rótulos, sem maior validade ou significado.

A FUSTIGAÇÃO LITERÁRIA

Salim Miguel foi um dos iniciadores do movimento de renovação cultural e literária de Santa Catarina, participando do Grupo de Arte Moderna e fundando e dirigindo a revista e a editora Sul. O grupo começou em Florianópolis com um jornalinho datilografado — *Cleusa* — que passou a tablóide impresso e mudou de nome, sendo *Filha da Juventude*, ou na página literária e artística — *Página de Arte Moderna* — no jornal *O Estado*, que desembocou na revista *Sul*.

Durante 10 anos (1948-1958), o Grupo Sul movimentou o ambiente da terra, procurou novos caminhos para a atividade cultural e artística, debateu problemas, instigou e fustigou os donos da sabença local, realizou conferências e recitais, projeções de filmes-de-arte etc. E da revista *Sul* saíram 30 números, da editora, 20 títulos (entre romances, contos, ensaios, teatro, poesia). Depois da *Sul*, outras publicações de vida efêmera: *Literária*, *Ilha*, *Reflexo*, *BN*, *Idéias*, porém, para divulgar a mensagem e os nomes dos que Salim Miguel chama de novos-novos.

De lado aqueles tempos, tratamos da obra do catarinense. Seu primeiro livro de contos chamou-se *Velho e outros Contos* e apareceu em 1951. Dois anos, passados, lançou *Alguns Gente*, de histórias. *Réde*, um romance, é de 1953, ano em que faz a introdução e seleciona os trabalhos de A

Fonseca, volume poético, em prosa e verso, de Antônio Paladino. Em 1956 organiza, com Osvaldo Ferreira de Melo Filho, a antologia dos Contistas Novos de Santa Catarina. A partir de 1957, embora não tenha parado de escrever, só publica trabalhos esparsos, contos ou artigos de crítica literária, em órgãos especializados do país.

Chega à fase do interesse pelo cinema. Escreve, juntamente com Eglê Malheiros, sua mulher, o argumento do primeiro longa metragem rodado em Santa Catarina, *O Preço da Ilusão*. Durante sete anos, sem abandonar o jornalismo, dedica-se profissionalmente ao cinema.

Tem prontos para publicação: *O Primeiro Gêsto* (contos); *O Cordão Umbelical* (romance); *As Virtudes Fúteis* (três em três atos). Pretende trabalhar, se sobrar tempo, uma novela que chamará *Vindima Viva* (ou sairá uma peça? *Interroga-se*), drama de angústia e desespero de seis personagens, ligados numa sala, retrato de uma época, que se desenrola numa única noite de bebedeira e loucura soltas todas as amarras, nada mais se sabendo da vida de nenhum deles antes ou depois daquela noite que se fecha em si mesma. E mais: rescrever dois romances há muito abandonados: *Jornada*, sobre imigração, colonização e integração; e *Sesqueto das Neves*, poeta, retrato-síntese de uma geração, a sua.

TRANSÍTO E TABU

Não há como nem porque duvidar da validade e da vitalidade do conto que hoje se escreve no Brasil. Aliás, tem ele uma tradição firmada. Exemplos? Machado de Assis com sua disciplina interior, a sua paciência e o seu domínio do meter, o seu conhecimento da coisa literária, o seu poder de sugestão — e literatura é sugestão; Simões Lopes Neto e a reelaboração dos temas folclóricos; Afonso Arinos e a reelaboração e fixação do dialeto caboclo; Antônio de Alcântara Machado e o dialetismo urbano; Mário de Andrade, e a pesquisa formal levada até as últimas consequências, mesmo em prejuízo da obra literária como tal; Guimarães Rosa e a invenção de um mundo e de um idioma particular que nasce e morre com o autor; Marques Rebelo, com suas crianças e Donas Estrelas vivendo conflitos minúsculos que para elas resumem o mundo.

A força e a singularidade do conto de hoje, seu sentido de pesquisa formal, estilística e temática, está bem representado e expresso em nomes como Dalton Trevisan, José J. Veiga, Hélio Pólvora, Moreira Campos, Osman Lima, José Louzeiro, Samuel Rawet, Guido Wilmar Sassi. Dos mais novos, já com contribuição própria e maneira pessoal de encerrar a coisa literária e a problemática humana, citaria um Luiz Vilela, um Jozé Barrozo, um José Edison Gomes, um Flávio José Cardoso.

E com firmeza: — Só entre os editores o conto não encontra trânsito.

Crêiam um tabu — conto não vende nem é bem recebido pelos leitores — e acabou-se. O que lembra outro, o que diz que conto é mero caminho para o romance — esse persistiu durante muito tempo até entre escritores. Ora, e conto é um gênero literariamente tão válido como outro qualquer. É inteiro em si mesmo e em si mesmo se realiza. Bastaria citar um Maupassant ou Poe, um Tchecov ou Manfield, um Kafka, o Joyce de *Dublinenses*, um Borges ou Cortázar. Quanto ao fator aceitação, não pode ser levado a sério num país onde o livro é uma aventura, objeto de luxo, e onde a indústria editorial, só agora, parece, começa a deixar de engalhar e os editores passam a tratar o livro como outra mercadoria qualquer. Desde o momento em que a obra sai das mãos do autor, transforma-se em produto que exige bom tratamento — um bom acabamento, boa distribuição, melhor promoção, contróle de mercado — para que seja aceito e consumido. O problema de valorização da obra-de-arte como tal é outro, é posterior, requer o julgamento do tempo e do meio imponderáveis, independentemente da aceitação ou não por parte do público leitor.

De influências, não sabe. Nem acredita muito nelas — “já dizer mesmo taxativamente nem acredito nelas, não fosse o pavor que me provocam as afirmações taxativas. Então vamos, contraditoriamente, para outra afirmação taxativa: sou contra os dogmas e as afirmações taxativas”.

Voltando às influências:

— Me parece que o espanholo encurtamento das distâncias e a rapidez cada vez maior das intercomunicações transformam o mundo numa pequena província. Daí não me parece possível, hoje, como o foi ontem, medir e pesar influências, que se diluíam, se pulverizavam no fluxo e refluxo contínuo. Pode-se, talvez, constatar tendências, linhas-gênesis, forças que se afastam e se aproximam no tempo e no espaço, na maneira como encaram o mundo e o homem existencialmente.

A AGRESSÃO ARTÍSTICA

Salim Miguel entende que do conto como o praticava Maupassant até o conto como o imaginava Trevisan vai um longo caminho.

Diz-me-ão que Trevisan reinventa Kafka e Borges, digamos, à sua semelhança e maneira. Que Trevisan reelabora um Joyce curitibanesa. Que Trevisan, como ele mesmo declara, de síntese em síntese, nem vai acabar no sonho, vai acabar no verso. Nem isto, vai partir para o conto gráfico, para o sinal, a anotação ou contação. Que Trevisan se repete na sua ânsia de amarrar a notícia de jornal. Então aí, me parece, tendências, influências, confusões, estímulos e subestímulos de hoje.

— O conto-fingente o realismo mágico, e chamam * (ou

máquina-de-escrever) — Olho, e pura intrusão, o puro afastamento é alheamento do autor, a interpenetração de outras artes. Nenhum conto é só isto, mas tudo isto conjugado, misturado, fundido e transcendido. Em cada um há assinalação, oculto. Porém, existe, não só de conto, os contistas estão penetrando o novo conto. Ele se deixa contagiar pela ficção em geral.

O contista Salim Miguel não tem processo de criação nem método rígido de trabalho. Mesmo assim, contadora que arte é muito mais transpiração do que inspiração.

— E desde sempre — diz — procurei me orientar por uns quantos lemas: um — que a arte não é feita para agradar mas para agredir; dois — que o artista deve ser um eterno insatisfeito e incomformado; três — que talento e autenticidade são fundamentais; quatro — que inventar uma realidade é o mais importante do que criar uma realidade, desde que o autor tenha a força suficiente para insuflar vida a essa sua invenção; cinco — acredito que deve existir uma disciplina interior porém livre de quaisquer lances; e seis — que uma obra de arte não pode ser aprisionada em qualquer esquema, seja ele político, filosófico ou religioso, sem cair no perigo de se tornar parcial, facciosa. A mensagem, queira ou não o autor, está implícita nela mesma. Infelizmente, da teoria à prática vai um longo caminho. Ou, como disse um conhecido, “a teoria na prática é outra coisa”.

A OBRA E O AUTOR INCONTAMINADOS

Salim Miguel procura trabalhar a palavra numa dimensão para além da gramatical ou gráfica. Ele quer descobrir na palavra o sentido recôndito — e tenta sugerir, instigar.

— Não tem basta que situações e personagens, num texto mais ou menos coerente, surjam. Quero clima, quero sustentabilidade. Quero ir-lhe por dentro e por fora. Quero que eles sejam, existam, vivam, participem do mundo, compoñham um mundo, criem e / ou inventem seu mundo.

O criador fala agora de sua criação:

— De meus livros pouco posso dizer. Como experiência pessoal eles me desorientam. Não me satisfazem. Eram longos o que pretendo. Penso que o excesso de teorização (ou a teorização?) é um mal para o ficcionista. O autor deveria ir para a realidade, para a obra pura, incontaminada. Contando com a intuição que uma técnica pessoal que aos poucos vai adquirindo e dominando. E com a imaginação e a visão que tem do mundo e do homem.

Mais pessoal ainda e resumindo:

— Nos dois volumes de contos, os caminhos se sucedem. O estilo intencionalmente fraco, a invenção ou recriação do mundo através da fragmentação e da contação psicológica, a memória visual, gustativa, tátil, sensorial, a fusão do exterior e do interior — tudo isto na busca de uma maneira específica e particular de narrar e erguer as figuras e o meio ambiente, as situações e o clima, resultaram impressões e poucos impressos.

Muito mais feliz Salim Miguel, que vê renascer o gesto pela própria obra. Melhor dizendo: entusiasmo pela obra que realiza agora, mais segura de si e dos seus rumos. Apto a dar à literatura brasileira um conto novo, em linguagem sintética, a sua visão interior e exterior de um mundo que inventa ou recia.

A propósito, esperamos por seu romance *O Cordão Umbelical*, no qual tanta esperança põe esse filho de libanese que Santa Catarina deu ao Brasil.

CONTISTAS BRASILEIROS — 16

MIGUEL SALIM, UM FICcionista QUE BUSCA AS DIMENSÕES DA PALAVRA

Remy Gorga Filho

Depoimento de Salim Miguel ao Suplemento "D"

Soube que v. vai lançar um romance em breve?

1 — Concluí há pouco um romance, "O Cordão Umbilical", que está dependendo, ainda, de uma última (ou penúltima) retocada. Rompi, intencionalmente, com a estrutura tradicional do gênero. Desenrolando-se, simultaneamente, no Rio, em Florianópolis, em Biguaçu e em Campos (Est. do Rio), dividido em três partes, pretendi realizar, na primeira, um processo de gestação. A medida que o livro se desenvolve e cresce, a figura-chave da história mais vai, num processo inverso, se afundando no passado. E ela que começa falando como uma carioca que é ou julga ser, no final já mistura tudo, usa expressões idiomáticas, modismos e regionalismos muito nossos aqui da ilha, numa volta, num retorno inconsciente às raízes. Não existe uma história propriamente dita, bem comportada e convencional; existem fragmentos, histórias, casos e casos se entrelaçando, sugestões pendentes e interrompidas, insinuações, bloques, fusões de realidade, fantasia, memória, imaginação, coisa vivida e coisa imaginada, presente, passado e futuro, o mesmo fato retomado e alargado para resurgir mais adiante com outra visão, de outro ângulo e outras perspectivas. Ninguém repete um acontecimento da mesma forma. Distanciamento, momento psicológico que estamos vivendo, problemas que nos atingem — tudo isso importa e influi. E é isto que busco recriar. Continuo achando que ficção é sugestão, é invenção, é agressão. Sugestão no sentido de que o autor deve exigir a participação do leitor, não lhe entregando tudo mastigado. Invenção que pode — e deve — tornar-se mais real do que a realidade vivida e presente que temos diante dos olhos, dependendo da força do escritor e do seu poder de convencer e da autenticidade que ele consiga insuflar à sua criação. Por fim, a finalidade da arte não é agradar, mas agredir. O que não implica em desagradar...

Em que sentido a sua mudança da província para o Rio poderá ter influído nessa obra?

2 — Parece-me que o distanciamento de Florianópolis foi bené-

fico. A mudança para um centro maior ampliou horizontes, me fez ver tudo com outros olhos. Algum resultado dessa nova maneira de encarar a problemática existencial, humana e literária, já poderá ser observado nesse novo romance e em alguns contos.

Partilha da opinião de que o gênero romance está esgotado?

3 — O romance não está esgotado. Talvez esteja atravessando mais uma crise cíclica. Sofre, sem dúvida, o impacto dessa nossa era de transformações violentas, onde a palavra comunicação é o novo deus todo poderoso e onde os problemas chegam logo ao conhecimento de quase todos. Mas uma ficção (prefiro a palavra romance) que conta com nomes como Cortázar, Vargas Lloza, Borges, Arreola, Onetti, Rulfo, Fuentes, García Márquez, Asturias, Carpentier, Sábato, entre outros (para me referir só à literatura hispano-americana a meu ver a mais importante de todas no momento), está longe de se encontrar esgotada. Renovou o gênero, dando-lhe novas dimensões, outra profundidade. E nos outros países, mesmo no Brasil, se pesquisa e se procura uma abertura. Pode estar esgotado o romance convencional, que apenas dá o seu recado digestivo sem mexer com o leitor.

A literatura, em face do progresso tecnológico, está fadada a desaparecer para dar lugar a outra forma de comunicação?

4 — Parece-me que o conto brasileiro representa, no momento, melhor a literatura brasileira do que o romance. Volto a insistir aqui na palavra ficção, (que prefiro) tão do agrado de um Borges e que melhor caracteriza um Arreola, do que conto ou romance. Mas fiquemos nas denominações convencionais, por enquanto. Aqui mesmo temos bons romancistas. Da minha geração cito o Guido Wilmar Sassi. Depois dele, o Ricardo Hoffmann e o Miro Moraes, este último se encaixando perfeitamente na definição de ficcionista. No conto nacional, entre os mais significativos, Trevisan, J. Veiga, Edson Gomes, Rubem Fonseca, o catarinense Flávio José Cardoso, Hélio Pólvora, Moreira Campos, José Louseiro, Luis Vilela, Samuel Rawet, Osman Lins,

Juarez Barroso. Só os editores continuam não acreditando no gênero.

Por que a literatura de nosso tempo poderá sofrer, dentro em pouco, o desgaste do tempo? Seria porque é uma má literatura ou porque o fenômeno se explica pelo fato de essa literatura não falar aos tempos futuros?

5 — O aparecimento de uma grande floração de escritores é fenômeno que não se explica em poucas palavras. Existem numerosos condicionamentos (políticos, sociais, econômicos, filosóficos, etc.). Mas de repente nada disto importa. O que aqui é válido pode não o ser ali. Cumpre não confundir grande escritor com escritor de grande promoção. São coisas, quase sempre, diametralmente opostas. Mas também aqui as generalizações são falíveis. Ainda agora temos um exemplo: "Cem anos de Solidão", de Gabriel García Márquez, é sucesso internacional de público e é, ao mesmo tempo, obra da maior importância literária, considerada a obra mais significativa da literatura hispano-americana depois de "D. Quixote". Outro exemplo: muito embora a maior divulgação que estão tendo os escritores norte-americanos atuais e o valor de alguns nomes isoladamente, a grande geração que renovou a literatura mundial foi a de Hemingway, dos Pessós, Faulkner, etc. Também o poderio econômico tem a sua significação. Mas não tanto. Aqui também os dados nunca são definitivos, dogmáticos. Se não, como explicaríamos ser a literatura hispano-americana a mais significativa do momento, enquanto a dos Estados Unidos (para não falar na quase inexistente da União Soviética), as duas maiores potências atuais, pouco representam.

E a literatura provinciana, que nos diz dela?

6 — Pouco tenho acompanhado o movimento literário de Santa Catarina, embora dele não me desligue. Citaria, entre os mais novos, o trabalho de um Pisani, as pesquisas na ficção de um Raul Caldas, na poesia de um de Haro ou Bell, ou Ronaldo Schmidt, um Prade no ensaio ou um Jair Hamms na crônica, etc.

Mas penso que o grande fato novo, que poderia provocar um florescimento, é o incentivo que a UFSC vem dando às atividades culturais. Apenas um reparo e uma sugestão: um plano editorial, aproveitando-se a imprensa universitária, é indispensável. Por pequeno que fosse este plano, uma série de cadernos (ficção, poesia, ensaio, divulgação em geral), ajudaria, estimularia, provocaria o aparecimento de novos valores, a fixação dos já existentes. Falo por experiência própria.

E aí estão os meus companheiros de geração que não me deixam mentir. Refiro-me à luta que nós da "SUL" tivemos. Refiro-me aos que, desestimulados, desistiram, se estiolaram por falta de um mínimo de apoio e condições objetivas e subjetivas. Refiro-me, para dar um exemplo, a um Silveira de Souza, ficcionista dos melhores já surgidos em Santa Catarina, com dois livros da melhor qualidade publicados e que pouco tem produzido ultimamente.

O que é que mais lhe atrai como escritor?

7 — O que mais me atrai, como escritor, é a pesquisa. Sou um eterno insatisfeito. E muito me orgulho disto. Por isso mesmo acredito que dificilmente deixarei uma obra acabada. Aliás, odeio o que se intitula acabado. Acabado é morte. Uma vez realizada, o que sobra a uma pessoa? Um tiro na cabeça. A obra em processo constante é o que me fascina e seduz; a obra em evolução e busca permanente é o que me parece fundamental. Daí essa insatisfação que marca e caracteriza o que faço. Sempre incompleto, sempre diferente — melhor ou pior pouco importa. Esse romper com as estruturas, por outro lado, se caracteriza e diferencia um trabalho e uma personalidade, não permite uma obra com unidade.

O que é que v. gostaria de fazer ainda como escritor?

8 — O de que eu gostaria mesmo era de ter mais tempo (todo o tempo) para dedicar à literatura. Infelizmente isto é impossível. A luta pela sobrevivência impede e dificulta o viver.

A Resposta do Salim

(LUIZ HENRIQUE DA SILVA)

Abro a "Manchete" e fico deslumbrado com uma belíssima reportagem em cores que a grande Revista dedicou ao Estado de Santa Catarina. Folheio-a e minha admiração aumenta à medida que vou verificando o volume e a qualidade da reportagem, quase dois terços bem escritos e ótimamente fotografados de uma revista de penetração nacional. Imediatamente começo a desconfiar (pobre quando vê muita fartura desconfia). Penso logo que há dente de coelho no negócio. Volto atrás na minha leitura e leio o nome do repórter: SALIM MIGUEL.

Então, compreendo porque a "Manchete" que, como outras revistas, tem sempre esquecido o nosso Estado, vem agora demonstrar tanto interesse em dar mostra ao Brasil da atual Santa Catarina, em reportagem de tão alto quilate.

Por trás disso tudo está um barriga-verde de meia idade, farto de rosto e de sentimento, um pouco gordo (tanto física como culturalmente), que teve de fugir para o Rio, devido à incompreensão dos seus conterrâneos.

Para quem ainda não o conhece, apresento o meu amigo Salim Miguel, com quem já dividi bons e maus bocados. Filho de casal libanês, Salim, nascido no comércio, teve desde cedo pendão para outras coisas, nunca para o comércio. Tentou, porém não fugir à vocação familiar. Instalou uma livraria na Praça XV, em Florianópolis. O negócio deu em nada. Amigo dos livros, Salim antes os lia, antes os dava, antes os emprestava (e livro é coisa que não se empresta!) que propriamente os vendia.

Ledor infatigável, antes disso Salim já era conhecido nas lides literárias, escrevendo contos, publicando jornais e revistas especializados em literatura, mantendo coluna literária no jornal "O Estado", correspondendo-se com escritores conhecidos. Jornalista por don inato, Salim colaborou com muitos jornais deste Estado, chegando a ser nomeado redator da Agência Nacional e do Serviço de Imprensa do Palácio do Governo.

Essa atividade literária do bom amigo Salim levou-o a contatar com pessoas das mais diversas. Liberal por excelência, Salim aceitava discutir problemas de literatura com pessoa de qualquer con-

cepção e sempre o fazia com máxima benevolência, expondo seus pontos de vista e dando inteira liberdade ao seu interlocutor para que também o fizesse.

Sua atividade literária, de um idealismo inquebrantável, tornou Salim um despreendido das vantagens materiais da vida, modelando-o na simplicidade e na benignidade. Mas, como sempre dizia, "— intelectual na Província é caso de Polícia".

Foi justamente o que se deu. Como diz Voltaire, "para fazer o mal encontra-se por dia cem pessoas; mas, para fazer o bem, é raro aparecer uma num ano todo". Não tardou que intrigantes e invejosos, que jornalistas frustrados, estendessem contra Salim o dedo da alcagoetagem. Salim foi preso. Sua casa foi vigiada. E, até que provasse que as denúncias contra si eram falsas, Salim teve que sofrer grandes humilhações, que se estenderam a seus filhos na escola.

Magoados com seus conterrâneos, Salim percebeu que não cabia mais na vida provinciana. Colocou certas coisas em dia e foi para o Rio tentar nova vida. Conhecido que já era como homem de pensamento e vigoroso jornalista, não lhe foi difícil ingressar numa grande revista brasileira. E, na primeira boa oportunidade que teve, postulou uma boa reportagem sobre seu Estado. Obteve vitória no seu intento e brinda-nos agora com esse notável trabalho jornalístico.

Isso vem revelar, com justeza, o seu temperamento. Salim nunca foi de revidar o mal com o mal. Revida o mal que lhe fizeram os catarinenses com um bem imenso, inesgotável. O Estado de Santa Catarina muito ganhará em divisas com essa reportagem. Suas empresas são agora conhecidas, suas cidades atrairão inúmeros viajantes e suas praias encher-se-ão de turistas.

Doravante, quando algum de nós, catarinenses, chegarmos no Rio ou em São Paulo e dissermos que somos de Joinville, de Blumenau, de Brusque ou de Florianópolis, não mais dirão que somos paranaenses. E isto porque o Salim empregou todos os seus conhecimentos numa obra jornalística em que deu boa resposta a todos nós.

Parabéns, velho Amigo.

PRADE, Péricles. Péricles Prade apresenta Salim Miguel. *O Estado*. Florianópolis, 07 ago.1963.

"O Estado" entusiasta:

"SABER INVENTAR O REAL. INVENTÁ-LO E TORNÁ-LO PLAUSÍVEL AO LEITOR."

PERICLES PRADE
apresenta
SALIM MIGUEL

Salim Miguel tem uma vida literária e profissional bastante agitada. Sempre participou dos movimentos culturais com uma dinâmica especial, liderando, com sua lucidez e senso de observação. Mantém colaboração esparsa nos principais órgãos de cultura do País. É jornalista, redator da Agência Nacional em Florianópolis e do Serviço de Imprensa do Governo. Publicou três livros: "VELHICE E OUTROS CONTOS"; "ALGUMA GENTE" e o romance "REDE". Além disto organizou ainda dois volumes de contos: "CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA"; e "CENTENÁRIO DE CRUZ E SOUZA" — INTERPRETAÇÕES". Em contato com Salim Miguel soube que está preparando dois romances e um volume de crítica intitulado "APONTAMENTOS DE UM APRENDIZ DE LEITURA". Seus trabalhos têm recebido da crítica sérias referências, e todos são unânimes em considerá-lo um contista dos melhores. Relacionado com os meios culturais de quase todo o

nifestações. Disse Salim Miguel: "Todo movimento cultural e artístico contribui (isto é acaciano) com sua parcela, por maiores que sejam (ou menores) os seus aspectos positivos e negativos, para a formação de uma literatura. E mais ainda para a formação de uma literatura incipiente como a nossa — se é que temos "literatura catarinense". No caso específico de "SUL", por minha participação muito ativa no movimento (um dos fundadores, um dos diretores da Revista e responsável pela parte editorial), não seria a pessoa mais indicada para afirmar que a contribuição do grupo, para a formação de uma literatura em Santa Catarina, foi muito importante. Acho que foi. Posso, é claro, estar iludido, vendo e analisando os problemas de um ângulo pessoal e deformativo, muito de dentro e sem perspectiva. Vejamos, no entanto, porque me parece que foi: primeiro, foi porque movimentou o estagnado e maldormento ambiente cultural e artístico, criando um impacto, um grupo de pressão, fazendo com que, mesmo os que combatiam "SUL", passassem a trabalhar e a produzir; segundo,

licidade e talento, lógico. Ser autêntico, a nosso ver, significa, acima de tudo, mais do que saber recriar o real, saber inventar o real. Inventá-lo e torná-lo plausível ao leitor. Fazer o leitor, integrado, acreditar, viver, vibrar com o que inventamos. Isto não implica no abandono do ambiente, no abandono da possível mensagem. Toda arte trás, implícita, já que é um reflexo do homem, a mensagem". Afirmando ser mais que problemática qualquer tentativa de interpretação do panorama do conto e romance brasileiros, devido a limitação ocasionada pelo próprio espaço, concluiu todavia, resumindo: "Em lugar de conto e romance, vamos dizer mais amplamente ficção. E na ficção temos um Manuel Antonio de Almeida, um Raul Pompeia, um Machado de Assis, um Antonio de Alcântara Machado, um Mário de Andrade, um Graciliano Ramos, para ficarmos somente nos já mortos, muito embora mais vivos do que certos pseudamente vivos que por aí carregam seus cadáveres literários". Quanto ao conto em Santa Catarina disse ser complexa a tarefa para um levantamento do conto. Diz que no passado ficaremos com Virgílio Várzea; das gerações que nos antecederam, um Gama d'Eça; e chegamos ao Grupo Sul. "Iniciase por Antonio Paladino, autêntica vocação de ficcionista, que faleceu antes de deixar uma obra plenamente realizada; a seguir, Guido Wilmar Sassi, A. Boos Junior e Silveira de Souza são os que mais se afirmaram, com uma obra bastante pessoal e autêntica. Na ficção haveria outros nomes a citar, que contribuíram e estão contribuindo para as letras catarinenses, como o escritor Tito Carvalho, com uma obra de cunho tão regionalista".

E A EDITORA RÓTEIRO?



Salim Miguel num traço do pintor
Carlos Scliar

País, impôs através seu laboratório literário, aos críticos brasileiros, seus livros, que condensam psicologicamente sua maneira de ver as pessoas e as coisas. Uma entrevista deste gênero, não comporta, evidente, um estudo sobre Salim Miguel. Seria necessário agudas observações a fim de que os interessados pudessem realmente percorrer toda sua temática, penetrar suas florestas interiores, buscar nas entrelinhas de seus personagens o ritmo, talvez, de sua própria vida. De uma simplicidade madura, Salim Miguel, deixa-nos à vontade, certo de que acredita na força e autenticidade de seus trabalhos, frutos de sua privilegiada sensibilidade.

O "GRUPO SUL"

Estávamos no Gabinete de Relações Públicas do Palácio do Governo, falando a respeito de PROUST e MARQUES REBELO, em companhia dos jornalistas que compõem esta Organização. Da troca de idéias surgiu o desejo de entrevistar este literato, mostrá-lo ao público, como é, o que faz, o que pretende fazer. Os que conhecem, pelos menos superficialmente a Literatura Catarinense (considerada aqui em seu senso lato), sabem da alta participação de Salim Miguel no "Grupo Sul", considerado não só pelo País, no estrangeiro também. Solicitei que o romancista fizesse um depoimento, para que pudessemos ter um esclarecimento sobre o grupo e desenvolver do grupo desde suas primeiras ma-

foi porque fez chegar até a província um movimento já velho e revelho no Brasil (o movimento de arte moderna) e que havia passado via aérea pelo Estado, não deixando a mínima moessa nos que ainda — e aqui — viviam, em plena década de 1940, no antes de 1922, diria mesmo no antes de 1900, remoendo probleminhas ultrapassados e gastos; terceiro, foi porque possibilitou o surgimento de alguns nomes que, já hoje, ultrapassaram as fronteiras do estado, se projetando nacionalmente, como, para me ater apenas a dois elementos, Guido Wilmar Sassi nas Letras e Hugo Mund Júnior nas artes plásticas; e quarto, finalmente, foi porque, quer queiram quer não, todos os que surgiram após o denominado "movimento SUL", dele se beneficiaram, seja pelo alargamento do meio e das condições ambientes, seja até mesmo por não incidirem nos mesmos erros, já que a fase — vá lá palavra antipática — heróica, no combate, não tinha mais razão de ser. Daí a possibilidade de uma obra mais equilibrada e sóbria, sem os exageros de todo movimento pioneiro".

CONTO E ROMANCE NO BRASIL

Considerou Salim Miguel que, antes de falar a respeito do panorama do conto e romance no Brasil, antes de conceituar os valores mais representativos é de importância fazer este esclarecimento: "Exigimos, de um artista, em primeiro lugar, autenticidade. Auten-

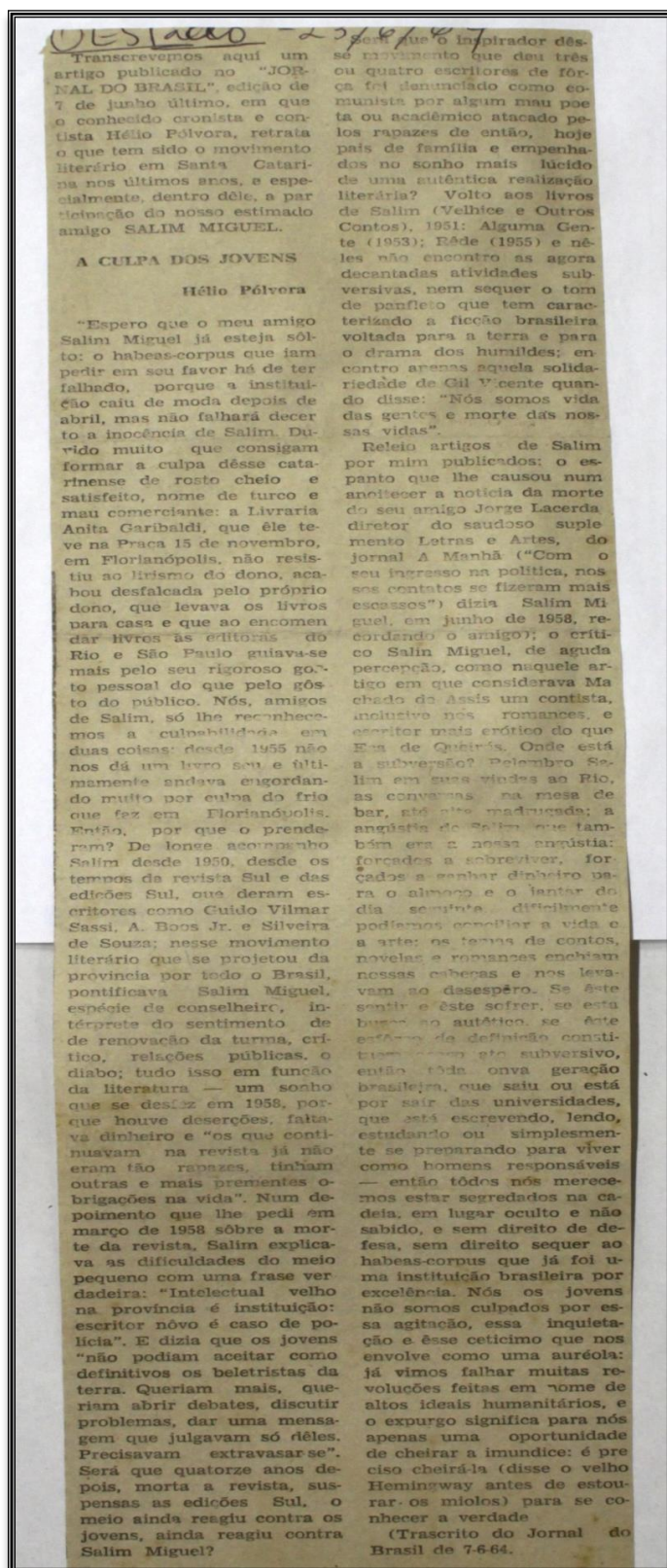
"A Editora Roteiro se explica em poucas palavras: representa a eterna insatisfação, desejo de continuar fazendo alguma coisa, de continuar trabalhando. Foi dessa insatisfação que surgiu. Juntaram-se elementos diversos, visando um fim comum. E aí está o primeiro lançamento. Justamente de um dos nomes mais representativos das letras catarinenses: Silveira de Souza, com a sua literatura sóbria e sombria, noturna e pessoal. "Uma Voz na Praça", intitula-se a Obra. Outros volumes estão programados, para lançamento ainda este ano. "Sereia e Castiçal", poemas de Péricles Prade; e "Boi de Mamão", desenhos de E. Meyer Filho, tendo por tema o popular auto folclórico catarinense, serão os primeiros, já em fase de composição".

OUTROS TRABALHOS

Salim Miguel publicará brevemente "OS NOSSOS IGUAIS", contos e "ALGUÉM ROUBOU", farsa em três atos. Vê-se, então, que este literato rompeu a escrita água-com-açúcar, pôs em termos sérios uma valorização mais exata do que se chama literatura catarinense. Sua participação nos movimentos culturais tem permanecido e permanece como útil contribuição para o conhecimento mais adequado de nossas letras. Hoje, Salim, continua escrevendo, confiante no seu poder de análise, buscando a todo instante se aperfeiçoar na "difícil arte de escrever". Enfim, o público espera o lançamento de sua obra literária.



POLVORA, Helio. O Estado. Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.



CONDÉ, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.

2 *Correio da Manhã - 12/2/60 - Rio*

ESCRITORES E LIVROS

JOSÉ CONDÉ

ENCONTROS

COM Edmundo Meniz (diretor do S.N.T.), de quem saíra dentro de poucos dias, em edição da Livraria São José, o volume "Teatro", que reúne três peças: "Branca de Neve", "A Vila de Prata" e "Egléia".

— "Neste livro — disse — reuni as minhas peças de teatro que não foram ainda representadas em vista de meu cargo de diretor do S.N.T. É uma experiência que julgo proveitosa em minha vida literária".

A acrescentando:

— "Sou dos que acreditam que tanto a arte pela arte como a arte dirigida perdem o seu sentido humano. Não se pode, sem dúvida, separar a forma da substância, porque uma é o complemento da outra. Mas isto deve ser feito sem artifício, com espontânea autenticidade".

Concluiu Edmundo Meniz:

— "É o que tento em minha obra de ficção".

COM Dante Costa, de quem acaba de sair (pela José Olympio) o volume de crítica literária: "Os olhos nas mãos".

— "O livro reúne — disse — a crítica deminical que escrevi para um matutino carioca, além de outros artigos inéditos. Representa, portanto, uma incursão em gênero diferente".

Continuando:

— "Fairei Desigual", meu livro de estréia, de crônicas, foi bem recebido pela crítica. Já em "O Nerdido de Paris", que publiquei a seguir, tentei fazer uma obra diferente, no gênero viagem. Os dois a o que acabo de publicar representam, assim, uma exploração estética. De qualquer forma, "Os olhos nas mãos" significa uma evolução em minha carreira literária, sem o que não o entregaria ao editor".

DOIS LIVROS SOBRE O BRASIL

O ESCRITOR polonês Mieczyslaw Lepecki — que viveu alguns anos em Belo Horizonte, onde novamente se encontra com o objetivo de escrever uma série de reportagens para o jornal de Varsóvia, "Przegląd Kulturalny" — publicou, recentemente, no seu país, duas obras sobre o Brasil: "Do Amazonas à Terra do Fogo" e "De uma a outra estória", que estão alcançando (segundo se informa) bastante êxito entre os leitores poloneses. Lepecki é também excursionista, tendo organizado, há pouco, uma expedição ao Pico da Bandeira. Dessa excursão, aliás, surgiram seus primeiros artigos para o jornal "Przegląd Kulturalny".

CRÍTICA DE ATELIER

EM "Crítica de Atelier" (edição Sedegra), H. Pereira da Silva reuniu uma série de estudos sobre problemas e figuras das artes plásticas: da função da crítica, da ar-

FOTO LITERÁRIA.

O FAMOSO prêmio literário francês "Deux-Magots" foi atribuído ao escritor Bernard Landry pelo seu romance "Aide-mémoire pour Cécile". Como sempre, o júri esteve reunido no café Deux-Magots, em Saint-Germain-des-Près. Na foto, o autor laureado. (Universal).

HILDON ROCHA NO RÁDIO

O CRÍTICO Hildon Rocha está apresentando, aos sábados, às 21 horas, na Rádio Nacional, o programa "Os Homens e os Dias", no qual prevalece sempre o assunto literário e cultural, embora possa variar um pouco em torno de algum acontecimento importante no plano alto da política.

— "Estou aproveitando a chance para divulgar as boas coisas e tentar trazer maior número de interessados para o campo de nossas atividades" — declarou Hildon Rocha ao colunista, num encontro ocasional. Acrescentando: "O programa é transmitido apenas uma vez por semana, mas com a insistência poderá "pegar", principalmente no interior do país, onde se espera sempre um programa que descanse da política e do noticiário triste que tanto se repete".

te de ver, do sensacionalismo, da arte "society". Estuda a personalidade artística de dois mestres clássicos brasileiros: o Alcidinho e mestre Valentim. Artistas modernos que mereceram a atenção de H. Pereira da Silva: Portinari, Di Cavalcanti, Volpi, Clóvis Graciano, entre outros. Uma observação do autor sobre arte moderna: "Os valores psíquicos da arte moderna são tão concretos quanto os demais exigidos num quadro ou numa escultura. Apenas sua presença, sendo subjetiva, não se faz notar quando o observador sofre de miopia mental, o que acontece com frequência".

FAZEM & DIZEM

ASCENDINO Leite já assinou contrato com a editora "O Cruzeiro" para a publicação, em junho próximo, do seu novo romance "A Friação". Na mesma ocasião e pela mesma editora aparecerão, num só volume, as resições de "A Viúva Branca" e "O Salto Mortal".

Nelson Rodrigues (que acaba de publicar sua obra teatral completa em edição do Serviço Nacional de Teatro) entregou ao editor J. Osan a primeira parte do romance "Araújo Salvagem", que até há pouco vinha sendo estampado, em capítulos diários, no vespertino "Última Hora".

Christovam da Camargo viajou para Buenos Aires onde foi presidir a abertura dos cursos de português e estudos brasileiros do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, do qual é presidente.

De uma carta do contista e romancista catarinense Salim Miguel: "Logo depois da minha volta do nordeste" (o escritor esteve em Fortaleza tomando parte num congresso de jornalistas), "meti-me a escrever, retomei o volume de contos que estava interrompido há tempos, comeci a retocar os trabalhos, cortando, modificando, selecionando — enfim, dando-lhe os retoques finais. Trabalhava também numa farsa em três atos, estava animadíssimo. De repente, parei. Parei até que melhore a porca da vida".

Coslho Neto

A Liga da Defesa Nacional vai comemorar a data do nascimento de Coslho Neto. Com esse objetivo, programou duas solenidades — dias 20 e 21 próximos — nas quais usará da palavra um oficial do Exército (na "Hora do Brasil") e Azeiteiro da Atalide (diante do túmulo do escritor).

No Rio os primeiros exemplares (editados em Salvador) do livro de József Gramacho: "Sonetos de Edinã e de Búzios" ...

A Editora Civilização Brasileira, espera lançar em julho próximo os primeiros volumes de sua coleção de "livros de bolso".

Para remessa de livros: Voluntários da Pátria, 351 - apto. 402.



CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Nov. 1959, pag. 2.

SALIM MIGUEL: "NÃO ME INTERESSA MAIS PUBLICAR POR PUBLICAR"

ENCONTRA-SE no Rio o escritor catarinense Salim Miguel, um dos fundadores da revista "Sul" e grande animador do movimento literário em sua terra. "A atividade cultural em Florianópolis, nos últimos anos, girou principalmente em torno do grupo da revista "Sul", hoje felizmente falecida" — disse-me ele. Acrescentando: "Explico este "felizmente". É que, a meu ver, para as publicações de novos, ditas experimentais, deveria existir um período fixo de vida. Daí em diante, ou elas se transformariam, tornando-se mais significativas, culturalmente falando, ou deixariam de circular. "Sul", nos últimos tempos, caiu numa rotina perigosa e esterilizante. Foi portanto bom que acabasse. Junte-se a isso as dificuldades financeiras, crescendo sempre com o correr dos anos, até se tornarem insuperáveis. Depois de dez anos de vida, a revista lutava com maiores dificuldades para sobreviver, do que quando surgiu."

Sobre suas atividades pessoais:

— "Tenho trabalhado muito pouco, lentamente. Aliás, nestes três últimos anos, estou mais ligado ao cinema do que à literatura. Primeiro, foi uma aventura cinematográfica. Uma longa metragem, para a qual Eglê Malheiros (poetisa e mulher de Salim Miguel) e eu escrevemos o argumento. O filme está pronto há algum tempo, mas só agora vai ser lançado no Rio e São Paulo. Todo realizado em Florianópolis, com capital ali levantado, mostrando histórias ali desenroladas, procurando ao mesmo tempo ser crônica e painel de uma cidade na província, o filme poderia ter sido uma curiosa experiência. Infelizmente é uma película frustrada. Mas de qualquer maneira o cinema é uma aventura fascinante, pelas possibilidades totalmente novas que oferece."



Prossegue Salim Miguel:

— "Quanto à literatura, confesso que não me interessa mais publicar por publicar. Tendo três livros editados, hoje em dia nada me diz ver meu nome na capa de um livro. Pretendo, é lógico, publicar outros trabalhos. Venho, vagarosamente, preparando um novo volume de contos e um romance. Pode ser que lá para meados do ano próximo lance os contos, os quais estão sendo escritos e reescritos várias vezes sem que me satisfaçam. Do romance então nem se fala. Não basta que tenhamos o que contar; é preciso saber contar. Creio que quando mais jovens, por menos valiosos que sejamos, sempre nos agrada a publicação de um livro. Com o tempo vemos que o mais importante não é publicar. Importante é o que se publica" — concluiu.

CONDÉ, José. 6 Notícias catarinenses. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 06 ago. 1959.

6 NOTÍCIAS CATARINENSES

1 — A VIDA literária catarinense gira, especialmente, em torno de duas publicações literárias — “Roteiro” (que reúne hoje o antigo grupo da revista “Sul”) e “Litoral” — da Academia de Letras local, responsável por vários círculos de conferências realizados com êxito e pela instituição de alguns prêmios de caráter anual.

2 — “LITORAL”, dirigida por dois jovens escritores — Paschoal e Nicolau Apóstolo — dedicou seu último número a Jorge Lacerda, cujo primeiro aniversário de morte ocorreu recentemente, apresentando colaboração de escritores de Santa Catarina e de outros Estados.

3 — PELA Companhia Editora Nacional, na coleção “Brasília”, sairá por estes dias o novo livro de Oswaldo R. Cabral (o escritor catarinense que mais tem produzido ultimamente): “Monge João Maria” — uma espécie de beato do Sul.



Salim Miguel

4 — OSWALDO F. de Melo (filho) está escrevendo o ensaio “Folclore e Educação”. Pensa também em apresentar a segunda edição, bastante ampliada, da sua “Introdução à História da Literatura Catarinense”.

5 — SALIM Miguel, autor do romance “Rêde” (cuja ação decorre numa prala do litoral catarinense) e do volume de contos “Alguma Gente” (onde fixou admiravelmente alguns tipos, está acabando de escrever uma nova coletânea de contos, que deverá ser publicada no próximo ano.

6 — EGLÊ Malheiros — cujo caderno de poemas, “Manhã”, teve aqui no Rio repercussão bastante simpática, quando de sua publicação em 1952 — vai estreitar agora no gênero ficção, com a novela: “Véspera”.

● Para remessa de livros: Voluntários da Pátria, 381 — apto. 402.

SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social en la última obra de Salim Miguel. *Revista Veladas*. Buenos Aires, mar. 1957, pag. 81.

el realismo social en la última obra de salim miguel

CON la publicación de "Rede", título sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salim Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguna Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelística de los grandes escritores brasileños.

Salim Miguel debatíase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendía a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en él una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseía una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psíquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero

ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelístico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos, pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos, conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catalina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdótica al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en líneas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huérfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semiféudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo allí es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.

por ANTONIO SIMOES (Jr.)

Revista Veladas

Buenos Aires - 1957 (marzo)

SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. *O Estado*. Florianópolis, 07 abr. 1957.



LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3.

"Diário de Pernambuco" 4/1º/56

3

NEIRO DE 1956

«Nereu Ramos é uma garantia da continuidade do poder civil»

Federalização da magistratura, um problema que preocupa os magistrados catarinenses — Finanças equilibradas, situação política tranquila — Criação de novas indústrias — Atividades da «Revista Sul» — Fala ao DIÁRIO o desembargador Alves Pedrosa

Encontra-se no Recife o desembargador Alves Pedrosa, membro do Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Viaja em companhia de sua esposa e filhos. O desembargador Pedrosa, que é pernambucano, natural de Timbaúba, bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1929.

Aqui teve destacad. vida estudantil, participando de atividades literárias e vários movimentos em favor da classe.

Em 1931, ainda muito moço, viajou para Santa Catarina, onde ingressou no Ministério Público. Dois anos depois era classificado em 1.º lugar em concurso realizado para a comarca de Campos Novos, iniciando sua carreira de magistrado. Atualmente, além de membro do Tribunal de Justiça ocupa ainda as funções de vice-presidente do Tribunal Regional Eleitoral, daquele Estado.

DECLARAÇÕES

Ouvindo pela nossa reportagem, o desembargador Alves Pedrosa disse que sua vinda a Pernambuco tem como principal objetivo rever amigos e parentes. A última vez que esteve aqui foi em 1947. Agora, tendo estado no Rio, onde assistiu a formatura dos novos guardas-marinha da qual fazia parte seu filho José Júlio Pedrosa, resolveu aproveitar o restante das férias para vir ao Recife.

Interrogado sobre a situação política de Santa Catarina, disse-nos que o ambiente ali é de calma, já havendo sido diplomado o governador eleito, deputado Jorge Lacerda, que além de político é conhecido homem de letras, pois dirigiu por vários anos o Suplemento «Letras e Artes», publicação em tabloide, que saía aos domingos com o jornal «A Manhã», do Rio de Janeiro.

A seguir, disse-nos que a figura marcante da política catarinense é o atual presidente da República, sr. Nereu Ramos, que os representantes das Forças Armadas consideram o «homem-símbolo» do país, em quem essas forças encontraram um denominador comum para a solução da crise política nacional, inclusive tornando-o depositário da continuidade do poder civil.

PROGRESSO ECONÔMICO

«Santa Catarina atravessa uma fase de franco desenvolvimento econômico — acrescenta o desembargador — estando com suas finanças perfeitamente equilibradas. Além de suas já existentes estão sendo construídas fábricas de cimento e moinhos de trigo, cuja produção vem aumentando progressivamente de alguns anos para cá.

PODER JUDICIÁRIO

Referindo-se ao funcionamento do Poder Judiciário naquele Estado, disse-nos que a Magistratura goza de elevado conceito e independência, graças ao comportamento de seus juizes, que são homens íntegros e conscientes da missão que lhes é atribuída pela própria Constituição federal. Entre os problemas que preocupam os magistrados catarinenses, como os dos demais Estados, o da federalização da Justiça é o principal. Problema, aliás debatido o ano passado numa reunião promovida pela Associação dos Magistrados Brasileiros, no Rio. Nessa reunião,

tomou parte como representante de Pernambuco. *Santa Catarina*

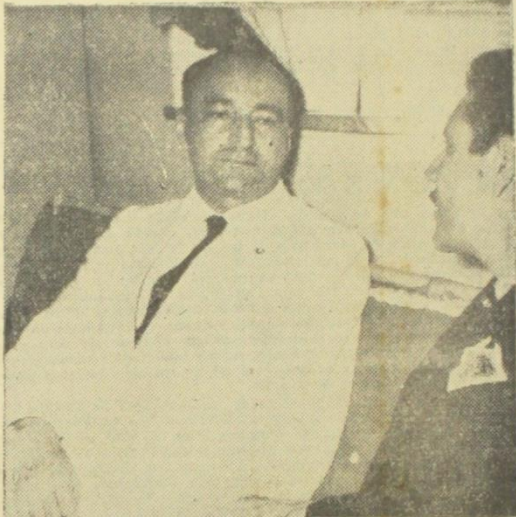
LITERATURA

Referindo-se ao movimento intelectual, afirmou ser bastante intenso, destacando-se a «Revista Sul», que além de suas atividades específicas tem ainda função editorial. Seu último lançamento foi o livro «Rêde», do escritor Salim Miguel, romance regionalista, tratando de problemas relacionados com a vida dos pescadores. Acrescentou que o autor é um dos nomes de maior projeção entre os «novos» daquele Estado.

GARANHUNS E CORRENTES

O desembargador Alves Pedrosa deverá seguir na próxima segunda-feira para Garanhuns e Correntes. Viajarão em sua companhia sua esposa, sra. Iracema Pedrosa, e seus filhos Terezinha, Lúcia e o oficial da Marinha José Júlio Pedrosa, que o acompanha desde o Rio, nesta visita a Pernambuco.

Alves do Ser do



SANTA CATARINA

O movimento literário nas províncias, embora geralmente pouco divulgado no Rio, continua animadoramente produtivo entre os novos, quase sempre reunidos em torno de uma revista ou editora. Em Florianópolis, por exemplo, há um grupo de gente moça e entusiasta funcionando sob a égide das Edições Sul, grupo em que se destacam Antônio Palladino, Guido Wilmar Sassi, A. Boos Jr., J. P. Silveira de Sousa, Oswaldo F. de Melo (filho), Ody Fraga, Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Eglê Malheiros e Salim Miguel, poetas, romancistas, teatrólogos e ensaístas que merecem o estímulo e a compreensão dos confrades dos centros maiores. Por outro lado, deve-se ressaltar o papel heróico dessas editoras provincianas, como as Edições Sul, lançando com bravura autores novos nos gêneros mais diversos, o que representa boa dose de idealismo numa época tão pouco propícia a essas aventuras do espírito. Ainda agora, recebemos das Edições Sul o sexto volume de suas publicações, o romance "Rêde", de Salim Miguel, desenrolado numa pequena vila de pescadores do litoral catarinense, a vila de Ganchos, que o autor retrata veridicamente no pórtico do livro, em poucas linhas, tentando situar no espaço a ação da obra. Daí o título, os personagens e a história, girando naturalmente em torno de pescadores e do mar "esverdeado e transparente". História néo-realista, onde o documentário da realidade fica atenuado através da recriação literária, "Rêde" apresenta-nos um escritor bem dotado mas sofrendo talvez de um excesso de assunto. Seja como for, Salim Miguel é um nome a ser lembrado com simpatia pelo que promete de novas realizações, juntamente com as Edições Sul, que já nos deram, até agora, seis trabalhos de autores novos catarinenses: Velhice e outros contos, de Salim Miguel; A Ponte (prosa e verso), de Antônio Palladino; Alguma gente, histórias de Salim Miguel; Piá, contos, por Guido Wilmar Sassi; Contistas novos de Santa Catarina, antologia; "Rêde", romance de Salim Miguel.

*Jornal de Letras, Rio
n.º 80 - fevereiro-março 56*

014: A cultura em toda parte: dois romancistas novos

A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. **Jornal Popular**. Rio de Janeiro, 24 nov. 1958.



015: Escritor catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel

ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 21 mar. 1956.

Escritor Catarinense Empolgado pelo Turismo — Salim Miguel: Novelista e Livreiro Objetiva uma Campanha de Progresso

Salim Miguel é um jovem responsável pela renovação de valores vanguardeiros na literatura e nas artes catarinenses. Ilhéu, é tão tímido quanto bom manejador da pena, Jornalista ágil e melhor contista, sua cabeça grava muito bem cenas ao seu redor, transpostas, cheias de vida, de calor humano e dentro da melhor técnica, para livros que reafirmam o conceito que fazemos do jovem novelista que reuniu em torno de si um grupo de elementos cujos nomes já se projetaram além fronteiras.

Salim Miguel fundou e é um dos diretores da revista «SUL», que desde 1948 se edita em Florianópolis, sendo muito conhecida e apreciada no Brasil e fora de seus limites, pois sua mensagem alcança a Argentina, Uruguai, Espanha, África Portuguesa, Portugal, etc.. Publicou, de seu autoria «Velhice e outros contos» (1951), «Alguma Gente» — histórias (1953) e o romance «Rêde», saído do prelo no ano passado.

Sua livraria é uma das melhores da capital, e em meio a seus inúmeros azares, Salim Miguel ainda encontra tempo de preparar um volume onde reunirá seus apontamentos de crítica literária (e boa crítica...), um volume de contos e uma novela, colaborando, também, em jornais e revistas do Estado, do país e de Portugal, publicando especialmente artigos sobre autores e livros, e em seu rol de atividades se inclui a correspondência de Santa Catarina para a «HORA» de Porto Alegre.

Pode-se dizer mesmo que o lançamento da revista «SUL» revolucionou a pacatez do ambiente literário da capital, pelo cunho de movimento modernista de que se revista, muito embora o mesmo já tivesse sido em muitos pontos ultrapassado a «antropofagia» da revolução literária havida há vinte anos em São Paulo.

O grupo editor de «SUL» ajudou, a organizar o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, o Teatro Experimental, Clube de Cinema, e as edições de caderno «SUL», tendo trabalhado constantemente «pela divulgação lá fora de coisas nossa», na expressão de Salim Miguel.

— Uma Opinião Vallosa —

Fomos procurar o novelista em rapidas linhas acima biografado, para que se referisse sobre o planejamento turístico da Transportes Aéreos Catarinense, visando divulgar Florianópolis, fazê-la conhecida e visitada. Salim Miguel não se fez de rogado. Deixemo-lo falar:

Ja' se tornou acaciano dizer-se que as possibilidades de Florianópolis são no terreno do turismo, no aproveitamento das belezas naturais da ilha, e também nas suas possibilidades como futura cidade universitária. Não possuindo industrias seu comercio sendo mínimo, não tendo outras fontes de renda — é especialmente o turismo que se deve buscar tais fontes. Florianópolis é, atualmente o que se convencionou chamar uma «cidade de funcionalismo publico».

Não é de hoje que se fala, que se clama pelo turismo em Florianópolis. Há muitos anos que em tal se pensa. Mas nunca se passava da palavra á ação. Todos achavam imprescindível, mais do que necessário. As discussões teóricas para o das realizações práticas é que eram elas.

Foi principalmente com o plano de turismo da TAC (Transportes Aéreos Catarinense) que alguma coisa começou a ser feita. Com uma bem organizada e constante campanha de divulgação, chamando a atenção para os pontos mais pitorescos da ilha, facilitando a vinda de personalidades de fora e aproveitando o melhor possível as que aqui vinham parar por outro motivo qualquer, a TAC vem realizando um trabalho pioneirístico do melhor quilate e que deve ser imitado por outros. Tendo á frente de seus trabalhos pessoas como Luiz Fiuza Lima, na direção e Ilmar Carvalho no Departamento de Relações Públicas, vem batalhando de modo constante e coerente para transformar, em futuro próximo, o turismo numa fonte de renda, não é só a Lagoa com o futuro Hotel Dunas, não é só o Clube do Penhasco, não é só o constante plano de divulgação e penetração do Departamento de Turismo da TAC. São todas as outras mil pequeninas coisas que fazem com plano seja vitoriosos.

Não é o bastante

Mas isto não é o bastante. Existem os contras, o que é preciso realizar urgentemente, como, por exemplo, estradas. Não se pode compreender que se pense em turismo sem estradas. Embora melhores, as nossas estradas para os pontos pitorescos da ilha, só com muito boa vontade podem ser denominadas de «estradas». São quase como diria Rubem Braga, «estradas para avião». Vamos ver se atusis detentores dos poderes públicos dedicam um pouco de suas atenções para a coisa.

Os resultados, temos certeza, serão positivos, serão os melhores possíveis. Pelo que já se tem conseguido no pouco tempo de atividade, não há — se é que havia — mais dúvidas a respeito. Depende agora, sómente, de trabalho e continuidade.

(Serviço de Imprensa do Departamento de Relações Públicas da Transportes Aéreos Catarinense - T A C.)

016: Revistas e jornais

REVISTAS e jornais. Tapejana. Ponta Grossa, dez. 1956.

REVISTAS E

"Universidad de San Carlos", Guatemala. Director: Vicente Díaz Samayoa. A Universidad de Guatemala é uma das mais antigas e renomadas da América. Nela se publica a excelente revista que traz o mesmo nome, e que nos tem sido gentilmente enviada. Matéria variada e seléta. O número XXXII, por exemplo, apresenta vários artigos de interesse permanente: Gauss, Eugenesia, Críticas à la Sociologia Contemporanea, etc.

É uma bela prova de como se cuida da cultura entre o povo guatemalteco.

"Revista de la Facultad de Jurisprudencia y Ciencias Sociales de la Universidad de Cuenca, Ecuador, Junio de 1.956. Director: Dr. Luís Monsalve Pozo. — A novel revista da Universidade de Cuenca, sob a sábia orientação do cientista Prof. Luís Monsalve Pozo, contém vários trabalhos sugestivos e atraentes, em boa parte dedicados à memória de André Bello, o erudito filho dos Andes. Artigos sobre Direito Criminal, Código Civil e, até, Sociogeografia, belíssima tese do Dr. Juan Malo Cordero.

Guérios, "A Língua Sânscrita e a Cultura", de Bertolaso Stella, "Língua e Cultura", de Matoso Câmara Júnior, "Textvarianten in Polnischen Kantionalen", de Reinaldo Bossmann, e muitos outros.

Pelos títulos mencionados, poderá o leitor formar idéia do serviço que esses mestres prestam à cultura nacional.

"Américas", Washington, revista editada sob os auspícios da União Panamericana. — Desde os seus primeiros dias, o Centro Cultural "Euclides da Cunha" tem estado em contacto directo com a União Panamericana, de Washington. Daí que, constantemente, estejamos recebendo as notáveis publicações daquela entidade internacional. "Américas", dirigida por Kathleen Walker, americana, e Germano Jardim, brasileiro, avulta como verdadeiro elo intelectual entre as nações do Hemisfério.

No número 8 (Volume VIII), encontramos vários artigos de atraente leitura, como "Bolívar e a Confederação Americana", "Vasculhando Céus e Terras", "Danças de São Benedito", "Panamá, Cidade que Ressuscitou" e muitos mais.

E JORNAIS

altu- revista que recebemos regularmente, e
altu- que desejamos aqui consignar, com os
tiva- nossos agradecimentos. Apesar do título,
de que pode parecer exclusivista, é, no en-
derá tudo e sobre tudo informa: até minúcias
que folklóricas das nações americanas! Onde,
onal. a repercussão que obtém os seus núme-
ros, principalmente em castelhano.

"Sul", Florianópolis. Diretores: Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel. — A Revista de Aníbal Pires e Salim Miguel constitui algo notável no gênero. Liderada por esses lídimos representantes da nova geração catarinense, tem provocado uma verdadeira renovação na literatura sulina, porquanto, congregando talentos catarinenses e mesmo de outros Estados, as suas edições se sucedem, vitoriosamente, desempenhando, assim, uma atuação das mais dignas e modelares em prol do renome de sua terra, nesta época de geral estagnação e descrença. E são números alentados, verdadeiros tomos de boa prosa e verso.

"Revista do Professor", São Paulo.

"Ciência e Cultura", São Paulo. — Este, o nome da importante revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São trabalhos e pesquisas realizados por especialistas experimentados e com vasto lastro cultural: Carlos Chagas Filho, Pedro Sawaya, Mario G. Ferri. Além de tudo, comentários, notas originais, homens e instituições, livros e revistas, enfim, seções bem dirigidas e distribuídas, o que torna apaixonante a literatura desse transcendental órgão de cultura.

Gratos ao Snr. José Reis e companheiros de redação.

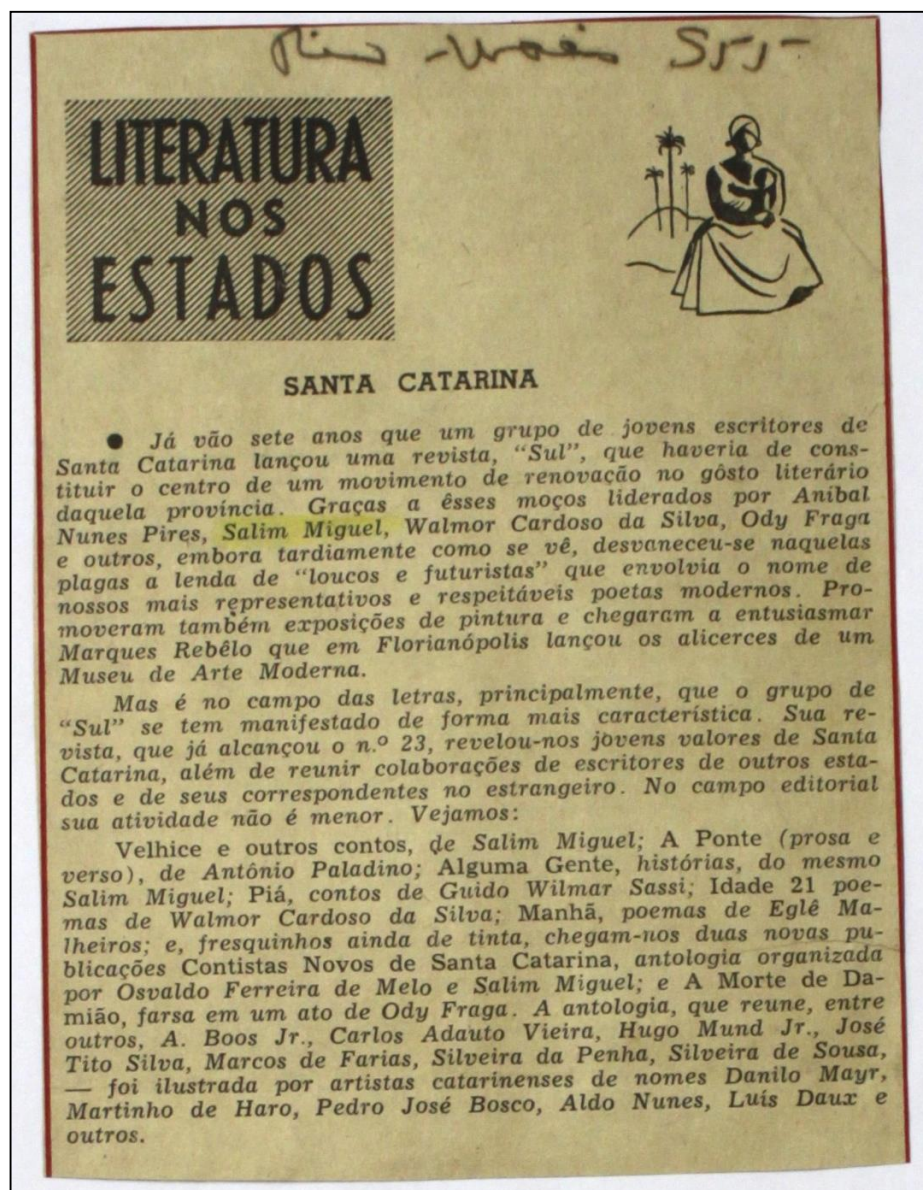
"Revista de los Andes", Loja, Equador. Diretor: Jorge Hugo Rengel V. — A revista de Jorge Rengel é de fundo indigenista. Não faz literatura romântica, procura, sim, apontar as injustiças que os índios continuam a sofrer em sua própria terra, desde os tempos da conquista espanhola. Ninguém ignora que, no Equador, os descendentes dos "hidalgos" ainda se julgam os donos da terra e do homem, eles que nunca souberam o que fosse trabalhar. O índio é comprado e

SUL

Veintisiete números lleva publicados esta prestigiosa e importante revista brasileña. La edita el Círculo de arte moderno de

Florianópolis, y son sus directores Anibal Nunes Pires y Salim Miguel. En su copioso número 27, recién aparecido, se registran importantes trabajos de O. F. de Melo sobre la literatura catarinense, de Henrique do Amaral sobre Alexandre O'Neill, de Antonio Simoes Júnior sobre el novelista boliviano Jesús Lara, cuentos de Francisco José Pereira, Carlos Adauto Vieira, Alexandre Cabral, una novela corta de Mateus-Maria Guadalupe, poemas de Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Colbert Malheiros, Blanca Terra Viera y otros —entre ellos el que firma esta sección—, las correspondientes secciones de crítica, abundante material fotográfico y reproducciones —muy numerosas— de jóvenes artistas brasileños.

Llama la atención que en una ciudad como Florianópolis, casi desconocida en el mapa cultural, florezcan revistas de la jerarquía de *Sul*, lo cual habla muy alto de la dinámica nacional en cuanto a cultura, de nuestra vecina de lengua portuguesa.



Um Nome e Sete Perguntas Salim Miguel

1) Quais as qualidades essenciais de um escritor?

R) Autenticidade e talento.

2) Qual o romance mais representativo da literatura brasileira?

R) Não existe "o romance mais representativo". Existem romances. Um "Memórias de um sargento de milícias"; um "O Ateneu"; um "Dom Casmurro"; um "Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá"; um "Macunaima"; um "Angústia", isto para me referir apenas a autores mortos.

3) Como receberia o convite para entrar na Academia Catarinense de Letras?

R) Não aceitaria. Aliás, não me sinto merecedor de tanta honra: pertencer a tão insígne sodalício. As academias não são, e espero que nunca venham a ser, para pessoas de meu temperamento. Não fui feito para academias... sejam elas acadêmicas ou modernas.

dos é o romancista Machado de Assis? Citar outros nomes? E o espaço permite?... comporta?...

7) Considera "Roteiro" uma continuação de "SUL"?

R) A meu ver, qualquer movimento cultural que surgiu ou venha a surgir em Florianópolis, depois do que se convencionou chamar Grupo SUL, forçosamente deverá ter alguma influência direta ou indireta dele e à SUL ficará sempre devendo alguma coisa. Quer queira quer não. Daí a ser uma continuação, há um longo caminho a percorrer. Mesmo porque as continuações são coisas detestáveis. "Roteiro" pretende preencher um claro, uma lacuna, pretende congregiar tôdas as correntes, reunir tôdas as pessoas bem intencionadas e interessadas nos problemas de divulgação cultural e artística. "SUL", devido à época em que surgiu, tinha um sentido mais destrutivo, de afirmação pela destruição ao

4) Qual o maior poeta catarinense da atualidade?

R) Não sei se serão os "maiores", mesmo porque, em literatura, abomino a palavra maior. Para mim, os mais realizados, os que mais me tocam a sensibilidade, onde a meu ver o clima poético e a busca de expressão própria é mais acentuada, até agora, são: Waldemar Cardoso da Silva e Eglê Malheiros. Da última fornada, o que oferece mais possibilidade de vir a se realizar logo, é C. Ronald Schmidt.

5) Se você fôsse fazer uma evolução do conto catarinense, por quem começaria?

R) Para um levantamento do conto, do ponto de vista cronológico, Virgílio Várzea, Qualitativamente, Antônio Paladino, prosseguindo por Guido Wilmar Sassi, A. Boos Jr., Silveira da Penha, Marcos Farias e Silveira de Souza. cronológico, Virgílio Vá.

6) Qual o maior contista brasileiro?

R) Outra vez "maior"? Que tal se eu disser que o maior contista brasileiro são vários? Ou que um dos mais realiza-

afirmação pela destruição, ao mesmo tempo que irreverente.

E isto sempre a acompanhou, sempre a perseguiu, mesmo quando as condições ambientes já haviam mudado. Acredito que mesmo mantendo uma característica de combate, independência e afirmação, "Roteiro" poderá ter um outro destino, e representar um passo avante para o conhecimento e a compreensão dos problemas culturais e artísticos.





022: As propostas dos escritores para cultura democrática

AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. **Voz da Unidade**. (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247.

Congresso Brasileiro dos Escritores

Passo significativo para a organização efetiva dos escritores a nível nacional, o **Congresso Brasileiro dos Escritores/85**, realizado de 17 a 21 de abril no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, converteu-se, além de evento cultural, em importante fato político, cujo destaque se deu com a presença do presidente José Sarney.

Se aos escritores sempre esteve destinado lugar de destaque nos acontecimentos políticos que nortearam a vida política brasileira, também é fato que nossos intelectuais nunca se renderam à emoção das horas, esquecendo-se de suas reivindicações específicas. Estas não são poucas, como bem demonstrou o Congresso de se estabelecer.

Da necessidade democrática para a uma política democrática para a distribuição do livro à instituição de prerrogativas que protejam nossos autores em face da indústria cultural alienante existe uma distância a ser percorrida. No entanto, é preciso que fique claro aos novos dirigentes da Nação que ao escritor, mais do que o papel de registrar nos livros a face real do país, cabe a tarefa de ser um dos agentes transformadores da sociedade.

Nesta fase em que o país busca reafirmar sua trajetória rumo à democracia, o **Congresso Brasileiro dos Escritores**, assim como ocorreu com o Congresso de 1945, já inscreveu seus participantes na história recente do Brasil, com os resultados que a **Voz** publica neste suplemento, entendendo ser esta a tarefa de uma imprensa que sempre buscando buscará a via democrática, tornando reais as palavras de Tancredo Neves: "Se todos quisermos, dizia-nos, aquele quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, podemos fazer deste país uma grande Nação. Vamos fazê-la".

A herança de 45 atualizada na Nova República

Graciela Magalhães



Audatório do Teatro Sérgio Cardoso (SP), local do Congresso Brasileiro de Escritores/85.



I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em 1945 no Teatro Municipal de São Paulo.

SUPLEMENTO ESPECIAL
VOZ DA UNIDADE Nº 247
NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

O Congresso Brasileiro de Escritores/1985, além da "Carta de Princípios" que aprovou, votou praticamente por unanimidade cinco resoluções sobre temas específicos, que publicamos integralmente. Estas resoluções (redigidas pelas comissões especiais que as subscreveram) resultam de debates que tiveram como ponto de partida intervenções de Florestan Fernandes, Geir Campos, Ramundo Laoro, José Paulo Paes, Moniz Sodré, Octávio Ianni, Eduardo V. Manso, Fábio Lucas, José Louzeiro, Alfredo Bosi, Carlos Nelson Coutinho, Décio Pignatari, Fernando H. Cardoso, Francisco Weffort e Lygia Fagundes Telles.

O Escritor e o Estado

Na ausência de diretrizes claramente definidas na sessão plenária sobre O Escritor e o Estado, realizada em 17/04/85 no Congresso de Escritores/85, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, os redatores deste documento o apresentam como expressão de um debate amplo havido no âmbito da própria comissão escolhida ad hoc pelos organizadores do Congresso e não em plenário, como seria desejável.

O Estado brasileiro, hoje, é diferente do Estado construído pelo regime militar. Seu caráter de transição para uma democracia plena abre novas perspectivas de trabalho e de participação para o cidadão. O que obriga o intelectual e o escritor a rever sua relação com os diversos segmentos em luta dentro da sociedade brasileira.

É fundamental o esforço para romper a separação entre sua produção e as massas populares, fruto de uma longa tradição autoritária e da intimidade que intelectuais e escritores sempre mantiveram com as diversas formas de poder.

Novas relações entre o escritor e o Estado passam necessariamente por seu engajamento na luta pelo estabelecimento de relações mais democráticas entre o Estado e o povo. E pela consciência de que, enquanto

escritores, esta renovação em prol da liberdade social implica também a garantia da ampla liberdade de criação artística e na defesa do direito permanente de pesquisa de novas formas estéticas.

Dentro da defesa da estabilidade do regime que caminha para a democracia, é necessária a reavaliação imediata de todas as leis de exceção, e os esforços iniciais do atual governo pela abolição da censura devem ser consolidados na Constituição pela Assembleia Nacional Constituinte, a ser convocada.

O espaço principal da ação do escritor será a criação e a consolidação de suas organizações (sindicatos e associações), instrumentos de suas relações com o Estado e a sociedade.

Sua tarefa essencial como intelectual e cidadão será sempre o exercício de uma atitude crítica permanente.

**Cláudio Abramo
Fernando Moraes
Fernando Peixoto
João Antônio
João Jesus Paes Loureiro
Lúcia Helena
Márcio de Souza
Salim Miguel**

O Escritor e a Indústria Cultural

1) Em vista da relevância da indústria cultural, recomenda-se a ampliação do debate em torno do desempenho e da orientação dessa indústria, dando lugar à maior participação dos políticos, sindicatos e associações culturais. Tal debate visaria viabilizar formas de maior participação das diferentes camadas sociais no processo de tomada de decisões por parte da indústria cultural;

2) Recomenda-se que se reexamine a legislação existente sobre publicidade, em vista da nova situação política do país. A regulamentação da publicidade deve ser prerrogativa de toda a sociedade. É preciso que se atente para o papel do merchandising, que invade a privacidade e o inconsciente do espectador, violentando também a criatividade de do autor;

3) Os meios de comunicação de massa têm afluído um modo demasiado restrito de cultura, muito aquém da diversidade de fato existente. É preciso que essa diversidade possa aflorar, para que, inclusive, ela possa desenvolver-se até um horizonte bem mais rico e amplo. É preciso levar em conta que essa diversidade de linguagem abrange tanto a diversidade regional quanto a diversidade étnica e de camadas e classes sociais;

4) A indústria cultural tem atuado de modo predominantemente unilateral sobre as massas. Já é hora, porém, de rever esse processo e fazer com que — como se mostrou durante a campanha das Diretas Já — a população possa atuar mais sobre os gran-

des meios de comunicação. Ao invés do povo ser um veículo dos veículos de comunicação, estes é que devem tornar-se veículos da população e para a população. É preciso rever a legislação e a política de distribuição e concessão de canais de rádio e televisão;

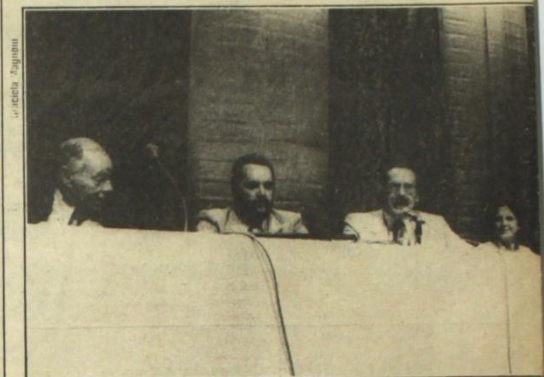
5) Sugerimos que seja dada divulgação ao projeto de lei apresentado pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas ao Congresso Nacional no sentido de defender uma reserva de mercado editorial de história em quadrinhos para a produção nacional no setor;

6) Propomos que o Executivo e o Legislativo estudem medidas para que o livro se torne mais acessível aos brasileiros, levando em conta o barateamento dos materiais necessários à sua produção;

7) Tendo em vista que o atual processo de distribuição é precário e encarece o livro, sugere-se que a Nova República estude formas de colocar esse produto nas diversas partes do país.

**Affonso Romano de Sant'Anna
Flávio Khoté
Gabriel Conh
Jaci Bezerra
Nilo Scailo
Fagundes de Menezes
Renato Pallotini
Renato Pompeu
Roniwaller Jatobá
Roberto Drummond**

AS PROPO PARA A C



Mesa de encerramento do Congresso. Da esquerda para a direita vêem-se Heitor Ferreira Lygia Fagundes Telles, Ruda de Andrade, Luandino Vieira, Manuel Ferreira e Helder Pi-

Os Problemas, os Direitos e a Organização dos Escritores

A) Problemas do escritor

Considerando que o acesso à informação e à cultura são direitos do cidadão e condição essencial, quer para o pluralismo democrático, quer para o exercício da criação, recomenda-se:

1) Clara definição do papel do Estado na edição e distribuição do livro, especialmente no que se refere à ocupação dos espaços vazios deixados pelos editores comerciais;

2) A política editorial oficial deve ser acompanhada, em sua formulação e implementação, por comissões editoriais formadas por entidades representativas do setor, que deverão participar também nos Conselhos de Cultura a nível federal, estadual e municipal;

3) A participação ativa das Imprensas Oficiais estaduais na produção gráfica do livro, suplementos literários e outros instrumentos culturais;

4) Utilização das TVEs, televisões e rádios em geral para maior divulgação da literatura nacional;

5) Atenção por parte das editoras e organismos culturais oficiais ao resgate da tradição literária oral; à edição de obras e documentos de caráter histórico e cultural regionais e ao estímulo para novos autores;

6) Estabelecimento legal de uma proporcionalidade favorável à edição de autores nacionais com relação à de estrangeiros;

7) Inclusão, nos projetos habitacionais oficiais, de espaços obrigatoriamente destinados a bibliotecas públicas, bem como expansão do Programa Nacional de Bibliotecas Públicas, criando-se redes estaduais de bibliotecas públicas;

8) Descentralização do depósito legal estabelecido pelo decreto 1825 de 20.12.1907, em relação à Biblioteca Nacional;

9) Extinção da obrigatoriedade legal de licitação por parte das bibliotecas públicas e descaracterização do livro como material permanente;

10) Promover o renascimento dos suplementos literários extintos e a criação de novos;

11) Redefinição de competência do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura em relação ao livro didático e paradidático;

12) Revisão dos programas literários de II e III graus, incluindo autores da atualidade;

13) Abolição de todas as formas de censura à literatura em especial e às artes em geral.

B) Direitos do escritor

Recomenda-se:

1) Reconhecer o empenho do Conselho Nacional de Direito Autoral no sentido de reformular a lei 5988, que não mais corresponde à nossa realidade;

2) Propor que sejam reformuladas pelas legislaturas as matérias especialmente atingidas nesta lei pelos artigos 49 (inclusive o direito de veto), 52 (visando a limitar a cessão dos direitos de autor), 66 (substituindo a semestralidade atual na prestação de contas pelo pagamento mensal ou introduzindo a correção monetária) e 64 (introduzindo formas efetivas de controle das tiragens);

3) Sugerir que os direitos sobre roteiros de cinema, televisão, videotexto e outros meios, sejam calculados percentualmente em relação à renda apurada;

4) Recomendar a proibição, por parte dos editores, de reproduzir obras sem consentimento dos autores;

5) Propor serem estendidas ao tradutor os dispositivos legais que protegem os direitos autorais;

6) Recomendar o reexame da questão dos direitos autorais de obras de domí-

ISTAS DOS ESCRITORES CULTURA DEMOCRÁTICA



Lima, Jorge Cunha Lima, Fábio Lucas, e outro.

ritos e ritores

nio público, sugerindo que sejam repassados às entidades de escritores para formação de um fundo de publicação para autores novos;

7) Taxar a reprografia, em percentual definido, revertendo sua arrecadação para um fundo de apoio à edição, sem prejuízo das demais medidas que coibam a reprodução ilegal de textos por processos mecânicos;

8) Propor que a defesa dos direitos autorais fique a cargo das entidades representativas de escritores, inclusive com atuação jurídica, em consonância com os estatutos da UBE-São Paulo, artigo 3º;

9) Sugerir a criação de uma comissão ampla que prossiga os estudos sobre o direito autoral, com debates regionais, para fixação de uma posição nacional.

C) Organização do escritor

Recomenda-se:

1) Exame do atual projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional, regulamentando a profissão de escritor, com realização de debates regionais sobre o assunto;

2) Incentivo à criação de entidades regionais, nos moldes da UBE-São Paulo, visando a formação de uma federação, sem excluir a eventual sindicalização autônoma;

3) Acesso do escritor aos benefícios da assistência e previdência social;

4) Criação de canais alternativos para a difusão literária, pelas entidades de escritores e maximização de áreas alternativas para exposição e venda de livros.

Antônio Hohfeldt

Cláudio Willer

Lais Correa de Araújo

Paulo Oliver

Moacyr Scliar

Walnice Nogueira Galvão

O Escritor e a Realidade Nacional

A Comissão designada pelo plenário deste Congresso para encaminhar documento resolutório sobre O Escritor e a Realidade Nacional apresenta as seguintes conclusões:

1) Os vinte e um anos de regime autoritário foram os principais responsáveis pela fragmentação cultural do país, com reflexos que se fizeram presentes em muitas das manifestações do plenário, e principalmente na afirmação de uma ideologia da exclusão e marginalização dos escritores e do povo. Esta fragmentação, assim como isola regiões do Brasil uma das outras, isolou-nos também da vida cultural dos povos do Terceiro Mundo;

2) O escritor não pode ser dissociado da sua qualidade de cidadão. Ele e sua obra são parte da realidade. Como tal, reflete na sua obra e na sua ação a diversidade social, política, psicológica, cultural, racial, enfim o pluralismo da vida humana em sua plenitude;

3) O escritor brasileiro deve organizar-se como categoria junto à organização de outros segmentos da sociedade brasileira, na qualidade de um dos ativos construtores das liberdades sociais e individuais;

4) A massificação cultural a que estamos expostos cotidianamente exige do escritor a capacidade de:

a) manter uma atitude crítica permanente, denunciando a desaculturação determinada pela exploração e dominação dos interesses do capital financeiro internacional;

b) estar alerta contra a violência existente nos costumes, impedindo a veiculação de preconceitos de raça, cor e sexo e que sirvam para a exploração do homem pelo homem;

5) No atual momento brasileiro, o escritor tem a responsabilidade de participar de todos os movimentos que visam a efetiva realização da democracia brasileira, através de uma Assembleia Nacional Constituinte, precedida da liberdade de organização e expressão política, sem exclusões de partidos e ideologias.

Adolfo Mariano Costa
Alberto Ferreira
Alan Viggiano
Antônio Brasileiro
Carlos Emilio Correa Lima
Cuti (Luiz Silva)
Dilan Camargo
Djalma dos Santos Gomes
Eduardo de Oliveira
Moacyr Félix
Nailor George
Nicolau Sevcenko
Oswald Barroso
Renato Viana Soares
Salim Miguel

O Escritor e a Política Cultural

"Toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade" (art. 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos).

Por mais distantes que, no momento, nos encontramos deste direito, no entanto o assumimos como objetivo. Por consequência, entendemos política cultural não como a definição de conteúdos, mas como um processo de organização da cultura que propicie a sua mais ampla democratização e seu pluralismo.

O compromisso do escritor com a sua própria obra faz dele uma força crítica radical, que, entretanto, só se efetiva publicamente através da dimensão organizada da cultura. Por isto, as condições institucionais da cultura, que dizem respeito a toda a comunidade, são essenciais à realização da sua obra. O escritor é, pois, solitário e solidário.

Neste sentido, as demandas do escritor, no contexto moderno e brasileiro, convergem com a exigência geral de democratização da nossa sociedade.

Consideramos prioritária a adoção das seguintes medidas:

1) A democratização de todas as agências e instrumentos de organização, fomento e distribuição da cultura, através da representação, em seu interior, não apenas dos interesses governamentais, como também dos produtores e consumidores. Esta democratização implica ainda a descentralização, contemplando as expectativas e as realidades regionais;

2) A integração dos projetos e programas das agências públicas, superando os dilaceramentos organizacionais e atendendo aos objetivos precípuos do processo cultural;

3) A conscientização de que o interesse público é uma exigência tanto no setor estatal quanto na empresa privada;

4) A modificação substantiva na política de concessão de canais de rádio, TV e outros veículos de comunicação eletrônica, de modo a garantir as suas democratização e regionalização. É indispensável que, desde já, sem esperar pela elaboração de uma nova carta constitucional, as concessões sejam sancionadas pelo Congresso Nacional, impedindo o privilégio a interesses privados, partidários e religiosos;

5) O estímulo fiscal e financeiro à emergência de novos núcleos de produção e distribuição culturais e editoriais, no seu sentido mais abrangente, onde não os haja ou estejam debilitados;

6) A criação de oportunidades de treinamento, qualificação e edição de novos autores, seja através de bolsas e/ou outros mecanismos a serem implementados.

Isto posto, temos a convicção de que o processo cultural pressupõe um vínculo com um processo educativo sintonizado nos mesmos objetivos democráticos e pluralistas, cuja dimensão material são escolas equipadas e professores preparados e dignamente remunerados.

Uma transformação cultural efetiva se baseia na supressão do analfabetismo e das condições sociais a ele vinculadas.

Somente um homem liberado das carências materiais e no exercício pleno dos seus direitos civis pode ser um participante criador do processo cultural.

Alberto Dines
Dinorah do Valle
Flávio Moreira da Costa
Frederico Pernambucano de Mello
José Paulo Netto
Moniz Bandeira
Paulo Cavalcante
Roberto Schwarz

Carta de Princípios do Escritor Brasileiro

Os escritores brasileiros, reunidos em São Paulo, no Congresso de 1985, convocado pela União Brasileira dos Escritores, comprometem-se a:

1) Defender as liberdades democráticas e a manifestação do pensamento em todas as suas formas, sem preconceitos de classe, sexo, ideologia, raça, cor, nacionalidade e religião;

2) Participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Constituinte;

3) Propor o livre acesso a toda informação a respeito do cidadão que, a pretexto de controle ou fiscalização do Estado, possa ser anotada, arquivada e utilizada por qualquer autoridade pública;

4) Propor a reforma da atual Lei de Direito Autoral;

5) Propor a elaboração de uma nova política cultural, democrática e aberta, pela qual o Estado incentive e apóie a criação literária, artística e científica e garanta à produção nacional acesso permanente aos meios de comunicação de massa;

6) Exigir o cumprimento dos preceitos legais referentes à Educação, considerada a

sua prioridade;

7) Exigir dos poderes públicos a defesa e proteção do patrimônio cultural, artístico e ecológico do país;

8) Defender o acesso do trabalhador à terra e ao emprego;

9) Reafirmar a posição em defesa da autodeterminação dos povos, da paz entre as nações e do desarmamento nuclear;

10) Renovar o compromisso de luta pelo prosseguimento do processo democrático do Brasil.

São Paulo, 21 de abril, dia de Tiradentes

Alberto Passos Guimarães
Edgardo Carone
Eduardo de Oliveira
Fábio Lucas
Ibiapaba Martins
Jorge Cunha Lima
Lédo Ivo
Lia Luft
Manoel Correia de Andrade
Marina Colasanti
Nélida Piñon
Nelly Novaes Coelho
Ziraldo Alves Pinto

DE ESCRITORES

023: Almoçando na Manchete

ALMOÇANDO na Manchete. **Folha de Londrina**. Londrina, 29 nov. 1973.



024: Salim, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada

O Estado. Florianópolis, 12 dez. 1973.



025: Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes

STODIECK, Beto. Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. **O Estado**. Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.

O ESTADO — 14 de novembro de 1973 — Página 10

BETO

Stodieck

Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes.



As locomotivas sentadas. E locomotiva seeeeeenta? ? ? Foto de Paulo Dutra.

**Reunião das mais alegres e festivas, como sempre, aconteceu no último domingo nos jardins da mansão do casal Desembargador Severino Nicomedes e Iracema Alves Pedrosa. O motivo para o encontro de tantas e tão agradáveis pessoas foi o aniversário do Coordenador Estadual de Relações Públicas do Governo, Luiz Henrique Palumbo Targat, que recebeu cumprimentos, sempre acompanhado de sua bonita esposa, Ana Lúcia, e do rebento Gustavo Adolfo. Jáia Pedrosa, a flor do lar, recebeu os amigos de laçarotes vermelhos e trancinhas, com a graça habitual.*

**Roberto Biguaçu, assador-mor dos churrascos da Ilha, fez tanto sucesso que recebeu convite de Salim Miguel para repetir a proeza na Cidade Maravilhosa: de encantos mís. O antigo Gabinete de Relações Públicas compareceu em peso: além de Salim disseram presente Ilmar Carvalho, Fúlvio Vieira, que também apagou velinhas; Raul Caldas; Paulo da Costa Ramos e Paulo Dutra (que fez as fotos de hoje — como sempre). De Blumenau vieram Tereza (a outra flor do lar) e Telêco Nóbrega e Ruth e Rudi Bauer, com todos os filhos, muito dominicais. Na Mesa principal palestravam animadamente Miriam*

Bauer, chic e alegre como d'habitude; Leonida Vieira, com Ricardo e Cláudio, seus filhos muito preocupada com o cão Pirolim, ausente na festa; Nice Faria, a eterna elegância dos nossos salões, desta vez, elegante nos jardins; Desembargador Osmundo Wanderley da Nóbrega e Paulo Bauer Filho. E mais Antonio Carlos e Léa da Nova; Wilmar Henrique e a bela Bela Becker; Paulo e Vera Rocha; Ana Fox (que presenteou Targat com uma gravura de Aldemir Martins, autêntica) e o laureado fotógrafo de O Estado, Gaston Guglielmi. Na horta dos Pedrosas, circulando e conversando com todos, o Senador Alcides H. Ferreira.

**A grande surpresa da tarde foi Ilmar Carvalho que apareceu sozinho sem nenhuma lambete a tiracolo. Contou piadas com grande sucesso e cantou sambas antigos com voz de falsete.*

**Depois da fantástica sobremesa (Pudim Diplomata e Bolo de Chocolate com passas — criação da mãos-de-fada-mãe Iracema) e de vários repetecinhos de churrasco, promovidos pelo Desembargador anfitrião, foram todos para o Orlando Scarpelli ver de perto, ao vivo, o Flamengo vencer o Figueira, de um a zero Tout parfait.*



Durante a churrascada, um instante para a posteridade que traduz muita felicidade: o Desembargador e Senhora Alves Pedrosa.



Ilmar Carvalho quando, com voz de soprano, cantava. São vistos, ainda Targat e Fúlvio, os aniversariantes, mais Salim.

O26: O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida

CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. **O Estado**. Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9

Cidade

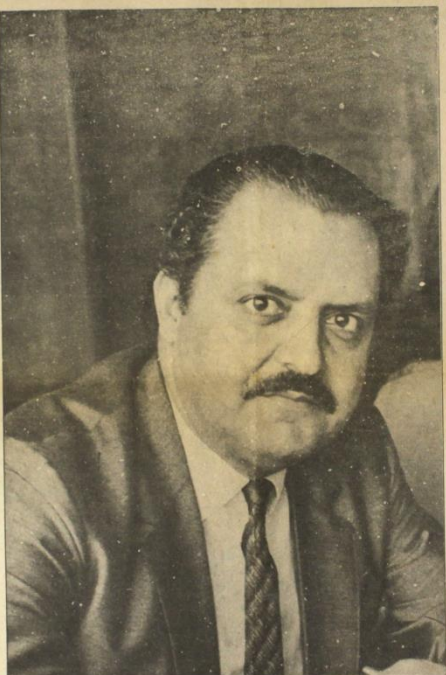
O Primeiro Gosto marca uma volta há muito requerida

Depois de mais de dez anos longe das estantes, SALIM MIGUEL lança, hoje à noite, no Sítio A2, o seu mais recente livro de contos, publicado pela Editora Movimento: **O Primeiro Gosto**. Mas essa interrupção não significa (como ele explica aí em baixo) que Salim parou de escrever. Durante todo esse período continuou produzindo (isto sem falar nas suas atividades jornalísticas) e já tem na gaveta mais três livros, em ponto de ir para entrar na imprensa (um romance, uma peça de teatro e mais um volume de contos). Esses livros darão continuidade à obra de um escritor, que, num determinado período, foi um dos mais férteis ficcionistas catarinenses.

Salim começou a aparecer em fins da década de 40, como um dos fundadores e ativo integrante do Grupo Sul, movimento cultural nascido em Florianópolis e que se tornou célebre em todo o país, não apenas literários e intelectuais. (E até hoje ainda é lembrado. Um fotógrafo da revista Manchete me contou que, numa viagem ao norte brasileiro, Salim era constantemente reconhecido por intelectuais da região "velha guarda" — apesar de Salim não se considerar incluído na categoria —, devido à sua atuação na revista "Sul"). E, a partir de 1951, ele desenvolveu fértil atividade literária: publicou dois volumes de contos (**Velhice e Alguns Gostos**), um romance (**Rede**), todos muito bem acolhidos pela crítica brasileira, participou de diversas antologias, organizou outras, andou metido em cinema, teatro e começou a se dedicar profissionalmente ao jornalismo. Com a dissolução do Grupo Sul, em 1958, Salim envolveu-se em novos movimentos e tornou-se uma espécie de Mário de Andrade catarinense (foi nessa fase que o conheci). Estava sempre disposto a ajudar e dar empurrões aos novos talentos e a ler originais de muitos gênios incompreendidos que surgiram por aí. Em 1961 ingressou no hoje célebre Serviço de Imprensa do Gabinete de Relações Públicas do Governo de Santa Catarina, que muito contribuiu para a renovação do jornalismo catarinense. Em 1965 foi para o Rio, como redator da Agência Nacional e logo era admitido como "copy-desk" da revista "Fatos e Fotos". Um ano depois transferiu-se para "Manchete", onde permaneceu até hoje. A ida para o Rio marcou também o início de uma nova fase literária para Salim.

O "Primeiro Gosto", composto de dez contos, onde, segundo Hélio Pólvora, em artigo publicado na edição da última quarta-feira do "Jornal do Brasil", "o escritor lembra e se entrega a um jogo conceitual que marcou toda a boa ficção de Machado de Assis — de quem, aliás, o ficcionista catarinense guarda certas ressonâncias de tom e de frase. Machado deve ser uma das suas maiores admirações, coisa fácil de se notar no manejo da língua, no apuro da forma literária".

Salim Miguel, hoje com 49 anos, casado com Egilê Malheiros, também escritora e antiga componente do Grupo Sul, cinco filhos, confessa-se um eterno inatífido — "Não pretendo nunca me sentir realizado" — diz ele — "porque isso significaria o fim da busca. Enquanto viver quero continuar buscando, consequentemente, criando".



Salim Miguel e seu velho pai, José, nascido no Líbano há 76 anos. Ele veio para o Brasil e radicou-se em Biguaçu onde Salim criou-se.



Salim e seu filho mais novo, Luiz Felipe, que atentamente acompanha o trabalho do pai, já demonstrando certos pendores para as letras.



O grupo de teatro criado pelo movimento "Sul", do qual Salim fazia parte, representou, pela primeira vez no Brasil, uma peça de Sartre.



Salim Miguel: Maktub

A seguir Salim Miguel explica suas posições diante do fenômeno estético-literário, ressaltando que o escrever, para ele, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. E cita uma palavra, que, como num fatalismo líbano-biguaçuense, o acompanha pela a vida afora: MAK TUB.

Por Raul Caldas Fº

1 - O Gosto SUL deixou marcas em Santa Catarina?

2 - "Força, ter garra, ter autenticidade, o ter talento,

CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguel: Maktub. O Estado. Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista.

Salim Miguel: Maktub

A seguir Salim Miguel explica suas posições diante do fenômeno estético-literário, ressaltando que o escrever, para ele, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. E cita uma palavra, que, como num fatalismo libano-bigaúense, o acompanha pela a vida afora: MAK'TUB.

Por Raul Caldas F.



1 — O Grupo SUL deixou marca em Santa Catarina?

R. — Deixou. Com seus acertos e erros, deixou. Isto é inquestionável. Hoje, à distância "proposita" de 25 anos, já é possível tentar-se uma análise um tanto isenta de paixões. Vejamos, então, um pouco de história: em 1948, um grupo de jovens catarinenses se agrupou e criou um movimento com o objetivo de "aspirar a memórias culturais da ilha de Santa Catarina". As repercussões e críticas foram várias e de diferentes setores. No entanto, ele nem era novo ou inédito. Pode-se mesmo dizer que era uma réplica, em termos catarinenses, do que em São Paulo fora, em 1922, a Semana de Arte Moderna. O nativo ficou conhecido como grupo Sul e também teve o seu Graça Aranha: Aníbal Nunes Pires. Isso porque, sendo a maioria dos seus componentes gente muito jovem e que nunca saiu da ilha, lutava aqui para ampliar visões, fazer chegar um pouco do que se estava tentando no Brasil e no mundo naquele pós-guerra, com todas as suas contradições e tumultos. Aníbal teve grande vitória (e com vitória) como estudante no Rio, onde participava de atividades culturais, frequentava rodas de jovens intelectuais. Retornando a Florianópolis, tornara-se seu nome bastante conhecido como educador, lecionando as mais diferentes matérias no Colégio Catarinense, no Colégio Coração de Jesus, no Instituto de Educação. Embora jovem, incentivava os mais jovens, tinha uma abertura e uma visão insuspeita para o problema educacional, aplicando métodos e preconizando teorias que só hoje começam a ser postas em prática.

2 — E neste tudo o Grupo Sul?

R. — O chamado Grupo Sul era o mais heterogêneo possível, com interesses os mais diversos, com jovens provindos das mais diferentes camadas sociais e intelectuais. Num determinado momento, como esse (já lá o termo chato) aconteceu, se encontraram, na floresta, nos bares, nos bancos escolares. Dos bate-papos intermináveis surgiu a necessidade de algo mais concreto. E em menos de três anos tinha-se: grupo de teatro experimental (que representou Sartre pela primeira vez no Brasil), clube de cinema, clube de gravura, ciclo de conferências, centro de estudos musicais, revista e editora Sul, e, pouco mais tarde, consequência do grupo, uma produtora cinematográfica. Tudo isto sob a vaga denominação de Círculo de Arte Moderna. Esse círculo, entretanto, inteiramente informal, nunca teve diretoria, nem estatutos, nem qualquer tipo de vinculação com grupos políticos, estéticos ou sociais. Era aberto ao debate de idéias, às formulações literárias, à pesquisa e experimentação.

3 — Alguns nomes que mais atuaram. Lembre-se?

R. — Entre os mais atuantes, poderia indicar, além do próprio Aníbal, Ody Fraga e Silva, Pedro Taulois, Antonio Paladino, Walmor Cardoso da Silva, Egle

"Pode-se dizer que o nosso movimento era uma réplica, em termos catarinenses, da Semana de Arte Moderna de 1922. Era o Grupo 'Sul' e também teve o seu Graça Aranha: Aníbal Nunes Pires. O Grupo, com acertos e erros deixou suas marcas".

"Em menos de três anos tinha-se: grupo de teatro experimental, clube de cinema, clube de gravura, ciclo de conferências, centro de estudos musicais e a revista e a editora 'Sul'. Mais tarde resolvemos fazer cinema".

Malheiros, Elío Bailetti, Armando Carreira, Hamilton Ferreira, Guido Wilmar, Sassi. Um pouco mais tarde, outros como Osvaldo Ferreira de Melo Filho, Silveira de Souza, Jason Cesar Carvalho, Hugo Mund Jr., Aldo Nunes, Meyer Filho, Hassi.

4 — E você?

R. — Desde o início minha atividade foi mais voltada para a coordenação da revista e das edições SUL. Num período de 10 anos, surgiram 30 números de revista e cerca de 20 edições. Para mim, foi um período de intensa atividade literária e cultural. Além do trabalho na revista e nas edições, passei a colaborar na imprensa local e na de outros Estados.

5 — O jornalismo atrapalha a literatura ou vice-versa?

R. — A controvérsia nos levaria longe. Num certo sentido, prejudica. Prejudica porque me parece que o escritor deveria dedicar-se em tempo integral à sua obra. Deveria ser, como nos Estados Unidos por exemplo, escritor profissional. No Brasil isto é impossível. Então o jornalismo passa a ser, digamos assim, o mal menor. Se devia o escritor de sua verdadeira vocação e destino, pelo menos lhe dá uma instrumentação. Em contrapartida, a pressão da imprensa pode levar a uma literatura apressada, no sentido de elaborada de afogadinho, quando se sabe que literatura é dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração. O debriçante sobre o papel depois do jorro inicial, a luta com a palavra, a procura e a insatisfação — tudo isto exige dedicação e tempo, um tempo onsumido em atividades outras.

6 — Por que o escritor catarinense mais produtivo entre 1951-55 parou de publicar por mais de 10 anos?

R. — Essa parada não significou o abandono da atividade literária, mas uma reformulação de posições — diante do fenômeno estético-literário. Escrever, para mim, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. Creio que quando mais jovens, por menos vaidosos que sejamos, sempre nos agrada a publicação em livro, o nome numa lombada. Como tempo vemos que o importante não é publicar. Importante é o que se publica. Importante é que a obra publicada tenha um significado, represente alguma coisa, seja estética e socialmente válida. Não basta que tenhamos o que contar; é preciso saber contar. É preciso recriar/ou inventar com autenticidade todo um mundo. Foi formando, assim, ao longo dos anos, uma série de conceitos, calcados na vivência, nas infundáveis leituras e na experiência com o bicho homem. Um deles é que a finalidade da arte não é agradar, mas agredir. Provocar. Motivar. Fazer pensar. A outra é que, muito embora a literatura seja um reflexo da realidade, o artista não pode e não deve copiar servilmente esta realidade. Ele precisa

se torça, se gata, ter autenticidade, e ter talento, óbvio, para recriar ou inventar uma realidade. Inventá-la e torná-la válida para o leitor. De qualquer forma, esse período representou um impasse para mim. Além disso, a necessidade de sobrevivência me levou para outros rumos: o jornalismo de tempo integral. E quando a gente vai ver, na luta pela sobrevivência acaba-se gastando o melhor de nós mesmos. E quando acabamos de sobreviver, estamos na hora de morrer.

7 — Então, por que literatura? E o famoso sangue árabe não falou mais alto?

R. — Eu diria que nós não escolhemos a profissão. Somos por ela escolhidos. Acrescentaria, num fatalismo libano-bigaúense uma palavra: maktub (estava escrito). O escrever, repito, para mim é um ato compulsivo. Confesso que me agrada muitíssimo mais ler. Mas tenho certeza de que nunca poderei deixar de escrever. Paro, entro em pane, medito, reformulo, tenho períodos de "inúscula literária", mas o vírus é forte, foi inoculado na infância, talvez antes de nascer. Poderia, talvez forçando um tanto a barra, adicionar: porque através da literatura procurei ser, dar o meu recado, não melhor nem pior do que outro qualquer. Repito que feliz ou infelizmente nunca conseguirei deixar de escrever. Acto que, todos nós, que escrevemos, no começo nos julgamos capazes de fazer "o livro". Como passar dos anos vemos que a luta com e contra a palavra se torna cada vez mais difícil e a procura do termo justo uma tortura permanente. Mas aí é que está o gostoso. Sentir que, de repente domamos o bicho, chegamos perto do que sonhamos. E aí é prosseguir. Sempre. Um último detalhe: minha ficção, me parece, às vezes é prejudicada pelo crítico e ensaísta que procurei ser. E chega.

8 — Como jornalista atuante qual a sua opinião sobre a imprensa catarinense de hoje?

R. — Hoje existe imprensa em Santa Catarina. A prova disto está aqui: O ESTADO. Ou em Blumenau: Jornal de Santa Catarina. O salto foi espantoso. Tanto gráfica como jornalisticamente. Já são jornais. Mas deve-se fazer justiça. Eu indicaria como começo dessa revolução um fato de 1961 e um nome. O fato: a criação do Gabinete de Relações Públicas. O nome: Fúlvio Luís Vieira. Ele agitou, no seu serviço de imprensa, uma turma jovem e aberta, de idéias avançadas, que tinha uma nova visão do fato jornalístico. Procuraram ver e estudar, acompanhar a renovação que se processava na imprensa do país. O resultado aí está: um Ilmar Carvalho, um Marcelino Medeiros, um Hélio K. Silva, uma Iria Pedrosa, um Luís Henrique Tancredi, um Carlos Ronald Schmidt, um Paulo da Costa Ramos, um Raul Caldas Filho, além de fotógrafos como Waldemar Anacleto, Paulo Dutra, Nilson Cardoso, Wilson Tolomioti — para me limitar aos que, à época, mais diretamente atuaram. Outros fatores foram a explosão de Florianópolis, que acordou de uma

"Desde o início minha atividade foi mais voltada para a coordenação da revista e das edições 'Sul'. Num período de 10 anos surgiram 30 números das revistas e cerca de 20 edições. Foi um período fecundo".

O conto Rinha, de O Primeiro Gosto, foi incluído numa antologia do conto brasileiro que está saindo na Alemanha. Além de suas atividades jornalísticas, Salim faz parte também da equipe da Enciclopédia Delta-Rousseau.

longa hibernação, a UDESC e a UFSC.

9 — Influências e leituras? Quais as mais próximas?

R. — Quanto às influências, estão no ar. É quase impossível, ainda mais o próprio autor, detectá-las. Afimidades, no sentido de encantar o mundo e sua problemática, sim. Citar seria me alongar. Deixo, contudo, algumas indicações. A primeira é que sempre fui um devorador de livros. Aos dez anos misturava a leitura dos folhetins de Michel Zevaco com Schopenhauer. Depois, logo depois, descobri Machado de Assis. Aliás, continuo descobrindo o velho machadinho dia-a-dia. Minha leitura foi sempre tumultuada, sem organicidade, sem método. Lia de tudo. A triagem veio aos poucos: Gogol, Dostoiévski, Tchecov, Stendal, Joyce, Proust, Italo Zvevo, Hardy, Faulkner, quantos mais. Considero a literatura hispano-americana atual a mais pujante do mundo. Este é outro capítulo. Do Brasil, figuemos nos mortos: Machado, Graciliano, Lima Barreto, M. Antonio de Almeida, Raul Pompéia, Mário de Andrade, Marques Rebelo.

10 — Afinal, O PRIMEIRO GOSTO?

R. — Pra começo de conversa, se não gostarem do título, relembram do autor: Camões. Pelos contos sou responsável. Num deles tenho parecido o José Hamilton Martelli, que só por isso não foi citado mais atrás. Devo aqui, algumas palavras de agradecimento: ao Eclair de Nascimento que apadrinhou; ao Sachet, que confiou no editor; ao editor, que acreditou no livro, num momento difícil e ao Studio A-2 que o vai lançar hoje. Outra referência: a Egle, minha mulher, que fica me atacando pra que eu solte os "demonstros interiores". O resultado está aí. O volume reúne contos de diversas épocas. O espírito da obra está nas duas epígrafes: uma de Camões e outra do Drumond. Com vêm, pelo menos sei me cercar. Embora alguns contos não reflitam, hoje, a minha visão da coisa literária, como o encaro, me parecem válidos pela carga que os informa. Tem um significado, no momento que os realizei marcaram um dado momento do meu mundo de escritor. E como escritor, o que mais me fascina é o bicho homem, é a pesquisa, é a insatisfação perene, a busca. Por isso não acredito em obra acabada. Aliás, detesto o "acabado". Acabado significa morte. E um escritor que se diz realizado, de obra acabada, só tem uma saída: dar um tiro na cabeça. Neste sentido, os contos do presente volume representam diversas tendências, experiências com a palavra, a construção da frase, e sugestão implícita. A luta com a palavra é árdua. Devo confessar que, muitas vezes, não consigo vencer a batalha. Nem por isso vou desistir. Indicar, no caso, como tentativa de explicação ou método de trabalho do fato literário e da luta do autor por sua obra, o último conto do volume, intitulado "Os Nossos Iguais".

028: Os melhores contos brasileiros de 1973

OS MELHORES contos brasileiros de 1973. DJ. Porto Alegre, 29 out. 1974.



SALIM Miguel. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista.

Salim Miguel

COMO vai nessa literatura?

— Em matéria de produção é difícil prever. Deve existir, é claro, gente pesquisando, escrevendo. Engavetando. Agora, se a pergunta se refere mais especificamente à publicação, não me parece que vá nada bem. Infelizmente.

— Quais os fatores que têm emperrado a divulgação de textos de autores catarinenses?

— Em primeiro lugar, a inexistência de publicações dedicadas às letras, de uma editora. Em segundo, a aparente falta de entrosamento. Os que escrevem estão dispersos, quando deveriam se congregarem e lutar pela divulgação do que estão fazendo.

— Acredita que os órgãos que tratam da problemática de nossa cultura têm o dinamismo necessário para canalizar as potencialidades da literatura jovem que tem surgido?

— Não. Não há uma dinâmica nem uma programação em favor da cultura. Os órgãos que deveriam se preocupar com ela não sabem muito bem o que querem. Me parece que o fundamental é o apoio e o incentivo aos valores novos. Ninguém escreve para deixar na gaveta. É para que se possa aquilatar o valor de uma obra, para que o próprio autor possa senti-la melhor, há necessidade de que o trabalho chegue ao leitor, ao crítico, seja discutido e anime o jovem a produzir mais.

— A quase total ausência de Editoras que teriam a coragem de editarem autores jovens seria um dos fatores questionados na pergunta número 2?

— As editoras, desde sempre, têm receio do autor jovem. E do novo. No nosso caso o problema se torna ainda mais agudo porque até autores conhecidos — salvo raras exceções — encontram dificuldade em serem editados. O que é preciso, então, é uma atitude mais agressiva por parte dos jovens, que eles lutem por órgãos seus, por pequenas editoras em forma de cooperativa que lhes publiquem os trabalhos, mostrando que os mesmos têm aceitação (e valor) até que as editoras estabelecidas e bem postas na vida se interessem por eles.

— A Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina criou uma Editora com o objetivo de divulgar obras de autores de nossa terra. Ela tem cumprido com suas finalidades?

— O esforço da UDESC é válido — mas restrito. Isto eu tive oportunidade de dizer ao seu diretor, quando se pensou na editora. É válido, porque publica alguma coisa. É restrito porque um livro é feito para ser divulgado, comercializado, colo-

cado em livrarias e bancas. Não tendo um esquema de distribuição, a UDESC se limita a dar seus livros aos interessados (bom mas insuficiente), deixá-los numa ou noutra livraria, mandá-los para outras universidades. E ao autor interessa muito ver seu livro procurado, comprado um por um, não em bloco por organismos ou empresas que os deixam empacotados em porões. Ou será que o esquema é outro. Então, ótimo — e fica o dito por não dito.

— O chamado "boom" literário brasileiro que teria ocorrido em 75 em nosso país, teria conseqüido irradiar seu sopro novo sua inquietude, para Santa Catarina?

— O chamado "boom" não é tão "boom" assim. De qualquer maneira já é, não se pode negar, uma abertura. Mais através de suplementos literários (que voltaram depois de uma longa hibernação), de semanários (como Movimento) que dão espaço à literatura dos novos, e de revistas como Escrita, Versus, Anima, Ficção, que abriram um mercado bom para o autor, mais especialmente o novo. E novos bons e em profusão sempre existiram. Alguns prosseguem sua realidade; outros vegetam, à espera do quê; e há os que se estiolam por falta de estímulo. Santa Catarina tem vez neste mercado, porém teria mais se também por aí, num esforço que congregasse novos, menos novos e velhos, alguns jornais, as universidades, e a própria Imprensa Oficial (que durante 10 anos apoiou o Grupo SUL e onde hoje se encontra como diretor um Flávio José Cardozo) possibilitasse o surgimento de páginas literárias, de um órgão dedicado à divulgação cultural e de uma pequena editora.

— Acredita que exista alguma fórmula para vencermos o ilhamento em que vivem nossos autores, o que impede não só a ocorrência de fecundos contatos, como gera uma verdadeira separação entre as diversas cidades do Estado — para não falarmos de oposição — como Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lajes e outras?

— Vencer o ilhamento depende principalmente dos jovens, do esforço que eles façam. Quanto ao arquipélago que é Santa Catarina, já não o é tanto assim. E o conagração dos diversos elementos, nas diferentes regiões, se resolveria com um bom trabalho, com publicação (ções) que verdadeiramente viessem dar oportunidade a todos. Quanto às oposições entre Florianópolis, Joinville, Blumenau, Lajes e outras, elas até me parecem benéficas e instigantes, no sentido de uma emulação que viria dar mais vitalidade e incentivo a todos.

— Na sua opinião, quais as obras de ficção (conto, poesia, romance) que surgiram nos últimos anos em nosso Estado e que merecem lembrança?

— Deixando de lado o que foi feito pelo Grupo SUL até fins da década de 50, penso que alguns trabalhos podem ser arrolados. Citaria as obras de um Ricardo L. Hoffmann, Miro Moraes, Flávio José Cardozo, Emanuel Medeiros Vieira, Holdemar Menezes, Paulo Costa Ramos, Jair Hamms, C. Ronald, Lindolf Bell, Osmar Pizani, Péricles Prade, Alcides Buss, Rodrigo de Haro, Almiro C. Andrada — para me limitar aos que tiveram a chance de publicar em livro. E que conheço. Terei esquecido alguém? Ou de alguém não tenho conhecimento?

— Cogita-se da criação do Instituto Catarinense do Livro; mas a respeito de sua eventual estrutura e regulamentação pouco se sabe. Desconhece-se, por exemplo, se o mesmo estará afeto à Secretaria de Educação do Estado ou à Secretaria do Governo ou mesmo se editará apenas livros didáticos, esquecendo-se das obras de ficção. O que você acha da criação desse órgão e o que ele poderá fazer independentemente de conotações políticas, pela publicação e divulgação de nossos autores?

— Poderá fazer muito... ou nada. A vinculação a esta ou àquela Secretaria não me parece importante. O Instituto, a exemplo do que já existe no Rio Grande do Sul, poderá ter uma função catalisadora. Precisamos:

primeiro, que saia logo; segundo, saber qual a sua estrutura e regulamentação; terceiro, o critério a ser adotado na escolha dos originais; quarto, que tenha uma abertura, vendo antes de tudo a qualidade e significado dos originais a ele submetidos. Mas também aqui é bom não se esquecer o fator distribuição — que não penso esteja bem resolvido no caso do Rio Grande do Sul. Outro aspecto: o órgão terá uma programação anual abrindo espaço para obras de ficção vanguardistas, permitindo que os novos deem seus recados; e setorial, atendendo as várias faixas de interesse cultural? Ou injunções outras o tornarão logo num organismo burocratizado e anquilozado de nascer?



Salim Miguel, nascido em 1924, criou-se no interior de Santa Catarina, em zonas de colonização, alemã e açoriana; esta última, a que se soma a sua condição de libano-biguacuense, tem profunda influência na sua formação e fazer literário. Autodidata, sempre leu muito e tumultuadamente. De tudo. Em 1943 muda-se para Florianópolis. Ali, com outros jovens, criou (1948) um movimento literário que ficou conhecido como Grupo SUL — revista, editora, teatro, artes plásticas, clube de cinema, cinema. Publicou: Velhice (e outros contos); Alguma Gente (contos); Rede (romance); Contistas novos de Santa Catarina (coeditoria com Osvaldo Ferreira de Melo Ruho); A Ponte (prosa e verso) de Antonio Paladino, organização, seleção, introdução; Centenário de Cruz e Souza; Interpretações (introdução e coordenação); O Primeiro Gosto (contos). Em ci-

nema, além de dirigir alguns documentários, participou do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina, O Preço da Ilusão, escrevendo o argumento com Eglê Malheiros e colaborando no roteiro. Já no Rio, juntamente com Marcos Farias e Eglê Malheiros, adaptou para o cinema A Cartomante, de Machado de Assis, e Fogo Morto, de José Lins do Rego. Tem para publicação A Morte do Tenente e Outras Morte, contos, onde as histórias, embora possam ser lidas independentemente, se interligam e fundem, personagens e situações indo e vindo, todos envolvidos na comunidade de Biguacu, mítica e real. Tem também prontos um romance e uma peça teatral. Residindo no Rio, é redator da Agência Nacional, redator-chefe da revista Tendência (Bloch Editores) e um dos editores da revista de contos Ficção. — E. M. V.



JUNKES, Lauro. Salim Miguel -1. [Jornal - ...]. Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura — 7.

Livros & Cultura-7

Salim Miguel-1

Libanês-catarinense-carloca, Salim Miguel nasceu em 1924. Passou a maior parte de sua vida em Santa Catarina, crescendo nas regiões de colonização alemã e açoriana. Biguaçu marcou uma formação humana e retorna constantemente em sua obra literária.

A partir de 1943 passou a residir em Florianópolis, onde liderou, juntamente com Aníbal Nunes Pires, um movimento cultural de ampla repercussão — o Circulo de Arte Moderna, conhecido como Grupo Sul — que teve por objetivo arejar com a renovação do modernismo nosso ambiente artístico-cultural, abrangendo as áreas de teatro, cinema, artes plásticas e literatura, através de exposições, debates, encenações, clube de cinema edição da Revista Sul (que chegou ao n. 30) e edição de vários livros de autores nossos.

Nessa época Salim publicou seus dois primeiros livros de contos: VELHICE E OUTROS CONTOS (1951) e ALGUMA GENTE (1953) e o romance REDE (1955), todos pelas Edições Sul, de Florianópolis. Organizou também para a mesma editora: CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA (antologia) e A PONTE, reunindo a obra de Antônio Paladino. Participou, ainda, como contista ou organizador, de outras antologias.

Em 1965 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde reside até hoje e desenvolve o jornalismo, como redator da Agência Nacional, redator-chefe da revista TENDENCIA e um dos editores de FICÇÃO. Publicou, ainda, dois volumes de contos: O PRIMEIRO GOSTO (1971, Movimento 1973) e A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES (Ed. Antares, 1973).

Ligado ao cinema, dirigiu alguns documentários e escreveu, com Eglê Mulheiros, o argumento e o roteiro do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina: O PREÇO DA ILUSÃO. Também em parceria com Eglê, adaptou ao cinema: A CARTOMANTE (conto de Machado de Assis, filme dirigido por Marcos Faria) e FOGO MORTO (romance de José Lins do Rego, filme dirigido por Marcos Faria).

VELHICE E OUTROS CONTOS

Esse é o livro de estréia de Salim, publicado em 1951 pelas Edições Sul. O livro enfeixa oito contos, relativamente longos, pois oito contos preenchem mais de cem páginas de tamanho grande e letra miúda. Salim Miguel revela, desde logo, seu talento de escritor. Se em alguns contos há uma certa dispersividade na ação, quando o conto deve concentrar-se numa só célula dramática, em outros isso não acontece e a narrativa prende vivamente a atenção, mesmo quando o assunto é mais reflexivo do que vivas. Predominam as narrações em primeira pessoa, o que é normal no que se inicia na arte literária (embora escritores maduros façam o mesmo!).

Nos dois primeiros contos aflora a problemática da criação literária. "carnaval: Casos de Espiridião" já desde o título revela falta de unidade: um companheiro extrovertido mostra a um intelectual — um pacato "solteirão, que ama a calma" — o carnaval florianopolitano, por dentro, evidenciando-se nesse as "lídimas representações de nosso ego mais íntimo" (18). Envolvidos pela movimentação, a multidão os carrega consigo e o companheiro pede que o escritor tudo descreva. Refugiados da multidão em um bar, como que por acréscimo, conhecem-se os "casos" de Espiridião Facada, que vivia pedindo dinheiro "emprestado". Comentando a diversidade de "tipos", observa o narrador que aqui no carnaval "os personagens é que saem dos livros para a vida, criados por um novelista louco, não a vida é que os fornece, não os livros vão colher os personagens à vida, como é de praxe..." (p. 14).

A seguir vem a interessante narrativa "Alvina, Essa Minha Noiva", narrada em primeira pessoa por S.M., num ônibus nos arredores de Florianópolis. A Narrativa passa-se em dois planos que, no final se misturam: o real e o imaginário — e levanta-se o problema para a criação literária: "o que é verdadeiro?" O primeiro plano, narrado em 1ª. pessoa, como observador, traz o presente real, vivido pelo narrador: dentro de um ônibus escuta os diálogos entre a "Mulherzinha do ônibus x Aprendiz de medicina"; no segundo plano, expresso através de consciência limitada a João, entremeia-se o plano imaginário do narrador: "o caso João x Alvina, essa minha noiva", deliciosamente popular: João, já entrado em idade sem ter encontrado mulher, finalmente encontra "Alvina, essa minha noiva" e prepara-se para casar. Muito astuciosa e interessante é a montagem do conto, em dois planos entremeados. Afinal, como é o que é a criação literária? (continua).

LAURO JUNKES

lim Miguel revela, desde logo, seu talento de escritor. Se em alguns contos há uma certa dispersividade na ação, quando o conto deve concentrar-se numa só célula dramática, em outros isso não acontece e a narrativa prende vivamente a atenção, mesmo quando o assunto é mais reflexivo do que vivas. Predominam as narrações em primeira pessoa, o que é normal no que se inicia na arte literária (embora escritores maduros façam o mesmo!).

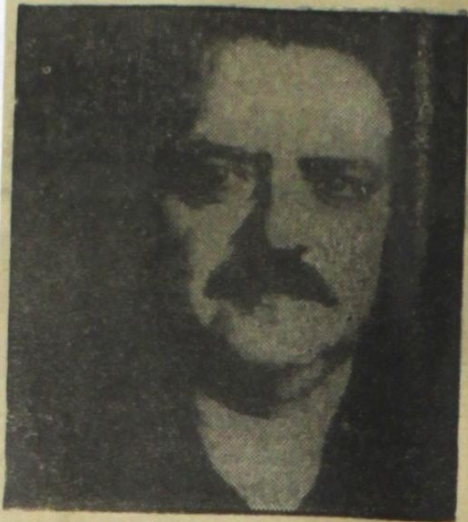
Nos dois primeiros contos aflora a problemática da criação literária. "carnaval: Casos de Espiridião" já desde o título revela falta de unidade: um companheiro extrovertido mostra a um intelectual — um pacato "solteirão, que ama a calma" — o carnaval florianopolitano, por dentro, evidenciando-se nesse as "lídimas representações de nosso ego mais íntimo" (18). Envolvidos pela movimentação, a multidão os carrega consigo e o companheiro pede que o escritor tudo descreva. Refugiados da multidão em um bar, como que por acréscimo, conhecem-se os "casos" de Espiridião Facada, que vivia pedindo dinheiro "emprestado". Comentando a diversidade de "tipos", observa o narrador que aqui no carnaval "os personagens é que saem dos livros para a vida, criados por um novelista louco, não a vida é que os fornece, não os livros vão colher os personagens à vida, como é de praxe..." (p. 14).

A seguir vem a interessante narrativa "Alvina, Essa Minha Noiva", narrada em primeira pessoa por S.M., num ônibus nos arredores de Florianópolis. A Narrativa passa-se em dois planos que, no final se misturam: o real e o imaginário — e levanta-se o problema para a criação literária: "o que é verdadeiro?" O primeiro plano, narrado em 1ª. pessoa, como observador, traz o presente real, vivido pelo narrador: dentro de um ônibus escuta os diálogos entre a "Mulherzinha do ônibus x Aprendiz de medicina"; no segundo plano, expresso através de consciência limitada a João, entremeia-se o plano imaginário do narrador: "o caso João x Alvina, essa minha noiva", deliciosamente popular: João, já entrado em idade sem ter encontrado mulher, finalmente encontra "Alvina, essa minha noiva" e prepara-se para casar. Muito astuciosa e interessante é a montagem do conto, em dois planos entremeados. Afinal, como é o que é a criação literária? (continua).

032: Jornalismo e literatura (principalmente) hoje na UFSC

JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. **A Gazeta**. [Florianópolis], 08 jun. 1979.

Jornalismo e Literatura (principalmente) hoje na UFSC *A Gazeta* 8/6



O jornalista Hélio Pólvoa e o escritor catarinense Guido Wilmar Sassi chegaram ontem à tarde a Florianópolis e hoje participam do "Encontro sobre Jornalismo e Literatura", juntamente com Salim Miguel e o contista Flávio José Cardozo.

A sessão de debates com estudantes, professores, jornalistas e escritores está marcada para às dez horas, no prédio do Centro de Convivência, no "campus" da Universidade. A promoção é da Coordenadoria do Curso de Jornalismo da UFSC, com o patrocínio da Secretaria de Comunicação Social, e colaboração da Assembleia Legislativa e Sindicato dos Jornalistas.

As 20,30 horas, os quatro escritores participam de lançamento conjunto de obras recentemente editadas. A Noite de Autógrafos será na Assembleia Legislativa, com a presença de autoridades.

O jornalista Hélio Pólvoa foi durante vários anos editorialista do *Jornal do Brasil*, enquanto Guido Wilmar Sassi é considerado pela crítica especializada um dos mais destacados contistas nacionais. O jornalista Salim Miguel, também contista, trabalhou como Redator Chefe da Revista *Tendência e Manchete*. Atualmente é o Diretor da Sucursal da Agência Nacional. O cronista Flávio Cardozo dirige a *Imprensa Oficial do Estado* e colabora no *Jornal da Semana*.

Salim Miguel (foto) vai autografar o seu último livro, "A morte do tenente e outras mortes", considerado pela crítica nacional como o seu melhor trabalho. O volume contém 11 contos. As histórias se desenrolam como quase todas as sagas contadas por esse grande escritor catarinense, no chão de infância do autor, a cidade de Biguaçu, enriquecida pelo forte poder de criação de SM. A morte do Tenente é um livro que revela a dimensão atual desse autor catarinense que depois de longo período vivido no Rio de Janeiro, volta ao seu estado natal definitivamente, para continuar aqui uma das carreiras literárias mais brilhantes do país.

033: Salim Miguel – Personagem

SALIM Miguel. *Jornal da Semana*. (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem.



Salim Miguel

Semana", onde mantém crônica semanal.

Salim Miguel. O único libano-biguaçuense registrado nos anais de nossa literatura. Numa família de comerciantes, transformou-se na ovelha negra, ao dedicar-se às letras. Fundou e animou o mais importante movimento cultural de Santa Catarina, o do Grupo Sul. Tendo residido no Rio nos últimos quinze anos, está de volta ao Estado. Publicou os livros de contos "Velhice", "Alguma Gente", "O Primeiro

A volta de Salim Miguel para Florianópolis, onde pretende se estabelecer definitivamente a fim de escrever, representa um novo estímulo à literatura catarinense.

* * *

Salim Miguel não admite que permaneçam guardados os textos escritos com talento. Fazendo o possível - e geralmente o impossível - consegue que os bons originais se transformem em letras de forma e sejam editados, numa paixão incorrigível (e bendita) pela literatura que, em Santa Catarina, teve nele um dos seus grandes incentivadores de todos os tempos.

* * *

É mais que provável que, com sua volta, a boa literatura também volte a Santa Catarina.

Salim e a nossa Biguaçu

De retorno marcado em definitivo à Santa Catarina, o escritor Salim Miguel, o que por si só, representa uma grande força para a literatura catarinense, que ultimamente, tem revelado uma nova geração de escritores. Para ele, o importante é que sejam divulgados de todas as formas, os novos talentos que têm surgido em abundância. Salim está adquirindo uma residência na Capital, onde passará a residir já a partir do mês que vem.

Que seja bem vindo. Bem que já está por aqui trabalhando e muito para alegria maior da família e dos amigos.

Aliás, teremos que marcar o lançamento de um dos seus livros em Biguaçu pois em várias obras referiu-se à nossa (minha e dele) cidade..!

LITERATURAS ESTADUAIS

É contingência inevitável dos escritores brasileiros nascerem em algum Estado: quanto a saber se há, de fato, literaturas estaduais, é problema diferente, a ser respondido pela negativa. Há Estados de "fraca tradição literária", como escreve Nereu Correia a propósito do seu, no prefácio ao livro de Celestino Sachet, *A Literatura de Santa Catarina* (Florianópolis: Lunardelli, 1979), o que não impediu o aparecimento de Luís Delfino e Cruz e Sousa, no passado, além de Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso, Ricardo Hoffmann e Lindolfo Bell na atualidade, ainda que se possa legitimamente questionar a "caterinidade" de Afonso Tainay e Egon Schaden (como, aliás, a de Cruz e Sousa e Luís Delfino, para nada dizer desse autor ao mesmo tempo superestimado e injustiçado que é Virgílio Várzea).

Tanto Celestino Sachet quanto os que o precederam nos levantamentos da literatura em Santa Catarina demonstraram, precisamente, que ela não existe enquanto atividade específica e local, o que todos compensam pelo recenseamento generoso e indiscriminado de nomes e títulos que, no caso de um deles, chega a incluir obras psicografadas. Pode-se pensar, contudo, diante dos escritores acima referidos, que não escasseiam em Santa Catarina, tanto quanto pensa Nereu Correia, "os valores com projeção nacional", nisso consistindo, como se sabe, o paradoxo autodestruidor das letras estaduais: só têm existência literária na medida em que superam as limitações de origem, da mesma forma por que, insistindo em afirmar-se como estaduais, correm o risco muito frequente de apenas caracterizarem-se como provincianas. Identificando a literatura "de Blumenau", "de Joinville", "de Brusque", Celestino Sachet prova, sem querer, o absurdo das classificações geográficas ou administrativas, assim como, pelas subdivisões incongruentes e heterogêneas ("As Primeiras Manifestações", "O Romantismo", "O Grupo Sul", "A Literatura da Gente Nova", etc.), nega a qualidade didática que o volume confessadamente desejava ter, enquanto obra de consulta para professores e estudantes e manual para as aulas de nível médio e superior.

Sendo um consciencioso e fatigante arrolamento de escritores e escribas, de autores sem livros e de jornalistas de fama local, este volume terá, de fato, escassos méritos didáticos e alguns defeitos antididáticos, seja na estrutura incoerente, seja por propor como literatura de

interesse pedagógico, vasto material que começa por não ter interesse literário, seja, enfim, pela natureza puramente informativa e sumária do texto. Pode-se pensar que o livro ganharia se a sua organização interna respondesse a uma ideia central e orgânica (mesmo que, no caso, fosse a mais singelamente cronológica) e se uma consciência mais nítida dos valores permitisse distinguir a escala de qualidade pela qual, afinal de contas, a literatura se identifica como tal. Não há história literária sem espírito crítico, implícito ou explícito, e o espírito crítico é um exercício de estereografia: é ele que nos permite compreender em que consiste, por exemplo, para além das comovedoras vicissitudes biográficas, a superioridade de Cruz e Sousa como poeta.

Não há história literária sem espírito crítico, implícito ou explícito; é ele que nos permite compreender, por exemplo, para além das comovedoras vicissitudes biográficas, a superioridade de Cruz e Sousa como poeta

Se Santa Catarina se destaca ou deixa de se destacar pela "fraca tradição literária", a Bahia, ao contrário, conta entre as mais ilustres das nossas províncias — mas, justamente: só foram ou são grandes escritores baianos os que ascenderam a condição de grandes escritores brasileiros, desautorizando, por definição, desde logo, a ideia de uma literatura baiana. Numa coletânea de excelentes páginas críticas (Camões Contestador e Outros Ensaios. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979), João Carlos Teixeira Gomes enfrenta a questão e, como seria de esperar de um analista lúcido, manifesta alguma dúvida sobre a existência de "características próprias", sobre a ocorrência do sistema literário que seria indispensável para configurá-la. Os seus "Apontamentos sobre a evolução da literatura

baiana" são apenas isso e não revelam a organicidade e a estrutura crítica que certamente terá ou que, pelo menos, seria desejável que tivesse, a futura história de que é apenas o esboço ou o roteiro.

A presunção autoriza-se pelo capítulo em que estuda a fortuna do Movimento Modernista na Bahia (p. 165 e s.). Observe-se, de passagem, que a revolução estética de 1922 encontrou as mesmas resistências e as mesmas discrepâncias em todos os Estados, sendo engano de perspectiva imaginar que "se afirmava devastadoramente" no resto do país (p. 169) enquanto o espírito retrógrado e conservador lhe opunha em terras baianas a hostilidade mais obstinada. E só a partir de 1924, com o discurso de Graça Aranha na Academia, que o Modernismo paulista, até então confinado na cidade natal e completamente ignorado no resto do país, adquire a condição de fato nacional, confirmando, mais uma vez, a lei antiestadualista que condiciona a literatura brasileira. Mesmo assim, o Modernismo, até a década de 1930, foi excentricidade de grupos jovens, esparsos e pouco numerosos, nos diversos Estados: como sempre acontece, ele só se tornou a literatura dominante quando já não era mais literatura revolucionária, e quando começava sutilmente a desfazer-se com o deslocamento do eixo literário de São Paulo para o Rio, da gratuidade estética para o compromisso social e político e do urbanismo paulista para o ruralismo nordestino. É muito significativo, escreve João Carlos Teixeira Gomes, "que o Modernismo tenha sido implantado na Bahia sob o comando de um conservador que, no fundo, tinha grandes dificuldades em compreender os verdadeiros objetivos da revolução em marcha", dela cultivando "uma visão enganosa e epidérmica"; o mesmo Carlos Chiacchio cuja obra crítica comentei há poucas semanas, em julgamento que tenho o prazer de ver confirmado neste volume.

Que o livro termine com um capítulo sobre "A desertão da inteligência", é, talvez, mais do que simples acaso tipográfico. Nele, João Carlos Teixeira Gomes condena, e com razão, por um lado, os exercícios de "arqueologia literária" que por algum tempo desencavaram supostos gênios que a crítica teria tenebrosamente abafado, e, por outro lado, a "subserviência intelectual típica de culturas secundárias e subdesenvolvidas" que, nestes últimos anos, esvaziou de toda autenticidade o nosso pensamento crítico.

MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag. 49.

Salim Miguel: "Sinto-me quase uma peça de museu"

Salim Miguel, que é conhecido pelos amigos como "O Turco", graças a sua origem libanesa, mais do que um catarinense do litoral, passaria tranquilamente por mineiro, tal a sua bonomia no enfrentar os problemas cotidianos, e a coragem com que, durante um bom tempo, primeiro sustentou a revista "Sul", com um grupo de companheiros, e mais recentemente, com outro grupo, manteve "Ficção". É justamente sobre a primeira, "Sul", que hoje em dia ganha gradativamente o reconhecimento nacional como um dos mais importantes movimentos regionais de arte, mas com claros reflexos nacionais, que Salim Miguel começa conversando conosco:

"Faz exatamente trinta e um anos que tudo começou, pois a revista nasceu em 1948 — tirou trinta números e vinte edições de livros, lançando escritores como Guido Wilmar Sassi, Eglê Malheiros, Silveira de Souza, eu próprio, com o meu primeiro livro. "Velhice e outros contos".

Olhando para trás, embora sem mágoa, Salim confessa ter por vezes um sentimento de velhice:

"Eu me sinto um pouco velho porque, de repente, descobriram em Florianópolis a importância do nosso trabalho, que nosso grupo fez o primeiro trabalho sério no estado barba-verde, e isso faz a gente notar que o tempo andou passando, e, sobretudo, que aquilo pelo que se anda brigando hoje em dia, já andamos fazendo nos anos 50. A história voltou para trás, neste sentido, e eu me sinto quase uma peça de museu. Ainda na semana passada, uma jovem me telefonou, porque está fazendo tese de mestrado sobre nosso movimento, me pediu informações, e como eu me dissesse velho, ela me pediu que só não morresse antes que ela me encontrasse, para ter os dados de que pre-

cisava. Quer dizer, é uma autêntica conversa surrealista, mas que bem diz de nossa realidade.

"Hoje, felizmente, as coisas voltaram a se modificar em Santa Catarina, depois de um período de pelo menos quinze anos de monotonia atroz, que todos nós sabemos ao que se deve. A criação da Fundação Cultural, a renovação da Universidade, permitem-nos debates tanto na capital quanto no interior, fazendo com que se tenha a oportunidade de encontrar as pessoas, até mesmo empresários, discutindo a importância do problema cultural. O problema maior, contudo, é que a gente se encontra com as pessoas, mas elas não nos leram ainda, porque os livros encontram dificuldades para circular, então, estamos gradativamente optando pela velha história de irmos fazer debates levando os livros debaixo do braço, o que, pelo menos, garante que possamos conversar mais consequentemente. Ou então, enviarmos livros com antecedência, para que as pessoas nos leiam, e possamos realmente discutir o nosso trabalho, nos colocar em xeque, se for o caso."

MODIFICAÇÕES

De qualquer forma, Salim aponta uma diferença básica, que é a receptividade dos lançamentos livreiros, pois, segundo ele, enquanto, há alguns anos atrás, sessões de autógrafos não conseguiam colocar mais do que meia dúzia de livros, hoje já se alcançam em torno de duzentos exemplares vendidos por sessão, o que não é grande coisa, mas que, se relativizado com o panorama brasileiro, não é de desesperar ninguém:

"Note-se que no Grupo Sul nós tivemos uma editora, uma revista, um cine-clube, chegando a produzir o primeiro



filme de longa-metragem do Estado de Santa Catarina, realizávamos grandes ciclos de debates... o que se buscava naquele tempo era a fixação do pessoal da Ilha, e a transposição da realidade dos mais variados aspectos do Estado, em termos de ficção. Veja que o Guido foi o primeiro a falar do Oeste catarinense, com as queimadas, as enchentes, a exploração da madeira, o episódio do Contestado, que serviu para o filme do Sílvio Back... Depois, a partir de 60, não se fez mais nada na Ilha, e agora, felizmente, se retornou a uma intensa atividade".

BIGUAÇU, UM MICROCOSMO

Embora tendo alguma dificuldade para falar em público, Salim não se tem negado a comparecer, com seus companheiros, aos debates que se têm organizado, e inclusive tem provocado vários deles, pois acredita plenamente em sua importância para o atual momento brasileiro. Contudo, isso não o tem afastado de sua literatura, que ele próprio re-

conhece ser "basicamente memorialista, já que toda a minha obra parte de coisas vividas ou percebidas através dos outros. Se Faulkner inventou uma cidade para a sua ficção, preferi adaptar uma que já conhecia, Biguaçu, a meus interesses. Era uma cidadezinha escassamente povoada, bem sei, mas como costumam dizer, a melhor maneira de a gente falar do mundo, é falar da nossa aldeia, e é isso que estou tentando fazer. Na verdade, acredito que o escritor tem uma luta constante para dominar a palavra, e só não sei se é melhor vencê-la ou deixá-la em estado bruto, já que talvez assim ela fosse capaz de dizer mais do que nós conseguimos. Por isso tenho optado pelos blocos maciços de texto, que se ligam diretamente a uma experiência de vida minha, embora trabalhada literariamente, que é a figura do Ti'Adão, a que me refiro constantemente, e de quem ouvi muitas histórias. Ti'Adão era assim, evoluía na história, voltava pra trás, enrolava-se, engrolava as coisas, misturava os temas, não dava chance da gente interferir, falava três horas corridas, mas com ele aprendi muita coisa".

Uma modificação já é clara neste novo livro de Salim Miguel, "A Morte do Tenente e outras mortes", que ele veio autografar aqui na semana passada: gradativamente o texto se abre, os blocos permitem maiores diálogos, um respiro mais amplo do leitor, o espanto menor, a maior possibilidade de que mesmo aquele indivíduo não acostumado a enfrentar o maciço texto literário, se sinta envolvido pela aventura que Salim propõe:

"Este volume foi escrito entre início de 1977 e início de 1978, portanto com grande unidade, salvo dois contos, que são de época anterior, "Gina boa" e "Galo, gato, atog".

Salim Miguel: "A Morte do Tenente e outras Mortes"

por Lauro Junkes

Salim Miguel é um libanês-brasileiro que ocupa um lugar de destaque nas letras catarinenses e, porque não, vem conquistando seu lugar no panorama nacional. Nascido no Líbano em 1924, criou-se no interior catarinense, ao contato com as colonizações alemã e açoriana. De 1946 a 1965 viveu em Florianópolis, época em que intensificou sua atividade literária, como um dos líderes ao lado de Aníbal Nunes Pires) do Grupo Sul, do Círculo de Arte Moderna que tardiamente embora, se empenhou na implantação do modernismo em nosso Estado. Salim foi dos mais ativos elementos do grupo, não só participando das reuniões e discussões, da organização e incentivo, mas também produzindo sua matéria literária. As Edições Sul lançaram três livros seus: VELHICE E OUTROS CONTOS (1951) e ALGUMA GENTE (1953), ambos de contos - O PRIMEIRO GOSTO. Neste 1979 está de volta a Florianópolis, participando, como jornalista que sempre foi, do JORNAL DA SEMANA. E também acaba de publicar um quarto volume de contos: A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES, pelas Edições Antares, em convênio com o INL.

Este novo volume de contos revela um autor maduro, senhor de uma técnica narrativa segura, que aprimora e inova a cada narrativa. Este é, creio, o ponto fundamental a destacar no seu último conjunto de contos: a habilidade narrativa, a preocupação constante com a forma, cuja perfeição é mais valorizada a cada leitor de seus textos densos e vibrantes.

Embora constando de contos diversificados, o volume apresenta uma grande unidade. A pequena cidade e região de Biguaçu, constitui o elo unificador. Todas as narrativas conduzem à caracterização dessa comunidade "mítica e real". Real, porque existe de fato e porque ela é apresentada sob aquelas características com as quais o autor a conheceu: pequena, pobre, subdesenvolvida, de ambiência atrasada, simples, popular. Mítica, porque os contos lhe conferem um importância histórico-social acima do real, mas sobretudo porque ela encarna todo um mistismo popular, porque é habitada por personagens-mitos, como é o poderoso negro curandeiro Ti'Adão, presente em todos os contos deste volume, objeto de um conto especial de volume anterior que figurar, na íntegra, no romance REDE, o excentrismo colecionador de gravata-borboleta, as estranhas irmãs velhinhas, etc. A pequena comunidade de Biguaçu, apresentando em destaque sempre os mesmos habitantes característicos - o negro Ti'Adão, o Zé Gringo da venda, o Lauro barbeiro, o prefeito F11Fedoca", o cego J M - ou desdobrando-

se até a primitiva São Miguel, impõe-se, cada vez com maior consistência através das várias narrativas.

Os contos abordam temática diversificada, embora tonalidade fundamental se apresente bastante homogênea, acentuando um caráter amargo, angustiante, irônico ou ambíguo. A morte e a velhice, temas muito chegados ao autor toda a sua obra, estão presentes nos contos: "O Gramofone", "O Silêncio Escuro" e "As Queridas Velhinhas". Dois contos revestem-se de erotismo e sensualidade em grau agudo: "A Aranha" e "Gina-Boa" - o que, aliás, não é comum no autor, mas aqui obtive um tratamento excepcional. Orelismo da vida e a ambiência estranha, contendo no fundo um denso potencial revolucionário, apresentam-se no vibrante esboço dado a "Um Bom Negócio" (título de profunda ironia) e na angustiante envolvimento de "Outubro, 1930". Destaque merecem ainda a captação das crenças e superstições populares em "O Presente do Diabo" e o hábil discurso artístico de "Galo, Gato, Atog".

Quanto à estruturação das narrativas e ao emprego de técnicas narrativas, constatamos que o fluxo de consciência, o fluir livre e precipitado do pensamento, o monólogo interior ocupa cada vez maior predileção do autor. A onisciência seletiva, fazendo fluir a mente das personagens, fazendo a narrativa brotar contínua e atropeladamente da consciência das personagens, materializando as sensações e os estados internos das mesmas, impõe-se gradativamente na evolução da contística de Salim Miguel. Por vezes, essa técnica de fluxo contínuo, mesmo admitindo o diálogo interno, resulta em transformar o conto num grande bloco único, compacto e homogêneo. É o caso de "O Gramofone", "Um Bom Negócio", "O Presente do Diabo", "Galo, Gato, Atog" e a melhor parte de "Gina-Boa", em que seu mundo interior de repente explode e jorra em desabafo ininterrupto, revelando a ambiguidade de sua sensualidade ingênua e maliciosa.

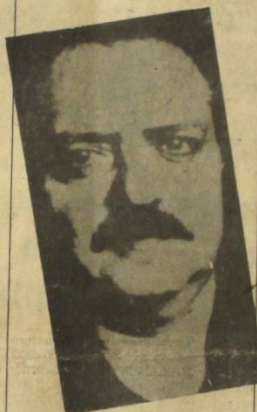
Em "Um Bom Negócio", a continuidade ininterrupta adensa gradativamente a angústia do protagonista, alastrando-se ao leitor, até chegar ao clímax da alucinação. O fluxo contínuo de "O fuxo contínuo de "O presente do Diabo" traz ao leitor, através da mente do protagonista, toda a reconstituição do passado que provocara a cena presente. Ainda em "Galo, Gato, Atog", o fluxo atropelado do depoimento une passado e presente, funde realidade e invenção, relaciona arte e vivência.

Essa construção da narrativa como um único bloco, contínuo e compacto, parece marcar a última fase de Salim Miguel e constituir uma característica de estilo e de técnica narrativa que vem-se

impondo na sua narrativa. E a técnica não figura como simples artifício ornamental ou experimentalista a continuidade compacta e densamente contribui para a criação da atmosfera, do clima de angústia e expectativa, para o desabafo atropelado do mundo interior das personagens, para conduzir o leitor a um estado de saturação.

Já outros contos, com o "O Silêncio Escuro" e "11As Queridas Velhinhas", apresentam-se em vários blocos menores, variando as técnicas de abordagem de cada bloco: a descrição por observador ou câmara, o depoimento pessoal, a notícia jornalística, o diário, etc. Essa multiplicidade de visões constitui tentativa de abordagem totalizante, pela variação de enfoques.

A limitação do narrador a confusão ou desorientação no foco narrativo constituem expedientes outros utilizados para carregar as narrativas de vibração interna



Salim Miguel

Em "O Gramofone", o narrador, defasado no tempo, limitado e desorientado, 60 anos após, une passado e presente memória e sensação, criando uma ambiência labiríntica em que envolve o leitor. "A Aranha" ainda registra o fluxo da sensação difusa, misto de medo angustiante e de atração misteriosa, experimen-

tada pelo menino, objeto dos jogos eróticos da prima. Também "Outubro, 1930" desenrola-se de acordo com a visão limitada e desorientada do menino, envolvido no estranho e ameaçador universo dos adultos. A inclusão de fragmentos de frase, de lances de informações, contribui para caracterizar a desorientação do menino atingido confusamente pelo mundo que o circula.

Muitas vezes é próprio registro de câmara cinematográfica ou o registro dramático que fornecem ao autor técnicas de captação direta da realidade, apresentada com vivacidade ao leitor. Nos contos do volume anterior explorou muito mais a técnica da visão de câmara cinematográfica, influência de suas ligações com o cinema. Mas, neste volume "Amanhã" utiliza bem, captando diretamente o diálogo e descrevendo momentos de observação. "O Escuro Silêncio" e "As Queridas Velhinhas" incluem, na multiplicidade de visões u de câmara cinematográfica. Passagens de outros contos ainda se caracterizam pelo limitado registro de observador.

São alguns aspectos que se salientam na leitura dos contos do volume em um preço. Salim Miguel, que eu já conhecia bastante bem pelos seus livros anteriores, surpreendeu-se decisivamente com este novo conjunto de contos. A técnica narrativa aqui realmente levada à sua maturidade. E são exatamente as releituras dos contos que o indicam. Aliás, sempre considerarei a releitura um teste decisivo para a avaliação de qualquer obra. A que não resiste ou nada acrescenta na releitura é medíocre. Mas, não é o que acontece com a maioria absoluta dos contos de A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES. A importância do detalhe, das observações de passagem, a densificação do relato, a preocupação com a estrutura narrativa, a adequação estilística - são alguns fatores que elevam seus contos a um alto nível dentro do próprio contexto nacional.

Salim Miguel é um escritor consciente do ofício de escrever. Sua obra o revela constantemente. E em entrevista ele o reconheceu explicitamente: "O que mais me atrai, como escritor, é a pesquisa. Sou um eterno insatisfeito. E muito disto POR ISSO MESMO ACREDITO QUE DIFÍCILMENTE DEIXAREI UMA OBRA ACABADA. Aliás, odeio o que se intitula acabado. Acabado é morto". No entanto, felizmente a obra contradiz a posição teórica. A MORTE E OUTRAS MORTES inclui contos que podem ser considerados acabados, maduros, temática e formalmente perfeitos. E não são mortos. Pelo contrário, apresentam densa e vibrante vitalidade. Trazem ao leitor uma face da vida, que sem dúvida o tocará sensivelmente. O leitor que se leia, releia e tresaleja para então concluir por si próprio.

O Círculo

Distante das curtiças literárias, no sentido de que as dispous para mostrar seu valor, mas extremamente bem informado de tudo o que se passa, aqui e acolá, em torno da literatura, sendo inclusive um dos editores da revista "Ficção" especializada na narrativa curta, Salim Miguel, hoje em dia residindo novamente em Florianópolis, é, sem qualquer favor, um escritor de maior e mais significativa contribuição à literatura brasileira, dentre os da sua geração. Atuante desde algumas décadas, liderando inclusive movimentos de vanguarda em sua terra, Salim não é, contudo, escritor de lançamentos ávidos e contínuos. Parco, profundo, meditado, sua literatura não tem moda, para alguns poderá merecer até a apostasia de "ultrapassada", mas seus contos eslam fundo, vão até muito dentro do espírito do leitor, prova inconfundível do grande escritor. Já tive a oportunidade de comentar "O Primeiro Gosto", lançado em 1973, e agora reencontro-me com ele nesta bela edição preparada por Ilêdo Pólvora e sua equipe, para "A Morte do Tenente e outras Mortes" (1), que considero, des de logo, um dos mais importantes lançamentos de contos desta temporada.

Onze contos estão aí reunidos, mais o erudito e sério prefácio de Fausto Cunha, homem apto a dissecar o conto, que ele próprio pratica, embora com parcimônia. A intenção de unidade fica evidenciada desde o título do volume, através do substantivo "morte", e depois, tal qual ocorre nos demais livros de contos do autor, permeamos na mesma geografia aquela que elegera Biguaçu numa mítica cidade microcosmizada, representativa de todo o universo humano ao qual o escritor pretende referir-se em seu trabalho.

Note-se que, apesar do título do volume, não encontramos nenhum conto com igual denominação, quebrando-se, desta forma, a praxe antiga. Não obstante o primeiro conto, intitulado "O Gramofone", é, efetivamente, a narrativa-título, ambientada num jogo da memória, que permite paralelismos e associações tipicamente proustianas em um retorno ao ano de 1915, numa longínqua e perdida cidadezinha libanesa, de onde vem Yusef, com quem seu filho José se identifica e relembra ao som de uma composição de Sérgio Ricardo, ele próprio — descendente de libaneses.

A narrativa, organizada em dois planos, mistura-se, de maneira constante, intencionalmente, criando um clima de "sus pense" que se equilibra entre a ficção fantástica e o conto absurdo, muito embora, através das articulações dos planos narrativos, em nenhum momento nos afastamos da realidade em si, permitindo-se o narrador apenas introduzir-nos na re-calitrante imaginação do jo-

vem eula tarefa noturna é br à vizinha aldeia em busca do médico que, se espera, salvará da morte ao tenente moribundo.

Já neste conto, contudo, encontramos algumas características generalizáveis a todas as demais peças:

"A música prossegue, me persegue, não sei mais se ela vem do sofisticado aparelho que mal diviso da minha meio-cabeira ou se a recupero de um mundo extinto" (p. 19). E logo adiante, no mesmo conto, o surgimento do verbo que tornará a grande maioria destas narrativas dotadas de uma ambigüidade e, decorrentemente, de uma característica de abertura (conforme Umberto Eco) que permite a construção da estrutura do enredo também por parte do leitor: "Mas me parece que não caminho, ando-não ando num torna-viagem incompreensível, a estrada ora se alonga ora encurta" (p. 23).

Os dois elementos importantes aqui introduzidos, assim, são, de um lado, esta ambigüidade, que aliás, vai se expressar de muitas outras formas e em diferentes níveis nos demais contos, e de outro, esta relatividade de quem não está absolutamente seguro do que fala, porque muito do que conta prende-se à memória, e está nem sempre poderá ser-lhe fiel.

O conto, contudo, propõe ainda o "desafio" da recuperação deste mundo extinto, não importa como, recuperação esta que se dá de maneira incerta, bastante casual, fruto de recordações esparsas, "como quem arma um quebra-cabeça. Fica o essencial" (p. 21), ou seja, a "imagem" das coisas porque "a imagem do que ele representa não sumiria com a desaparecimento físico do tenente. Permaneceria sempre mais ativa até. Logo outro, e outro, e outro desabairam sobre nós" (p. 22).

O conto seguinte, "Um bom negócio", como bem observou — Fausto Cunha, propõe uma leitura um pouco irônica, pois traduz, em sua afirmativa, exatamente o contrário ou seja, a frustração de que se vê vítima Zé-Gringo, quando tenta vender a grande quantidade de camarão seco que havia guardado em sua despensa. Fausto observa ainda que o conto, em sua densidade dramática, de "suspense" constantemente derubado na ansiosa busca da venda, passa de maneira muito forte, para o leitor, o próprio cheiro do camarão. Ora, se leremos um outro conto, como "A Aranha", obra-prima da literatura brasileira em sua sugestão de erotismo construído de maneira que só um verdadeiro mestre é capaz de alcançar, veremos que todo o ritmo do conto, a conformação da frase, a maneira pela qual se escolhem as palavras e as metáforas, visam à construção de uma imagem maior, mais ampla. Podemos assim, concluir que, de modo geral, a literatura de Sa-

lim Miguel é intencionalmente mimética: através das palavras articuladas nas frases e as sugestões por elas criada, o escritor recria gostos, cheiros, cores, movimentos, da mesma maneira como já o fizera, anteriormente, num conto sobre rinha de galos, em "O Primeiro Gosto".

É em "Um bom negócio" ainda, que surge mais amola a figura do preto, ex-escravo e contador de histórias, Ti'Adão, que conforme contou-nos o escritor em recente entrevista publicada no "Correio do Povo", existiu mesmo, em sua minice, e inspirou-lhe diversas das narrativas que hoje lhe podemos ler. Ti'Adão "fala, todos escutam, estão de oídos atentos ao que ele diz, é o oráculo das imediações, dá conselhos, dá rezas, oferece poções e mezinhas, amuletos, conta causos de antanho, bebe, pita o seu palheiro cuspinha, rememora a escravidão época de lutas e de sofrimento pro seu povo, lembra do derradeiro amor, relata histórias de tesouros perdidos e como descobri-los" (p. 33). (2)

Em outro conto, "O Silêncio Escuro", vamos saber de sua morte: "O enterro de Ti'Adão foi concorrido, o preto velho era estimado e conhecido, devia ter bem mais de cem anos, veio gente de longe, queiram tocar nele pela última vez, custou a se finar, a vida estava encruada naquele corpo" (p. 62).

Este conto, de certa maneira, remete o leitor ao primeiro da série, pois relembra ainda o episódio da Kfar Souron, e ao mesmo tempo prepara a retomada da figura de Ti'Adão no conto antes mencionado, ou se

la, o escritor tece vagarosamente uma determinada teia, não extamente à maneira de Astran Dourado, especialmente em "O Risco do Burdado", porque ali encontramos uma narrativa central, coisa que aqui não ocorre, mas à maneira de criar, aqui e ali, pontos de referência cujos intervalos deve o leitor obrigatoriamente preencher, e, como se viu antes, um quebra-cabeça, e no conto "Galo, gato, atos", aparentemente reunido ao conjunto dos demais trabalhos como algo extrínseco podemos identificar uma espécie de "poética" do escritor, da qual salientamos estes itens que nos interessaram especialmente, por construirmos unidades com as observações que estamos fazendo:

— Chama-nos inicialmente a atenção para o jogo e associação de palavras. Por exemplo, "mel e mel. Uma letra, duas palavras, tão distantes e tão próximas, pegajosas ambas" (p. 108). Note-se que o mal pode ser visto como espécie de mel que ataca os sentidos e provoca futuros resultados dolorosos insuspeitados no momento. No mesmo processo, lemos, logo após: "Ah, minha cabeça. Cabeça" (p. 106), em que é evidente a associação entre "cabeça", pote ou tijela que contém algo, e a cabeça, que evidentemente contém o cérebro, a memória. Se não esquecermos que cabeças fazem parte de rituais, teremos aí uma associação importante, pois o exercício da memória não deixa de ser um ritual.

— Outro elemento é quanto à maneira pela qual o escritor vê a arte: "Ougam: pintura não é fotografia, não é cópia não senhor. Se hoje até a fotografia já foge do real e interpreta. Pintura é recriação, é invenção, é interpretação e reinterpretção de acordo com a sensibilidade e personalidade do artista, suas paixões e idiossincrasias, é deformação, é, como ele vê. COMO ELE VÊ E SENTE, entendem". (ps. 110-111), e logo acrescenta:

"Dele: o roubo. Quero, ates, enquadrar e aprisionar aqui neste espaço limitado de tempo, uma visão do mundo, de um mundo, do meu mundo. No meu mundo. Concordam? Sim. Não. Mundo de sugestões contidas e por conter. Aqui, dentro de mim: aqui, fora de mim. Aqui, no que sou, no que me transformei. Pensemos um pouco, deixemos que a mente divague, livre. Solta. Que a imaginação galope..." (p. 111). Evidentemente, estas duas observações se completam: aprisionar o mundo dentro das páginas em branco do futuro texto, num dado momento, é construir o quebra-cabeça, que não será exatamente o real, mas sua recriação e interpretação, a maneira como sente e vê aquele real. Por isso, não é de se surpreender que o personagem confesse: "Ah, como eu passava horas entretido vendo o ovo ir entamente surgindo. Aquele mistério me fascinava" (p. 112). Não se traía, como em Clarice Lispector, de deslindar a galinha, de saber quem veio antes, se ela ou o ovo, mas algo mais simples: acompanhar o nascimento do ovo, acompanhar o nascimento da história. Por isso, todo o conto de Salim Miguel é lento, movimento contínuo, armado enquanto "proce-

da Memória

Antônio Hohlfeldt

so de", um continuum que se desenvolve à vista do leitor embora ele tenha de adivinhar e completar-lhe os segredos das contrações que geram ao próprio ovo. Ao final, tal qual o ovo, chega-se a um rápido climax, o desvelamento absoluto, o final do enredo: o ovo posto, não há mais mistério, a não ser a indagação permanente: como gerou-se a este ovo?

Não é de admirar que os contos de Salim Miguel sejam essencialmente baseados em uma situação. Melhor ainda: em um personagem, a enfrentar uma determinada situação. Salim fixa sua atenção nesta figura, e em torno dela começa a tecer círculos excêntricos, que se distanciam cada vez mais do ponto de origem, atingindo por vezes distâncias incrivelmente insuspeitadas, sem nunca perder, contudo, o eixo umbilical. Por isso, seus contos realizam-se como rituais, em que todas as palavras da fórmula devem ser sorvidas, recitadas, sob pena de não se realizar a magia. Não serve, a literatura de Salim Miguel, para o leitor apressado ou para aquele que lê apenas buscando o fim. Seu conto exige leitor lento, "gourmet" exigente, que como o autor, seja capaz de medir não só o que é dito como o silêncio, pleno de sugestões.

Simplex, forma externa, fórmula que dá resultados? Não, apenas equilíbrio necessário entre a forma que expressa e o conteúdo expressado. Porque se em José J. Veiga encontramos o choque entre dois universos, aqui desenvolvido e industrializado, que ao invadir a área do universo rural, contesta-lhe de maneira absoluta e termina por destruí-lo, até de maneira violenta, em Salim Miguel este mesmo choque ocorre, mas é visualizado de maneira diversa: de um lado, temos um tempo dento, sem pressa, puro, que ocorre no passado. Ele existe no tempo da infância, nas pequenas aldeias, nas cidadezinhas do interior. Depois, crescemos, ou estas aldeias e cidadezinhas ampliam-se, os meios de comunicação de massa invadem-nas. Não é necessariamente um mal, contudo, tal situação, desde que tenhamos alguém capaz de relembrar, de rearmar a antiga realidade, criando-a de maneira viva aos olhos dos novos. Veja-se, por exemplo, o conto "As Querdas Velhinhas". Aí temos duas velhinhas, tão absolutamente semelhantes que jamais se sabe quem é exatamente uma e a outra. O texto constrói-se com dúvidas, interrogações, buscando recompor o real: "Balouçavam a cabeça, remoiavam, fora ele lento ou rápido? — o que para ambas, afinal, já agora era indiferente" (p. 74), ou então: "Eram estranhas, perdidas lá no mundo delas, ou não, achadas nele, achadas, eu sei, sim, quem sabe estou construindo em cima das coitadas e do que elas foram uma imagem antiga

e falsa, artificial e imutável" (p. 74-5) e enfim: "Vamos, era uma, como Deus é servido, a outra, mas podia se mudar a ordem, e gestos, voz, entonação, tudo vinha igual. (...) Eu sentia que elas queriam que eu salsse, fosse embora, não poluisse aquele ambiente, não o conspurcasse como diria o senhor professor meu pai, eu queria resistir. Não dava" (p. 76).

É verdade que o passado se torna irrecuperável, mas não é menos verdade que em cima, ou a partir dele, constrói-se uma outra realidade. Mais do que isso, o casarão em que habitam as velhinhas e o mistério que cerca suas vidas é exatamente aquele mesmo espaço fechado, única barreira a defender a autenticidade deste universo, contra os chavões da sociedade de consumo. Nota-se isso de maneira clara também em "Outubro 1930", em que se verifica uma nítida fuga da situação real por parte dos personagens: "E a revolução, o que é? Ninguém sabia. Ninguém parecia saber. Ninguém queria saber. Nem os mais velhos. Os adultos procuravam não falar nela, como se não falando passasse a não existir" (p. 130).

E colorimos a perspectiva da autenticidade do tempo passado com nova gama de cor: o escritor não admite uma situação estática, e lembra-nos que no passado também havia falsidade, alienação, falta de coragem. A metáfora da fuga à revolução (revolução é o que revolucionaria, muda, modifica, dá cores novas a) — coloca-a como a verdade mais terrível para o indivíduo reacionário, que a teme como algo mortal. Junto com a revolução, embora nada tenha a ver com ela, surge mais uma vez a morte (p. 131), a lembrança de antigos feitos rememorados (ou inventados) nas antigas narrativas de terras e feitos longínquos. E segue-se então exemplo típico da criação literária em Salim Miguel, com a livre-associação de idéias, semelhante à técnica do "brain storm" publicitário, que ele desencadeia numa tentativa de abrir, em leque, a múltipla realidade que enfoca (ps. 134-5), até o final do conto, quando se reconhece a vitória da revolução e o final dos sonhos: "Há um hiato. De repente, a casa vazia. O silêncio. A revolução venceu" (p. 138).

O estudo poderia se alongar. "O Presente do diabo" é um conto pertencente ao mundo rural, com suas crendices, assim como "A Aranha" — o melhor do volume, sem dúvida — o é em relação ao mundo dos tabus e interdições. "O Silêncio Escuro" enfoca as frustrações de uma sociedade fechada e castradora, e "Gina-boa" fala da falsidade e dos mexericos. "Reunião" é o conto das vaidades, em que Salim Miguel exercita-se na recriação da oralidade artificiosa dos personagens, até a ironia final. E chegamos ao conto "Amanhã", com que se en-

certa o volume, e que nos apresenta a decadência deste mundo fechado, isolado em si mesmo, temeroso do que exista lá fora, e que impossibilitado de auto-renovar-se, limita-se a suas próprias repetições, exorcismos sem nenhum efeito, embora sua poeticidade literária seja indiscutível. Em "Amanhã" temos a permanente transferência para um amanhã não delimitado, dos planos de abandono da cidadezinha por parte de três jovens, insatisfeitos com a presente situação, "aquele não-viver sem perspectivas", embora reconhecendo sua impotência em libertarem-se da "cidade, frágil e insignificante, (que) os rodeia com braços de aço" (p. 146). O máximo que podem fazer é projetar o sonho frustrado num futuro opaco: "Mas amanhã vai ser diferente. Amanhã vamos largar tudo. Amanhã vamos nós mandar para sempre, para longe, bem longe. Amanhã" (p. 147). (3).

Nem a cidade mítica de Bangua é capaz de recuperar-se, ilhada que se encontra num universo diverso, nem seus personagens terão capacidade de ausentar-se, pois ainda que fisicamente distantes, permaneceriam para sempre ali atados, exercícios constantes de memória, tal e qual o escritor, ao criar seus contos. Em verdade, Salim Miguel, é um dos mais interessantes exemplos de consciência criadora, utilizada diretamente na maneira mesma pela qual compõe ele sua obra. Exemplo admirável e respeitável, que, como disse, só o grande artista pode dar.

(1) MIGUEL, Salim — "A Morte do Tenente e outras mortes", Editora Antares — Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1979.

(2) Ti'Adão é um dos tantos personagens velhos de Salim Miguel, cuja rememoração e sapiência decorrem exatamente de sua idade e experiência. Temos o mesmo com o meio-cego que relembra a aventura do pai, em "O Gramofone", as duas velhinhas, e em outros contos mais. A valorização de tal sabedoria ocorre, evidentemente, apenas no mundo rural.

(3) Evidencia-se assim, a função de exorcismo que a palavra desempenha para Salim Miguel e seus personagens, seja recuperando o irrecuperável, seja substituindo a "práxis".

ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelistas e livreiro objetiva uma campanha de progresso. A Cidade. S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.

Escritor Catarinense empolgado pelo turismo

SALIM MIGUEL: Novelistas e Livreiro objetiva uma campanha de Progresso

Salim Miguel é um jovem responsável pela renovação de valores vanguardistas na literatura e nas artes catarinenses. Ihéu é tão tímido quanto bom maneja-dor de pena. Jornalista ágil e melhor contista, sua cabeça gra-va muito bem cenas ao seu der-redor, transpostas, cheias de vida de calor humano e dentro da me-lhor técnica, para livros que rra firmam o conceito que fazemos do jovem novelista que reuniu em torno de si um grupo de ele-mentos cujos nomes já se proje-tam além frontais.

Salim Miguel fundou e é um dos diretores da revista «SUL», que desde 1948 se edita em Fló-riandópolis, sendo muito conhecida e apreciada no Brasil, e fora de seus li-mites, pois, sua mensagem alcança a Argentina, Uruguai, Espanha, África Por-tuguesa, Portugal, etc. Publicou de sua autoria «Velhos e outros con-tos» (1951), «Alguma Gen-te», (1953) e o romance «Rede», saído do prelo no ano passado.

Sua livraria é uma das melhores da capital, e em meio a seus inúmeros afa-zeres, Salim Miguel ainda encontra tempo de prepa-rar um volume onde reu-nirá seus apontamentos de crítica literária (e boa crítica...), um volume de contos e uma novela, co-laborando, também em jo-rnais e revistas do Estado do país e de Portugal publicando especialmente artigos sobre autores e li-vros, e em seu rol de ati-vidades se inclui a cor-respondência de Santa Catarina para a «HORA» de Porto Alegre.

Pode-se dizer mesmo que o lançamento da revista «SUL» re-volucionou a pacatez do ambien-te literário da capital, pelo cunho de movimento modernista de que se revestia, muito embora, o mes-mo já tivesse sido em muitos pon-tos ultrapassado a «antropofagia» da revolução literária havida há vinte anos em São Paulo.

O grupo editor de «SUL» aju-dou ainda, a organizar o Museu da Arte Moderna, da Florianópolis o Teatro Experimental, Clube de Cinema, e as edições de cader-no «SUL», tendo trabalhado cons-tantemente «pela divulgação lá fora da coisa nossa», na expre-são de Salim Miguel.

UMA OPINIÃO VALIOSA

Fomos procurar o novelista em rápidas linhas acima biografado para que se referisse sobre o pla-nejamento turístico da Transportes Aéreos Catarinense, visando di-vulgar Florianópolis, fazê-la co-nhecida, e visitada. Salim Miguel não se fez de rogado. Deixemo-lo falar:

Já se tornou acaciano dizer se que as possibilidades de Fló-riandópolis são no terreno do turis-mo, no aproveitamento das bele-zas naturais da ilha, e também nas suas possibilidades como futura cidade universitária. Não possuindo indústrias, seu comér-

cio sendo mínimo, não tendo ou-tras fontes de renda — é espe-cialmente no turismo que se de-ve buscar tais fontes. Florianópolis é, atualmente o que se con-venção chamamos uma «cidade de funcionalismo público».

Não é de hoje que se fala, que se clama pelo turismo em Fló-riandópolis. Há muitos anos que em tal se pensa. Mas nunca se pas-sava da palavra a ação. Todos achavam imprescindível, mais do que necessário. As discussões a este respeito eram infundáveis. Partir do terreno das discussões teóricas para o das realizações práticas é que eram elas.

Foi principalmente com o plano de turismo da TAC (Trans-portes Aéreos Catarinen-ses) que alguma coisa co-mçou a ser feita. Com uma bem organizada e constante campanha de divulgação, chamando a atenção para os pon-tos mais pitorescos da ilha, facilitando avin-da de personalidades de fora e aproveitando o me-lhor possível as que aqui vinham parar por outro motivo qualquer, a TAC, vem realizando um traba-lho pioneirístico do melhor quilate e que deve ser imitado por outros. Tendo a frente de seus trabalhos pessoas como Luiz Fluzza Lima, na direção e Iimar Carvalho no Departamen-to de Relações Públicas vem batalhando de modo constante e coerente para transformar, em futuro próximo o turismo numa fonte de renda, numa atração. Não é só a La-goa com o futuro Hotel Dunas, não é só o Clube do Penhasco, não é só o



O dr. Osmar Cunha, prefeito municipal, em companhia de seu colega de Joa-quinha, dr. Ruy Homique, e sr. Luiz Fluzza Lima, diretor-superintendente da Transportes Aéreos Catarinense, inspec-ta seu calçadão para principiar o calçamento da via de as-cesso ao Clube do Penhasco, dentro do prazo de 60 dias.

Relações Públicas em Santa Catarina

A importante revista técnica PN (Publicidade & Negócios), publicada quinzenalmente no Rio de Janeiro, e de grande projeção nas classes conservadoras do país e, especialmente, nos círculos publicitários, divulgou recentemente a nota que passamos a transcrever em sua seção de Relações Públicas, dirigida por Ney Veixoto do Vale, chefe desse departamento na Esso Standard do Bra-sil Inc.:

«A TAC Transportes Aéreos Catarinenses, com sede em Fló-riandópolis, iniciou no mês de dezembro atividades de Relações Públicas, tendo organizado um Departamento para esse fim, que foi entregue a supervisão do jornalista Iimar Carvalho.

Em carta dirigida a PN, o sr. Luiz Fluzza Lima, diretor su-perintendente da TAC, comunicou esse auspicioso acontecimento que dá àquela empresa aérea o pioneirismo em R. P. no Estado de Santa Catarina.

Somos gratos pelos recortes enviados, os quais comprovam o excelente trabalho de divulgação turística feito pela TAC. Na medida do possível, esta seção enviará a ao sr. Fluzza Lima a es-cassa literatura existente no Brasil sobre Relações Públicas, confor-me seu pedido».

constante plano de divulgação e penetração do Departamento de Turismo da TAC. São todas as outras mil pequeninas coisas que fazem com que um plano seja vitorioso.

NÃO É O BASTANTE

Mas isto não é o bastante. Exis-tem outras, o que é preciso rea-lizar urgentemente, como por exemplo, estradas. Não se pode compreender que se pense em turismo sem estradas. Embora melhores as nossas estradas para os pontos pitorescos da ilha — só com muita boa vontade podem ser denominadas de «estradas». São quase como diria Rubem Braga «estradas para aviões». Vamos ver se os atuais detentores dos poderes públicos, dedicam um pou-co de suas atenções para a coisa.

Os resultados, temos certeza,

Encomendas de

CARIMBOS

de todas as espécies, rotativos etc Encomendem na

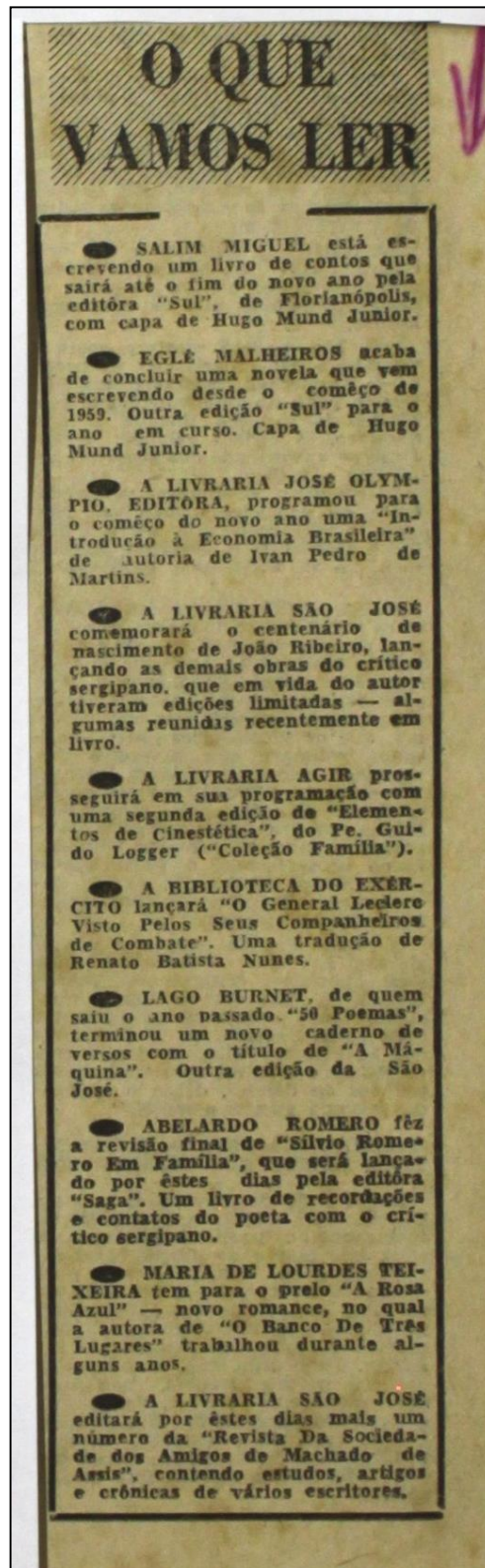
Impressora São Francisco

serão os melhores possíveis. Pe-lo que já se tem conseguido no pouco tempo de atividade, não há — se é que havia mais dúvidas a respeito. Depende agora, só-mente, do trabalho e continua-de.

(Serviço de Imprensa do Departamento de Relações Públicas da Transportes Aéreos Catarinense — TAC.)

041: O que vamos ler

O QUE vamos ler. **Correio da manhã**. [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag. 9.



O QUE VAMOS LER

- SALIM MIGUEL está escrevendo um livro de contos que sairá até o fim do novo ano pela editora "Sul", de Florianópolis, com capa de Hugo Mund Junior.
- EGLÉ MALHEIROS acaba de concluir uma novela que vem escrevendo desde o começo de 1959. Outra edição "Sul" para o ano em curso. Capa de Hugo Mund Junior.
- A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO, EDITORA, programou para o começo do novo ano uma "Introdução à Economia Brasileira" de autoria de Ivan Pedro de Martins.
- A LIVRARIA SÃO JOSÉ comemorará o centenário de nascimento de João Ribeiro, lançando as demais obras do crítico sergipano, que em vida do autor tiveram edições limitadas — algumas reunidas recentemente em livro.
- A LIVRARIA AGIR prosseguirá em sua programação com uma segunda edição de "Elementos de Cinestética", do Pe. Guido Logger ("Coleção Família").
- A BIBLIOTECA DO EXERCITO lançará "O General Leclerc Visto Pelos Seus Companheiros de Combate". Uma tradução de Renato Batista Nunes.
- LAGO BURNET, de quem saiu o ano passado "50 Poemas", terminou um novo caderno de versos com o título de "A Máquina". Outra edição da São José.
- ABELARDO ROMERO fez a revisão final de "Sílvia Romero Em Família", que será lançado por estes dias pela editora "Saga". Um livro de recordações e contatos do poeta com o crítico sergipano.
- MARIA DE LOURDES TEIXEIRA tem para o prelo "A Rosa Azul" — novo romance, no qual a autora de "O Banco De Três Lugares" trabalhou durante alguns anos.
- A LIVRARIA SÃO JOSÉ editará por estes dias mais um número da "Revista Da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis", contendo estudos, artigos e crônicas de vários escritores.

CATARINENSES NO FESTIVAL

Santa Catarina se fará representar no II Festival por cinco escritores residentes naquele Estado. São eles: Salim Miguel, Oswaldo R. Cabral, Almiro Caldeira de Andrada, Silveira de Souza e Ronald Schmidt. Autografarão eles suas obras, de diversos gêneros, sendo de se destacar o romance *Rêde*, de Salim Miguel, e *O Vigia e a Cidade*, livro de contos de Silveira de Souza, com xilogravuras e planejamento gráfico de Hugo Mund Jr.

"O TOURO NEGRO"

Mais um trabalho de Aluísio Azevedo, na coleção de suas obras completas que vêm sendo publicadas pela Martins: *O Touro Negro*, com introdução de Adônias Filho. Esta obra do autor de *O Cortiço* é constituída principalmente de cartas enviadas a conhecidas personalidades literárias do tempo e de artigos de jornal, e abrange um largo período na atividade do escritor, ou seja — de 1882 a 1910. Já publicou a Martins, nessa coleção uniforme das obras completas do romancista, os seguintes volumes: *Filomena Borges*, *Girândola de Amores* e *A Mortalha de Alzira* — todos eles precedidos de uma introdução crítica, ilustrados com fotos e gravuras da época, e com capa de autoria de Clóvis Graciano.



Salim Miguel. num desenho de Seliar.

043: Zum-Zum: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento

ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento. **O Estado**. Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3.

Zum-Zum

Constituiu-se em grande sucesso o seu lançamento

↑ COQUETEL N ORANCHO DA ILHA — PRESENTES OS REPRESENTANTES DO GOVERNADOR E DO PREFEITO, ALÉM DE GRANDE NÚMERO DE DEPUTADOS E ALTAS AUTORIDADES — FLORIANÓPOLIS APOIOU TOTALMENTE A INICIATIVA, HAVENDO A VENDAGEM DA REVISTA SUPERADO TÓDAS AS ESPECTATIVAS.

Com um coquetel, para o qual foram convidados as pessoas mais representativas dos nossos meios sociais e da vida pública, realizou-se no sábado p.p., no Rancho da Ilha, o lançamento da nova revista de divulgação "Zum-Zum", que tem como editores os srs. Miro Moraes e Salim Miguel.

O acontecimento revestiu-se de grande significação, tanto jornalística como social, desde que todas as personalidades presentes foram unânimes em afirmar que Zum-Zum veio a preencher séria lacuna que se fazia sentir no meio da Capital, que de há muito se desejava uma publicação de caráter negro.

Falando à reportagem, os jornalistas Salim Miguel e Miro Moraes asseveraram ser esse primeiro número uma espécie de "número laboratório", do qual serão ponderadas as possíveis falhas e anotadas as preferências do público por determinadas seções e artigos, saindo dessa sindicância a real medida com que a publicação poderá atingir plenamente aos seus objetivos, agradando, na medida do possível, aos leitores mais exigentes.

"A aceitação completa e cabal que teve a revista, nesses primeiros dias de circulação, é ao mesmo tempo um incentivo e uma prova de que o meio se ressentia de uma revista nos moldes de Zum-Zum" — declarou nos Salim Miguel. "E para a próxima edição, esperamos melhorar o nível da impressão, que reconhecemos ter sido falha, bem como introduzir algumas modificações de interesse do público e oferecer uma completa cobertura fotográfica do Estado, de nossa cidade".

Encerrando sua palestra com o repórter, disseram os editores da boa vontade que encontraram em todos os meios a que recorreram esperando, de outra maneira, que a publicidade — que é a alma do negócio — após o sucesso desse primeiro Zum-Zum venha a aumentar em muito, o que dará ocasião de serem introduzidos grandes melhoramentos em sua publicação, dotando a cidade do meio de divulgação que realmente merecia.



O diretor de Zum Zum com a srta. Yara Pedrosa e sr. dr. Fulvio Vieira, durante o coquetel de sábado, no Rancho da Ilha



No flagrante, um aspecto do coquetel de sábado, onde se encontra o corpo redatorial de Zum-Zum em animada palestra. Da esquerda para a direita: Miro Moraes, Hélio Abreu, Paulo C. Ramos, Salim Miguel, Yimar Carvalho e Silveira Lenzi

SALIM MIGUEL: Natalício

Para nós que lidamos na imprensa, é-nos grata esta efeméride, que marca o natalício do jornalista Salim Miguel, redator do Serviço de Imprensa do Gabinete de Relações Públicas e encarregado do escritório da Agência Nacional em Santa Catarina.

Contista e crítico literário que emergiu da chamada geração de 45, constituindo-se em um dos líderes daquele movimento que nas letras da província editou a nacionalmente conhecida revista SUL, o nataliciante, mercê de

sólida cultura literária que lhe grangeou, suas múltiplas atividades no jornalismo e na literatura, é espírito inquieto que tem se espralado pelos terrenos do cinema e do teatro. Um dos responsáveis pela editora SUL, muitos talentos por ela foram lançados, praticamente descobertos por Salim Miguel.

Mais tarde, ainda com

remanescentes do grupo SUL e elementos de uma geração mais nova — Silveira de Souza, Ronald Schmidt e outros — editou o jornal literário Roteiro, com a respectiva editora do mesmo nome, esta em franca atividade até hoje, dando a conhecer ao país nova safra de bons intelectuais da terra.

A par dessa criadora atividade pão-de-espirito, decorre a outra do pão-nosso-de-cada-dia, que é a colaboração jornalística diária que Salim Miguel mantém na imprensa catarinense, e sua coluna de crítica literária nesta folha, além da página de literatura de O ESTADO, que mantém juntamente com Péricles Prade, e Silveira de Souza.

E há também o Salim amigo, companheiro, papo indispensável e atualizadíssimo em arte e literatura, e que se constitui, "et pour cause" numa verdadeira ponte entre os grandes do país, e Santa Catarina. Responsável, ora como colaborador, ora como idealizador de promoções culturais do mais alto alcance, é um nome respeitado dentro e além fronteiras, estaduais, como uma das mais autênticas afirmações nos fastos de nossa "inteligência".

Ao aniversariante, pois, as felicitações de O ESTADO.



SALIM MIGUEL

X X X

NOTAS Sociais. A Gazeta. Florianópolis, 31 jan. 1964.



TRIBUNA Social

Notas Sociais

Amanhã, no Praia Clube, onde festival de Verão, promoção do cronista Lázaro Artolomeu.

Domingo, festa pré-carnavalesca, com entrega da faixa à Rainha do Atlântico Sul, na sede social do Clube "Doze de Agosto".

Comentada a decoração do carnaval do Lira Tênis Clube, denominada "Reinado de Momo".

Carmen Rosa Caldas, sobrinha do Clube "Doze de Agosto", em preparativos para o carnaval da nova sede, com o bloco de gente do "society".

Preparase o Bar e Restaurante do Lux Hotel, para receber nos dias de Carnaval, muitas e gente de sociedade parodiadas de uísque.

A diretoria do Clube Soropista agradece à gentileza do escritório em agradecimento à Coluna.

Agência de Publicidade Progresso Ltda., de Rosendo Lima Antunes Severo, em preparativos com seus serviços para o tríduo de Momo em nossa cidade.

Amanhã, no Ginásio "Charles Edgard Moritz", Grito de Carnaval dos comerciantes.

Em nossa cidade, jovens da sociedade joinvillense, para a partida de basquete com o Clube "Doze de Agosto".

Angelita Martinez, famosa atriz do teatro nacional, é

a nova Rainha do Carnaval do Hotel Gloria, no grande baile dos artistas.

Comenta-se a vinda no próximo mês, a nossa cidade, da primeira dama d. Maria Teresa Goulart, considerada pela imprensa mundial, como a mais bela primeira dama.

Dia 10, o grande Baile Municipal, este ano na sede social do Clube "Doze de Agosto", à rua João Pinto, com prêmios das luxuosas fantasias e escolha da Rainha do Carnaval.

Têrça-feira, baile juvenil de 12 anos a 17 anos, na sede social do Clube "Doze de Agosto", a rua João Pinto.

Têrça-feira, aconteceu movimentado o "American Bar", do Querência Palace Hotel, com muita gente do "society".

Domingo de Carnaval, tarde infantil carnavalesca no Lira Tênis, com prêmios das mais belas fantasias da petizada.

Elzinha Bonassis, no Carnaval apresentará com rica baiana estilizada, confecção de sra. Jurema Gonzaga.

CHAPEUS DE RAFIA EM "OSCAR MAGAZINE".

BERMUDAS PINTADAS PARA SENHORITAS EM "LORD MAGAZIN".

...MOUCASSIN PARA CAVALEIROS EM CORES EM "DEM'S CALÇADOS".

PENSAMENTO DO DIA:
Alcançar um ideal é superá-lo.



A efeméride de ontem, registrou a passagem do aniversário natalício do nosso prezado e estimado colega de imprensa, jornalista Salim Miguel, do Gabinete de Relações Públicas do Palácio do Governo, e pessoa muito relacionada em nossos meios sociais, culturais e jornalísticos.

O decurso de seu aniversário ontem, proporcionou-lhe avaliar o quanto é estimado e benquisto no seio de suas relações e amizades, quando recebeu muitos cumprimentos pela passagem da grata data.

"A GAZETA" embora com atraso, associa-se às felicitações que recebeu no dia de ontem, almejando-lhe crescentes felicidades, junto de todos os que lhe são caros.

—x—

Srta. Nícia Maria Breithaupt

Cyro Barreto

Transcorre, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado e distinto conterrâneo, sr. Cyro Barreto, pessoa muito benquista em nossos meios sociais.

Ao aniversariante, enviamos nossos cumprimentos, com votos de crescentes e ininterruptas felicidades.

João Lino Linhares

Passa hoje, o aniversário natalício do nosso estimado e prezado conterrâneo, sr. João Lino Linhares, a quem desejamos crescentes felicidades.

Carlos Passoni Júnior

A efeméride de hoje, registra o aniversário natalício do nosso estimado e prezado conterrâneo, sr. Carlos Passoni Júnior, pessoa largamente estimada em nossos meios sociais e a quem auguramos ininterruptas felicidades.

Demerval Vieira

Deflui hoje, o aniversário natalício do nosso estimado conterrâneo, sr. Demerval Vieira, a quem cumprimentamos augurando felicidades.

Srta. Arlete Tavares

Transcorreu, anteontem, o aniversário natalício da gentil senhorinha Arlete Tavares, diletta filha do nosso prezado conterrâneo, sr. Mário Tavares, Inspetor de Terras em Chapecó, e de sua exma. sra. d. Leocádia Tavares.

No decorrer de tão grata efeméride, auguramos à aniversariante, ininterruptas felicidades, extensivas à exma. família.

CASAMENTO

Enlace Varella — Morandi

Realizou-se dia 29 último, na

JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. **Jornal de SC**. Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11).

LITERATURA

Domingo, 27 de fevereiro de 1977

SUPLEMENTO

INC 12

Catarinenses fazem literatura (11)

Estamos quase a reiniciar um novo ano letivo. Nesse momento, faço um apelo especial a todos os professores de Português. Nossa missão não é ensinar, porque ninguém ensina. Nossa tarefa consiste em orientar. E através da orientação recebida é que o estudante poderá obter condições de conduzir sua vida e preparar-se para ela. Nossa orientação deve desviar o estudante dos valores. Vamos, então, desviar-lhe também a nossa realidade. Aprende-se português através de textos. E por que não usar textos nossos, catarinenses? Textos que estão mais próximos da realidade do aluno? Textos cujos autores o aluno pode conhecer?

Temos bons livros à disposição, sobretudo antologias, com grande variedade de temas e tratamentos. Entre as melhores e mais acessíveis, destaco as seguintes, para você poder escolher. Mas, escolha mesmo.

"Panorama do Conto Catarinense", organizado por Iaponan Soares, publicado em 1971 pela Editora Movimento em convênio com a UDESC, e reeditado em 1974 pela Movimento/MEC é, ao meu ver, a melhor antologia nossa. Resultado de uma pesquisa séria, procura realmente um panorama do conto em Santa Catarina, desde primitivos contos populares, anônimos, até os mais recentes escritores nossos.

Da Geração Simbolista, a mais antiga, inclui Virgílio Várzea, o chador do conto catarinense, com o longo "André, o Canoeiro", agradável e leve, focalizando a coragem e o amor do rapaz André, envolto na paisagem antiga, impressionista rural e marinha; Manoel dos Santos Lostada, em "A Oferta", também retrata o mundo mítico primitivo — a oferta de um menino ao Divino, em Enseada de Brito, novinho leilado a preço altíssimo e que, por maravilha, retornou ao pasto do dono; Oscar Rosas compõe com "Vampa", um conto de tempos revolucionários, quando um cavaleiro perde o seu cavalo-de-guerra.

Um segundo grupo de contistas é constituído pela Geração da Academia: o incansável José Boiteux relembra as aguras do Conselheiro — José Mascarenhas Coelho Pacheco Pereira de Melo, o "Barbata", ocorridas na Fortaleza de Santa Cruz (Desterro), destacando os revezes políticos ao tempo de Pombal. Em "Enterro", Altino Flores retrata os costumes do lúbu na cerimônia triste da despedida e enterro de um esposo e pai de família; Tito Carvalho, o introdutor do regionalismo na Literatura Catarinense, apresenta um dos contos de "Bulha d'Arco", "Luta de Touros" — a luta de morte entre o jagunê e o Baio-Curiado; "Os Gêmeos do Egídio Calheta" traz o Othon d'Eça de "Homens e Algas" — o humanismo com que ele sempre focaliza o limitado, pobre e sofrido mundo dos pescadores.

E agora entramos no conto de autores "Modernos". "De Anástacia Ainda a Voz" é uma página sensível de evocação saudosa de Antônio Paladino — uma promessa de escritor que a morte arrebatou aos 25 anos; Salim Miguel, em "Episódio Noturno", aborda o tema da solidão das pessoas, numa interessante montagem paralela: a noite da família em casa e a noite do boêmio no bar e na rua; em



IAPONAN SOARES

PANORAMA DO CONTO CATARINENSE

Caldas Filho descreve, em "O Brinde", a inexplicada morte de dois estranhos amigos, por ocasião do seu primeiro brinde. Em "O Homem Voador", de Rodrigo de Haro, encontramos a figura e o fantástico vôo do homem voador, impregnados de um profundo simbolismo e de uma incoerência ansiosa pelo mistério metafísico.

No acompanhamento da evolução histórica, na variada temática e no diverso tratamento, essa seleção de contos faz do "Panorama do Conto Catarinense" um livro recomendável para uso em aula, quer já nas últimas séries do Primeiro Grau, que no Segundo Grau e mesmo em Nível Superior.

Outra antologia, selecionada com critérios mais amplos, incluindo não só textos de ficção, mas também ensaios, é a "Antologia de Autores Catarinenses", organizada por Celestino Sachet e publicada pela Editora Laudes, em 1969. Chamamos a atenção sobre alguns dos melhores textos ficcionais:

Othon d'Eça traz mais um trecho de "Homens e Algas" — "A Penhora do João Sabro" — com a mesma visão humana do mundo pobre dos pescadores; Tito Carvalho está presente com o mesmo "Luta de Touros"; Almirante Caldeira de Andrade mais uma vez focaliza, no conto "A Bruxa", as crenças da gente de nossa ilha: "A Ponte" de Aníbal Nunes Pires, realiza o sonho do filho-engenheiro, J. P. Silveira de Souza, aqui focalizado domingo último, comparece com o ótimo e denso "O Morto"; "Em Casa do Banholista"; Flavio José Cardoso focaliza a ambiguidade trágica do amor; Miro Moraes está presente com um capítulo de "A Coroa no Reino das Possibilidades"; o conto extenso de Ricardo Hoffman, "A Partida", é de uma perfeição notável, denso, transpirando tragédia. No conto "Maria, Maria das Dores", que retrata as angústias da "desencontrada donzela" Maria das Dores, percebe-se a nítida influência do poeta Alcides Buss sobre o ficcionista. São alguns dos melhores exemplos de ficcionistas desta antologia.

A terceira antologia é "Assim Escrevem os Catarinenses", organizada por Emanuel Medeiros Vieira e publicada pela Editora Alfa-Omega, em 1976. Os 22 contos que a constituem provêm de 14 autores editados e oito inéditos. Trata-se só de autores vivos, pretendendo a antologia ser "um pedaço da vida barriga-verde nesta quadra da História", ou então, "uma arte que seja a revelação do humano". Entre os autores editados figuram os seguintes: Lindolf Bel apresenta "O Guardanoturno" da Universidade Nova, narrado em primeira pessoa fatos decorrentes de seu cargo, com refinada sensibilidade e conhecimentos, afluindo ao final o fantástico; Flavio José Cardoso consegue ótima caracterização de "Zélica Tavares cuja filha, Meu Deus que Malvadeza" — vivendo o passado mítico, singelo e popular da ilha; Zélica, na sua religiosidade, tradição e puritanismo, vigia os amores de Marivone, mas... que malvadeza; "Dispênia" de Jair F. Hamms, em bom diálogo, retrata a vingança do velho serrano de 70 anos; Ricardo Hoffman, no fantástico de "A Música das Esferas", substituindo a harmoniosa harpa pela ruidosa guitarra, traz as transformações do mundo com a

Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense

Lauro Junkes

"Instruções", A. Boes Jr. transmite-nos a angústia e o suspense decorrentes do excessivo zelo de um funcionário de Banco que, em horas extras, quer adiantar seu trabalho; "O Charadista", de Silveira de Souza, comentado domingo último, é um conto densamente trágico na sua concisão, ao expressar sua visão existencialista; "Noite", de Guido Wilmar Sassi consegue comunicar com angustiante realismo a situação trágica de Mané Juca, condenado a morrer no alto de um pinheiro em noite de inverno na serra, enquanto sua mulher grávida em nada o pode ajudar; Almirante Caldeira retrata com leveza em "Vigília de Ano Bom" a problemática romântica do mal-entendido — sogra e nora, vúvas não querem descansar na vigília do Ano Bom, esperando seus namorados, acontecendo o mesmo por parte destes; "Responso", de Lausimar Laus, narra o episódio cômico-sério de

um marido que suspende temporariamente suas saídas noturnas, em consequência da reza do responso por parte da esposa; Ricardo Hoffman, em "Final de Luta", focaliza os problemas de antagonismos entre pai e filho; na ironia amarga do título "Fratricida", Herculano Farias Jr. encerra a história triste de Jonas, cuja mãe fez enormes sacrifícios para criá-lo e permitir-lhe concluir o curso superior — mas tudo isso para tê-lo egoisticamente consigo, tolhendo-lhe a personalidade; Flavio José Cardoso, em "Chamamento" retrata as sofridas noites que não permitem o devido sono e descanso ao casal Silvano/Natália, às voltas com o filho José; Miro Moraes compõe com um quadro-histórico "A Coroa no Reino das Possibilidades"; Pérciles Prade traz o mundo fantástico e o realismo mágico do seu cão, de "Os Milagres do Cão Jerônimo"; Raul

moderna sociedade do consumo; Harry Laus constrói em boa onisciência limitada seu "O Coronel", e focaliza com muita delicadeza como o cabo, auxiliar nos serviços de datilografia, encontrou no Coronel uma imagem do pai, e como ele não consegue escrever isso a mãe, porque essa não encontra substituto; "Acertando os Ponteiros", traz a mundividência de Holdemar de Menezes: o projeto de oferecer a telefonista uma "profissão decente" com "status", através da "Academia da Vida"; Salim Miguel, em "Presente do Diabo", assemelha-se aos contos de "Alguém Gente", trazendo a problemática das superstições e crenças populares, estruturando o conto sob o ponto de vista limitado, com interferências do fluxo mental, e do diálogo interno; "A Ilha Dividida", de Osmar Pisani, comporta o realismo mágico ao narrar o estranho fato ocorrido quando o fotógrafo rasgou em duas partes a fotografia da ilha.

Guido Wilmar Sassi comparece com o acme aludido conto "Noite", em "Minha Gente", Iaponan Soares faz Maneta marcar o estranho caso em que seus irmãos esperaram 15 dias pela vinda dele, a fim de terem matéria para seu repasto; "O Vizinho", de Silveira de Souza retrata a angústia existente e o suspense não revelado de um estranho vizinho; "Macheza", curto, depurado e denso conto de Carlos Adauto Vieira secciona um momento de tensão entre os estivadores no cas, quando "os dois mais machos", Carioca e Ganancinha, se defrontam; Emanuel Medeiros Vieira, enquanto trata do problema da criação literária, faz desfilar a história de Beбето, um estrangeiro que vive seus amores enquanto anda pelas "estradas tristes e verdes de Santa Catarina, a procura de Pálio", a procura do amno-su.

Entre os inéditos temas: "Se Lembra de Stela?" mais um poema do que uma narrativa, de Osmar de Andrade: o êxtase evocativo do narrador ante Stela, que já não é mais; Wilson Antunes Jr. traz uma reflexão sobre o destino humano, no momento do salto de pára-quedas; "Depois do jogo", de Raul Caldas Filho narra um incidente popular num bar; Glauco Rodrigues Correa, em "Boca de Sin", traz vários relatos ao delegado de polícia sobre um incidente com rapaz que levava dinheiro de um Banco para o Banco do Brasil; Dupuy Antonio Cortes retrata em "O Encontro" a velha que passa seus dias à janela, recordando; Roberto Costa narra uma história de macho em "Sertão", um ajuste de contas "olho por olho" e membro por membro; "Decisão", de Herculano Farias Jr. impressiona pela concisão e pelo realismo marcante; finalmente, Cesar Valente fala com ironia do "Pós-Graduado no Exterior".

"Assim Escrevem os Catarinenses" é um bom retrato das letras em Santa Catarina na nossa "quadra da História". Talvez não seja recomendável para o Primeiro Grau, devido a temática ou estruturação de certos contos. E muito mais adequada para o nível Superior.

As antologias aqui focalizadas permitem uma visão inicial a todos que desejarem aproximar-se de nossa literatura. E preciso mostrar esse caminho aos nossos estudantes.

**correio do
SUDESTE**

23 de agosto de 1979

regional

3

GUIDI FALA A JORNALISTAS SOBRE AS OBRAS DE SUA ADMINISTRAÇÃO

Altair Guidi

anunciou que ao assumir o cargo de prefeito encetou uma campanha de arborização, a qual está se processando mediante a criação de novas áreas verdes e distribuição de mudas à comunidade. A propósito, informou que no próximo domingo, a partir das 8 horas da manhã, no calçadão da Praça Nereu Ramos, mais de 4 mil mudas de árvores serão entregues à comunidade, para que se sinta motivada, e participe ativamente dessa iniciativa da municipalidade. O programa terá continuidade, com a adoção de idêntica providência, nos bairros e distritos do município. Ressaltou mais adiante que a preocupação maior da atual administração consistem em colocar o homem acima de todas as prioridades, motivo pelo qual, tem intensificado suas ações visando a revitalização de pontos de encontro e de lazer, e a construção de novas praças, como as dos bairros Brasília, Santo Antônio, Mina União, Pinheirinho e Santa Bárbara. O calçadão da Praça Nereu Ramos, segundo anunciou, restituiu ao pedestre aquilo que originalmente sempre lhe pertenceu e que em função do desenvolvimento da cidade, acabou sendo absorvido pelo automóvel. Paralelamente, são realizadas atividades diversas para que a comunidade usufrua desses locais, compreendendo principalmente, atendimento e recreação orientada.

CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO

Relativamente ao centenário da colonização, adiantou que várias comissões estão trabalhando ativamente, com o objetivo de organizar as comemorações deste evento histórico. Além da emissão de um

selo postal alusivo à data, e que já recebeu parecer favorável da diretoria regional de Santa Catarina da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, foram confeccionados e estão sendo distribuídos adesivos, para maior difusão das festividades que irão assinalar o ano cem de Criciúma. Por outro lado, no próximo dia 22 de setembro, em monumental certame de beleza, a se realizar no ginásio de Esportes governador Colombo Machado Salles, será escolhida a rainha do centenário. O cobicção título será disputado, representantes das raças italianas, polonesas, negra, alemã e portuguesa. Para setembro do próximo ano e, portanto, durante as comemorações desse significativo evento, a cidade estará sediando a semana nacional do carvão, que por certo contará com recursos técnicos e financeiros do Ministério das Minas e Energia.

Mas independentemente dos inúmeros atrativos que serão propiciados aos criciúmens e visitantes, a cidade está sendo devidamente preparada, através da execução de obras de infra-estrutura, e da construção de uma pavilhão de exposições no parque centenário, com área superior a 6 mil metros quadrados. De outra parte, revelou que o sobrado recebido por doação pela prefeitura para conversão em museu, está com suas obras de restauração praticamente concluídas, faltando apenas a pintura. Esse valioso patrimônio histórico deverá se transformar no museu da colonização, e seu acervo consequentemente, será constituído de peças que pertenceram aos primeiros imigrantes. O prefeito Altair Guidi assegurou aos repórteres que todas as obras atacadas com vistas ao

centenário, estarão prontas até fins de dezembro do corrente ano.

SISTEMA VIÁRIO DO MUNICÍPIO

Em sua entrevista, o prefeito também fez declarações a respeito da pavimentação asfáltica do anel viário da Fuch, e da avenida dos imigrantes, e que interliga as avenidas Santos Dumont e Luiz Lazzarin, integrando o anel de contorno do município. As duas últimas estão sendo prolongadas, o mesmo acontecendo com a avenida Centenário, no sentido norte. A segunda pista dessa avenida, a partir do bairro Santo Antônio até o Pinheirinho, está com a base totalmente implantada, e dentro dos próximos dias, receberá o revestimento asfáltico. Com a aquisição de uma nova usina de asfalto, informou o prefeito que as obras de pavimentação estão se desenvolvendo em ritmo mais acelerado, e que até dia 15 de fevereiro do próximo ano, pretende entregar ao tráfego o acesso sul, inteiramente asfaltado até a BR-101. Também informou que imediatamente após o término do asfaltamento da pista do aeroporto municipal de Santa Libéria, o que acontecerá dentro do prazo de 10 dias, iniciará o capeamento de todas as artérias centrais, incluindo as que são percorridas por pelo canal artificial do rio Criciúma.

Esta obra está quase pronta, restando tão somente, um pequeno trecho da rua Coronel Pedro Benedit. Esclareceu que foi dada prioridade a esse empreendimento, para acabar de vez com o pesadelo das inundações que vinham causando grande inquietação à população. Foi mostrado igualmente, em suas diversas fases de execução, o bueiro celular triplo construído no bairro Santo Antônio, e que teve seu custo orçado em 2 milhões de cruzeiros. Essa obra de arte veio substituir uma velha ponte de madeira, favorecendo ainda, uma maior vazão do rio Criciúma. O prolongamento da rua João Pessoa no bairro Mina Napolini, foi também destacada pelo prefeito em sua entrevista, já que se trata de uma reivindicação que se arrastou ao longo de mais de duas décadas, e somente agora é que foi atendida.

A construção do terminal de transportes urbanos, integra-se igualmente ao conjunto de medidas que adotou o chefe do executivo criciúmeno, visando ao atendimento de funções básicas da cidade, cuja estrutura revelava-se arcaica em relação ao acentuado desenvolvimento do município. Como em sua recente entrevista coletiva à imprensa, o arquiteto Altair Guidi, insistiu em que «o local escolhido para a concretização desse empreendimento não foi o mais apropriado, mas como era o melhor que possuíamos não nos restou outra alternativa. Todavia, já existe um decreto reservando área do paço municipal para a construção de um novo terminal». O atual está sendo urbanizado, e seu moderno sistema de iluminação já foi ativado. O chefe do executivo criciúmeno frisou ainda, que em pouco mais de dois

anos e meio de administração, investiu mais de 55 milhões de cruzeiros em equipamentos, e saldou elevado montante de dívidas contraídas pelo governo anterior.

OUTRAS REALIZAÇÕES

O chefe do poder executivo, revelou quase ao final de sua entrevista, que além das obras anteriormente referidas, outras foram executadas, compreendendo 11 centros comunitários, diversos prédios escolares e quadras esportivas. Com a finalidade de atender-se também à comunidade, foi construído um centro social urbano no bairro Próspera, envolvendo a participação dos governos municipal, estadual e federal. A ampliação das arquibancadas do estádio do Criciúma Esporte Clube, teve a aplicação de recursos da Prefeitura Muni-

cipal, o que viabilizou a execução das obras no prazo de 6 meses. Os serviços complementares encontram-se em fase bastante adiantada, já agora, absorvendo auxílio financeiro proveniente de convênio firmado entre essa agremiação e o governo estadual, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.

A derradeira indagação formulada ao prefeito Altair Guidi, consultou sua opinião sobre a prorrogação de mandatos, e ratificando posicionamento já manifestado anteriormente, quando da entrevista coletiva à imprensa criciúmena, disse que embora seja contrário à adoção dessa medida, «sob vários aspectos ela beneficiaria à nossa administração, pois permitiria que concluíssemos obras, que no período normal de mandato não teríamos condições de executar».

NOSSO AGENTE EM URUSSANGA

ARMANDO FERRARO

NOSSO AGENTE EM MORRO DA FUMAÇA

PE. JORGE DARÓS

DR. JOACY CASAGRANDE PAULO

Membro titular da Associação Mundial de Psiquiatria.

ESPECIALISTA EM DOENÇAS NERVOSAS, MENTAIS, ALCOOLISMO E TOXICOMANIA. Atende em Criciúma somente nas sextas feiras e sábados.

phones: 33-1825 - 33-194 - 33-3186
Rua João Zanete, 116 - sala 21
CRICIÚMA - SC

PISCINA Prove que você gosta de sua família. Apronte-se para o verão, instale uma piscina em sua residência.

Ela vai trazer muitas alegrias para os seus, irá valorizar sua casa, e melhorar seu status. Nós instalamos a sua piscina em uma semana. Você não tem que se preocupar com empreiteiros, material e operários trabalhando durante meses e causando aqueles incômodos todos. Entregamos-lhe a piscina pronta com equipamento completo, acessórios e produtos químicos. Damos ainda garantia e assistência técnica total.

Fornecemos equipamentos completos Jacuzzi para piscinas de concreto de clubes e residências.

GLASSTHERM Fiberglass Industrial Ltda. Rua Tiradentes 190 - Fone: 33-3306
REVENDEDOR AUTORIZADO JACUZZI PARA O SUL DO ESTADO

Índice de Autores

Autor	Referências	Número
CALDAS FILHO, Raul	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	026
	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista	027
CONDÉ, José	CONDÉ, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã . Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.	007
	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". Correio da Manhã . Rio de Janeiro, Nov. 1959, pag. 2.	008
	CONDÉ, José. 6 Noticias catarinenses. Correio da Manhã . Rio de Janeiro. 06 ago. 1959.	009
FRIAS, Lena	FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto. (s.l.)	030
GORGA FILHO, Remy	GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra. Correio do Povo . Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7	001
GUIDI, Altair	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. Correio do Sudeste . (s.l.), 23 ago. 1979	047
HOHFELDT, Antonio	HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. Correio do Povo . (s.l.), 15 dez. 1979, p.15.	039
JUNKES, Lauro	JUNKES, Lauro. Salim Miguel -1. [Jornal - ...]. Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	031
	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: " A morte do tenente e outras mortes". JSC . Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	038
	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. JSC . Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	046
MARTINS, Wilson	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	036
PEREZ, Renard	PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. Ultima hora . Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.	042
POLVORA, Helio	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	005
	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. O Estado . Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	006
PRADE, Péricles	PRADE, Péricles. Pericles Prade apresenta Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 07 ago.1963.	004
SILVEIRA, Luiz Henrique da	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. O Município . Brusque, 28 out. 1966. pag. 2	003
SIMÕES JUNIOR, Antonio	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel. Revista Veladas . Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	010
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 07 abr. 1957.	011
STODIECK, Beto	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. O Estado . Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	025
	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". A Gazeta . Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002
	LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. Diário de Pernambuco . Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3	012

	SANTA CATARINA. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n. 80.	013
	A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. Jornal Popular . Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	014
	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. Diário Catarinense . Florianópolis, 21 mar. 1956	015
	REVISTAS e jornais. Tapejana . Ponta Grossa, dez. 1956	016
	SUL. Estúdios . Buenos Aires, Nov.1956	017
	LITERATURA nos estados: Santa Catarina. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.	018
	UM nome e sete perguntas:Salim Miguel. Diário da Tarde . Florianópolis, ago.1953	019
	JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	020
	Salim Miguel. Correio Lageano . Lages, 19 jan. 1952.	021
	AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. Voz da Unidade . (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247	022
	ALMOÇANDO na manchete. Folha de Londrina . Londrina, 29 nov. 1973.	023
	SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. O Estado . Florianópolis, 12 dez. 1973	024
	OS MELHORES contos brasileiros de 1973. DJ . Porto Alegre, 29 out. 1974	028
	SALIM Miguel. Correio do Povo . Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	029
	JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. A Gazeta . [Florianópolis], 08 jun. 1979.	032
	SALIM Miguel. Jornal da Semana . (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem	033
	INFORMAÇÃO geral. O Estado . Florianópolis, 13 jun.1979.	034
	SALIM e a nossa Biguaçu. Jornal de santa Catarina . Florianópolis, 14 jun. 1979, pag. 13	035
	MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". Correio do Povo . Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	037
	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. A Cidade . S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.	040
	O QUE vamos ler. Correio da manhã . [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag. 9.	041
	ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. O Estado . Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	043
	SALIM Miguel: natalício. O Estado . Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
	NOTAS Sociais. A Gazeta . Florianópolis, 31 jan. 1964.	045

Índice de Jornais

Jornal	Referências	Número
A Cidade	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelistas e livreiros objetiva uma campanha de progresso. A Cidade . S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.	040
A Gazeta	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". A Gazeta . Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002
	JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. A Gazeta . [Florianópolis], 08 jun. 1979.	032
	NOTAS Sociais. A Gazeta . Florianópolis, 31 jan. 1964.	045
Correio da Manhã	CONDE, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã . Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.	007
	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". Correio da Manhã . Rio de Janeiro, Nov. 1959, pag. 2.	008
	CONDÉ, José. 6 Notícias catarinenses. Correio da Manhã . Rio de Janeiro. 06 ago. 1959.	009
	O QUE vamos ler. Correio da manhã . [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag. 9.	041
Correio do Povo	GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra. Correio do Povo . Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7	001
	SALIM Miguel. Correio do Povo . Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	029
	MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". Correio do Povo . Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	037
	HOHFELDT, Antonio. O círculo da memória. Correio do Povo . (s.l.), 15 dez. 1979, p.15.	039
Correio do Sudeste	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. Correio do Sudeste . (s.l.), 23 ago. 1979	047
Correio Lageano	Salim Miguel. Correio Lageano . Lages, 19 jan. 1952.	021
Diário Catarinense	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : jornalista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. Diário Catarinense . Florianópolis, 21 mar. 1956	015
Diário da Tarde	UM nome e sete perguntas: Salim Miguel. Diário da Tarde . Florianópolis, ago.1953	019
Diário de Pernambuco	LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. Diário de Pernambuco . Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3	012
DJ	OS MELHORES contos brasileiros de 1973. DJ . Porto Alegre, 29 out. 1974	028
Estúdios	SUL. Estúdios . Buenos Aires, Nov.1956	017
Folha de Londrina	ALMOÇANDO na manchete. Folha de Londrina . Londrina, 29 nov. 1973.	023
Jornal da Semana	SALIM Miguel. Jornal da Semana . (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem	033
Jornal de Letras	SANTA CATARINA. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n. 80.	013
	LITERATURA nos estados: Santa Catarina. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.	018
Jornal do Brasil	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	005

	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	036
Jornal Popular	A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. Jornal Popular . Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	014
JSC	SALIM e a nossa Biguaçu. Jornal de santa Catarina . Florianópolis, 14 jun. 1979, pag. 13	035
	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: "A morte do tenente e outras mortes". JSC . Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	038
	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. JSC . Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	046
	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. O Estado . Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	006
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 07 abr. 1957.	011
	SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. O Estado . Florianópolis, 12 dez. 1973	024
	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. O Estado . Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	025
	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	026
	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista	027
	INFORMAÇÃO geral. O Estado . Florianópolis, 13 jun.1979.	034
	ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. O Estado . Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	043
	SALIM Miguel: natalício. O Estado . Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
O Município	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. O Município . Brusque, 28 out. 1966. pag. 2	003
Revista Veladas	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel. Revista Veladas . Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	010
Tapejana	REVISTAS e jornais. Tapejana . Ponta Grossa, dez. 1956	016
Ultima hora	PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. Ultima hora . Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.	042
Voz da Unidade	AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. Voz da Unidade . (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247	022
Não identificado	JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	020
	FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto. (s.l.)	030
	JUNKES, Lauro.Salim Miguel -1. [Jornal - ...]. Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	031

Índice por ano

Ano	Referências	Número
1952	JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	020
	Salim Miguel. Correio Lageano . Lages, 19 jan. 1952.	021
1953	UM nome e sete perguntas: Salim Miguel. Diário da Tarde . Florianópolis, ago. 1953	019
1956	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelistas e livreiros objetivam uma campanha de progresso. A Cidade . S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.	040
	LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. Diário de Pernambuco . Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3	012
	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. Diário Catarinense . Florianópolis, 21 mar. 1956	015
	REVISTAS e jornais. Tapejana . Ponta Grossa, dez. 1956	016
	SANTA CATARINA. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n. 80.	013
	LITERATURA nos estados: Santa Catarina. Jornal de Letras . Rio de Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.	018
	SUL. Estúdios . Buenos Aires, Nov. 1956	017
1957	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 07 abr. 1957.	011
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel. Revista Veladas . Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	010
1958	A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. Jornal Popular . Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	014
1959	CONDÉ, José. 6 Noticias catarinenses. Correio da Manhã . Rio de Janeiro. 06 ago. 1959.	009
	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". Correio da Manhã . Rio de Janeiro, Nov. 1959, pag. 2.	008
1960	CONDE, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã . Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.	007
	ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento. O Estado . Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	043
	O QUE vamos ler. Correio da manhã . [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag. 9.	041

19 61	PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. Ultima hora . Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.	042
19 63	PRADE, Péricles. Pericles Prade apresenta Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 07 ago.1963.	004
19 64	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	005
	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. O Estado . Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	006
	SALIM Miguel: natalício. O Estado . Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
	NOTAS Sociais. A Gazeta . Florianópolis, 31 jan. 1964.	045
19 66	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. O Município . Brusque, 28 out. 1966. pag. 2	003
19 69	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". A Gazeta . Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002
	GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim : um ficcionista que busca as dimensões da palavra. Correio do Povo . Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7	001
	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	026
19 73	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. O Estado . Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista	027
	SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. O Estado . Florianópolis, 12 dez. 1973	024
	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. O Estado . Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	025
	ALMOÇANDO na manchete. Folha de Londrina . Londrina, 29 nov. 1973.	023
19 74	OS MELHORES contos brasileiros de 1973. DJ . Porto Alegre, 29 out. 1974	028
19 76	SALIM Miguel. Correio do Povo . Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	029
19 77	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. JSC . Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	046
19 79	JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. A Gazeta . [Florianópolis], 08 jun. 1979.	032
	SALIM Miguel. Jornal da Semana . (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem	033
	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. Jornal do Brasil . Rio de janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	036
	MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". Correio do Povo . Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	037
	JUNKES, Lauro.Salim Miguel -1. [Jornal - ...] . Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	031
	INFORMAÇÃO geral. O Estado . Florianópolis, 13 jun.1979.	034
	SALIM e a nossa Biguaçu. Jornal de santa Catarina . Florianópolis, 14 jun. 1979, pag. 13	035
	HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. Correio do Povo . (s.l.), 15 dez. 1979, p.15.	039
	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: " A morte do tenente e outras mortes". JSC . Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	038
	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. Correio do Sudeste . (s.l.), 23 ago. 1979	047
19 85	AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. Voz da Unidade . (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247	022
	FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto. (s.l.)	030